

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E LETRAS (ICHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO (PPGCCOM)

DO 'CRIAÇÃO' AO 'BEM VIVER':
METAMORFOSES DO CADERNO DE CULTURA
DO JORNAL A CRÍTICA

HANNE CRISTHINE ASSIMEN CALDAS

MANAUS
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E LETRAS (ICHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO (PPGCCOM)

HANNE CRISTHINE ASSIMEN CALDAS

DO 'CRIAÇÃO' AO 'BEM VIVER':
METAMORFOSES DO CADERNO DE CULTURA
DO JORNAL A CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Ecossistemas Comunicacionais, Linha 2 – Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais, orientado pelo Prof Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

MANAUS
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Caldas, Hanne Cristhine Assimen

C145d Do 'Criação' ao 'Bem Viver' : Metamorfoses do caderno de cultura do jornal A Crítica / Hanne Cristhine Assimen Caldas. 2017

162 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Ecosystemas Comunicacionais. 2. Jornalismo. 3. Jornalismo Cultural. 4. Jornal A Crítica. 5. Cultura. I. Pinto, Ernesto Renan Melo de Freitas II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

HANNE CRISTHINE ASSIMEN CALDAS

DO 'CRIAÇÃO' AO 'BEM VIVER':
METAMORFOSES DO CADERNO DE CULTURA DO JORNAL A CRÍTICA

Área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais (CSAI)

Linha de Pesquisa: Linguagens, representações e estéticas comunicacionais

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Wilson Nogueira
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo a Deus e meus pais, Cáritas e Isac (in memorian), por serem a razão de todo meu esforço e dedicação.

Ao companheiro, amigo e mentor, Helder Mourão, que me apoia e incentiva sempre. Ele que compartilha dos contentamentos e das consternações da caminhada dessa vida. A gratidão se estende aos queridos sogros, Maria do Carmo e João Cabral.

Aos colegas de mestrado, e hoje amigos, que dividiram comigo as alegrias e angústias de se fazer pesquisa, Elizabeth Cavalcante, Daiana Gualberto, Adriano Rodrigues e Rafael Lopes.

Aos caros amigos de trabalho Elizabeth Cavalcante, Mário Lima, Camilla Sá Freire e Eduardo Silva pelo companheirismo, colaboração e incentivo em todos os momentos.

Em especial agradeço à querida Beth, pois nela encontrei uma amiga, mãe, chefe, aconselhadora, professora, enfim, uma Mestre que me ensina a cada dia a lidar com leveza com as vicissitudes da vida.

Agradecimentos especiais também para Camilla Sá Freire e família, a qual abriu as portas de sua casa para abrigar uma mestranda sem norte. Grande parte da análise dos jornais foi realizada no conforto e na paz do lar da família Sá Freire. Gratidão!

Ao PPGCCOM, pela oportunidade de ampliar os horizontes, e aos professores desta pós-graduação por todos os ensinamentos e palavras de incentivo. À FAPEAM pelo fomento da pesquisa e por toda a atenção da equipe que sempre me atendeu com gentileza.

Ao meu orientador, Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, pelas palavras sábias, pelo apoio no momento de mudança radical da pesquisa, e sobretudo pela paciência!

Ao Artista Plástico, Otoni Mesquita, por ceder o corpus do caderno Criação e pela confiança.

Ao jornal A Crítica, por ceder uma assinatura digital para que eu pudesse ter acesso às edições do caderno Bem Viver de 2016.

Aos entrevistados que colaboraram e enriqueceram esta pesquisa: Mario Freire, Betsy Bell, Elaíze Farias, Lucy Rodrigues, Rosiel Mendonça e Artur Cesar.

Por fim, a todos os familiares e amigos que se sentem realizados a cada conquista da minha caminhada.

DO CRIAÇÃO

AO BEM VIVER

Do 'Criação' ao 'Bem viver':
Metamorfoses do Caderno de
Cultura do Jornal A crítica

Hanne Christine Assimen Caldas
Universidade Federal do Amazonas-UFAM

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão acerca do papel dos cadernos culturais Criação e Bem Viver do jornal A Crítica, nascido em 19 de abril de 1949 e atualmente com 68 anos de idade. Verifica a metamorfose do jornalismo cultural em ambos os cadernos. Observa de que maneira o exercício e a representatividade do jornalismo cultural se modifica desde o caderno Criação até os tempos atuais com o caderno Bem Viver. Para isso, reflete a partir das esferas de cultura, dos clássicos aos contemporâneos, da definição de jornalismo, e jornalismo cultural. Bem como sobre o papel e importância do crítico na composição da atividade do jornalismo cultural. Verifica se e como a cultura local encontra-se representada em detrimento da cultura exógena. A pesquisa está ancorada nos conceitos de cultura sob a ótica de Raymond Williams (1979) e Terry Eagleton (2003), de jornalismo como conhecimento (Adelmo Genro Filho, 1987), jornalismo cultural com base principalmente em José Salvador Faro (2006), Daniel Piza (2013) e Frantjesco Ballerini (2015), o qual baseia todas as categorias do jornalismo cultural nesta pesquisa, a saber: literatura, artes visuais, música, cinema, teatro, moda, games e internet, entre outros universos que habitualmente constituem a realidade da sociedade contemporânea. Como método foi utilizado a Análise Documental, aplicado em dois *corpus*, sendo o primeiro o caderno Criação, contabilizando um total de 242 jornais; e o segundo o caderno Bem Viver, circulado do início dos anos 2000 até hoje, foi analisado o período de abril a setembro de 2016. Assim, o norte da pesquisa são os Ecossistemas Comunicacionais, área de concentração do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Portanto, a pesquisa busca compreender esse fenômeno do processo comunicacional dentro da complexidade que o pressupõe, o que significa abranger as diversas esferas que influenciam, modificam e constroem o jornalismo cultural produzido por esses cadernos. As conclusões apontam para o fato de que o Criação e Bem Viver realizam jornalismo cultural de modos distintos. O Criação, circulado na década de 90, se mostra como um espaço aberto a reflexão, crítica acerca das produções culturais de seu tempo. O Bem Viver se mostra com uma produção de jornalismo cultural contemporâneo, com enfoque no processo mercadológico. Essa diferenciação reflete também no jornalismo enquanto conhecimento, demonstrando que o Criação é incentivado a essa prática, enquanto que o Bem Viver a abordagem jornalística noticiosa das pautas se sustenta, prioritariamente, por lançamentos recentes do processo mercadológico ou outros acontecimentos relacionados ao tempo presente, limitando o escopo da apreciação ao legítimo jornalismo cultural enquanto atividade prática e intelectual.

Palavras-chave: Ecossistemas Comunicacionais; Jornalismo; Jornalismo Cultural; Cultura; Jornal A Crítica; Criação; Bem Viver.

ABSTRACT

This paper reflects on the role of Creation and Well-being cultural notebooks of the newspaper A Crítica, born on April 19, 1949 and currently 68 years old. It verifies the metamorphosis of cultural journalism in both books. Note how the exercise and representativeness of cultural journalism changes from the Creation notebook to present times with the Bem Viver notebook. For this, it reflects from the spheres of culture, from the classic to the contemporary, from the definition of journalism, and cultural journalism. As well as on the role and importance of the critic in the composition of the activity of cultural journalism. It verifies whether and how the local culture is represented to the detriment of the exogenous culture. The research is anchored in cultural concepts from the perspective of Raymond Williams (1979) and Terry Eagleton (2003), journalism as knowledge (Adelmo Genro Filho, 1987), cultural journalism based mainly on José Salvador Faro (2006), Daniel Piza (2013) and Frantjesco Ballerini (2015), which bases all the categories of cultural journalism in this research, namely: literature, visual arts, music, cinema, theater, fashion, games and internet, among other universes that usually constitute the Reality of contemporary society. As a method was used the Documentary Analysis, applied in two corpus, the first being the Creation notebook, counting a total of 242 newspapers; And the second, the Bem Viver notebook, circulated from the beginning of the 2000s until today, analyzed the period from April to September 2016. Thus, the northern part of the research is the Communication Ecosystems, a concentration area of the Postgraduate Science Program Communication. Therefore, the research seeks to understand this phenomenon of the communicational process within the complexity that presupposes it, which means to cover the various spheres that influence, modify and construct the cultural journalism produced by these notebooks. The conclusions point to the fact that Creation and Well-being perform cultural journalism in different ways. The Creation, circulated in the 90's, shows itself as a space open to reflection, critical about the cultural productions of its time. Bem Viver is shown with a production of contemporary cultural journalism, focusing on the marketing process. This differentiation also reflects in journalism as knowledge, demonstrating that Creation is encouraged to this practice, while Good Living the news journalistic approach of the guidelines is supported, as a matter of priority, by recent releases of the marketing process or other events related to the present time, limiting The scope of appreciation of legitimate cultural journalism as a practical and intellectual activity.

Keywords: Communication Ecosystems; Journalism; Cultural Journalism; Culture; Journal A Critic; Creation; Well live

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	79
Figura 2.....	79
Figura 3.....	80
Figura 4.....	80
Figura 5.....	81
Figura 6.....	81
Figura 7.....	83
Figura 8.....	83
Figura 9.....	84
Figura 10.....	84
Figura 11.....	85
Figura 12.....	90
Figura 13.....	91
Figura 14.....	91
Figura 15.....	93
Figura 16.....	94
Figura 17.....	94
Figura 18.....	95
Figura 19.....	98
Figura 20.....	98
Figura 21.....	99
Figura 22.....	100
Figura 23.....	101
Figura 24.....	102
Figura 25.....	105
Figura 26.....	106
Figura 27.....	106
Figura 28.....	106
Figura 29.....	107
Figura 30.....	107
Figura 31.....	108
Figura 32.....	109
Figura 33.....	109
Figura 34.....	109
Figura 35.....	110
Figura 36.....	110
Figura 37.....	113
Figura 38.....	113
Figura 39.....	114
Figura 40.....	114
Figura 41.....	115
Figura 42.....	116
Figura 43.....	116
Figura 44.....	117
Figura 45.....	118
Figura 46.....	118
Figura 47.....	119
Figura 48.....	122

Figura 49.....	122
Figura 50	122
Figura 51.....	122
Figura 52.....	124
Figura 53.....	124
Figura 54.....	125
Figura 55.....	125
Figura 56.....	125
Figura 57.....	125
Figura 58.....	125
Figura 59.....	125
Figura 60.....	125
Figura 61.....	125
Figura 62.....	125
Figura 63.....	126
Figura 64.....	128
Figura 65.....	128
Figura 66.....	128
Figura 67.....	129
Figura 68.....	129
Figura 69.....	129
Figura 70.....	130
Figura 71.....	130
Figura 72.....	130
Figura 73.....	131
Figura 74.....	131
Figura 75.....	131
Figura 76.....	132

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I – Sociedade, cultura e jornalismo.....	17
1. Sociedade e cultura.....	17
1.1. Contexto histórico e a cultura Amazônica.....	22
1.2. Jornalismo e Jornalismo Cultural.....	25
1.2.1. Jornalismo: uma forma e prática social de conhecimento.....	25
1.2.2. Jornalismo Cultural: mosaicos da história e prática.....	33
1.2.3. Jornalismo cultural: olhares plurais.....	34
1.2.4. Universos do jornalismo cultural.....	37
1.2.4.1. Literatura.....	37
1.2.4.2. Artes Visuais.....	39
1.2.4.3. Teatro.....	40
1.2.4.4. Cinema.....	42
1.2.4.5. Música.....	43
1.2.4.6. Universos contemporâneos.....	44
Capítulo II – Jornalismo cultural: universo em metamorfose.....	47
2. Jornalismo cultural: um discurso em construção.....	48
2.1. O crítico: papel e seu valor.....	55
2.2. Clube da Madrugada.....	56
2.3. Jornalismo cultural em Manaus.....	62
Capítulo III – Do Criação ao Bem Viver.....	68
3. O que trazem o <i>corpus</i>	68
3.1.1. Caderno Criação.....	69
3.1.2. Caderno Bem Viver.....	72
3.2. Metamorfose do jornalismo cultural do Criação ao Bem Viver.....	75
3.2.1. Literatura.....	77
3.2.2. Artes Visuais.....	88
3.2.3. Teatro.....	97
3.2.4. Cinema.....	104
3.2.5. Música.....	112
3.2.6. Outros universos.....	120
3.3. Resultados e Discussões.....	132
Considerações Finais.....	137
Referências.....	139
Apêndices.....	142
Apêndice 1 – Entrevista com Artur Cesar.....	142
Apêndice 2 – Entrevista com Rosiel Mendonça.....	143
Apêndice 3 – Entrevista com Mário Freire.....	145
Apêndice 4 – Entrevista com Lucy Rodrigues.....	149
Apêndice 5 – Entrevista com Elaize Farias.....	154
Apêndice 6 – Entrevista com Betsy Bell.....	160

INTRODUÇÃO

A influência das mídias na construção da realidade e das visões de mundo da sociedade traz à tona a necessidade que haja uma leitura quanto a atuação desses veículos midiáticos. Os conteúdos difundidos pelos veículos de comunicação demonstram os conflitos e contradições sociais e, ao mesmo tempo, possuem o potencial de ampliar a visibilidade dos conteúdos que são tratados, delimitar a importância de haver questionamentos e traçar caminhos a serem percorridos pelo público consumidor.

A pesquisa parte do princípio que pensar a cultura de um lugar é refletir a trajetória que uma sociedade constrói de geração a geração. Refletir sobre a cultura por meio do jornalismo cultural é ir aos meandros de uma sociedade em constante formação para entender a relação entre sociedade, cultura e jornalismo. Portanto, o presente trabalho busca como objetivo geral refletir acerca da metamorfose do jornalismo cultural desempenhado por meio dos cadernos culturais Criação e Bem Viver do jornal A Crítica. E tem como norte os seguintes objetivos específicos: debater a relação entre comunicação, cultura e consumo na perspectiva das transformações que o jornalismo cultural tem transitado; descrever a trajetória do jornal A Crítica no contexto editorial e de criação de ambos os cadernos; caracterizar o jornalismo cultural produzido pelo caderno Criação e pelo caderno Bem Viver; examinar o que distingue as duas experiências de jornalismo cultural, identificando semelhanças e diferenças; analisar como se encontra representada a cultura local em ambos os cadernos.

O que é cultura? Qual o valor da cultura? Como se define o jornalismo cultural? Em que medida a cultura local está representada? Qual contribuição tem sido realizada pelo jornalismo cultural local? Qual papel o jornalismo cultural local tem desempenhado nesse ambiente de consumo? Esses e outros questionamentos norteiam a pesquisa, a qual germina pela inquietação da pesquisadora ao perceber uma lacuna quanto ao conteúdo voltado para a produção e divulgação da cultura sob uma perspectiva reflexiva, se comparado ao jornalismo cultural realizado numa época não longínqua, como na década de 90. Muitos são os conceitos para definir jornalismo cultural. Em síntese, esta pesquisa compreende o jornalismo cultural como uma atividade prática e intelectual, o qual com seu aspecto informativo tem a capacidade de refletir sob uma perspectiva crítica, interagir com a sociedade e dar visibilidade ao que acontece e é produzido enquanto cultura.

Assim surgiu a necessidade de um estudo crítico e reflexivo quanto a metamorfose que o jornalismo cultural local vem manifestando (ou sofrendo), o qual busca suscitar e por em evidência as relações que contribuem para que tenha se tornado corrente e que ao mesmo tempo tenha agregado diversos conteúdos em seu universo e, em paralelo, ainda dispute espaço com os demais jornalisismos especializados.

A problemática em evidência se mostra ecossistêmica, o que significa levar em consideração os diversos fatores que contribuem para essa transformação, tendo em vista o jornalismo cultural estar inserido numa conjuntura social, em que é modificado pelos sujeitos históricos conforme a narrativa de cada época. Bem como as possíveis relações entre diversas esferas sociais, tais como a econômica, social, política, cultural que possam estar implícitas nos meandros dessas interações do jornalismo cultural praticado pelo jornal. Os ecossistemas são entendidos enquanto relações que interagem constantemente, que levam em conta todos os elementos envolvidos e conseqüentemente que possibilitam a *construção, significação e circulação* das mensagens na vida social (PEREIRA, 2012). Esse entendimento nos remete ao conhecimento que os veículos de comunicação contribuem nesse processo ecossistêmico, ou seja, as organizações midiáticas não somente refletem, mas também constroem a realidade social, o que influencia indiretamente nas tomadas das decisões de um público muitas vezes cativo.

Quanto a escolha do *corpus*, o Jornal A Crítica como grande campo que abriga os cadernos culturais, deu-se devido a abrangência do periódico e por ser um dos mais antigos, lançado em 1949, se comparado aos principais jornais que circulam atualmente na cidade, tais como Amazonas em Tempo e Diário do Amazonas.

De acordo com Taveira (2001) os jornais que circulavam na cidade em 1949 eram Diário da Tarde, A Tarde, A Gazeta e Jornal do Commercio, os quais fecharam ao longo dos anos, somente permanecendo este último. Apesar da fundação do Jornal do Commercio datar de 2 de janeiro de 1904, o mesmo passou a fazer jornalismo especializado em economia, depois de fazer um jornalismo cultural inovador na cidade.

A Crítica surge, em Manaus, no dia 19 de abril de 1949, idealizado pelo jornalista Umberto Calderaro Filho. Nasceu em 28 de março de 1927 e morreu em 16 de junho de 1995. À época o trabalho do jornal era todo feito pela família Calderaro e alguns amigos. Com o tempo o jornal cresceu e se expandiu para o interior do estado, chegando a ser apontado por pesquisas como o de maior circulação do Amazonas. Quanto ao investimento em assuntos segmentados, o jornal também passou a se

estruturar e quando na década de 80 já apresenta aperfeiçoamento, tais como as divisões temáticas. Ao passar dos anos começou a dedicar espaços para a temática cultura, desenvolvendo um esboço para o chamado jornalismo cultural.

O caderno Criação foi um suplemento cultural voltado para a cobertura de produções de literatura, música, artes plásticas, teatro, artistas e intelectuais locais, críticos, etc. Circulado em uma época em que não havia o que se convencionou chamar de ‘avanço tecnológico’, ou seja, a internet, o Criação foi um dos primeiros cadernos culturais do jornal A Crítica. Antes dele existiu também o caderno Vida, produzido entre a década de 70 e 80. Vale ressaltar, este não foi selecionado para pesquisa devido a dificuldade de acessá-los, tendo tido contato somente com alguns exemplares por meio do acervo pessoal do artista plástico amazonense Otoni Mesquita.

Vale frisar ainda que os exemplares do Criação utilizados nesta pesquisa também são do acervo do artista mencionado, o qual cedeu exemplares de 1991 a 1999, somando um total de 242 edições. Ter acesso ao acervo pessoal de Otoni Mesquita foi de extrema importância para o ato de garimpar informações, uma vez que realizar esta atividade na biblioteca pública se tornou dificultosa devido à conservação de muitos exemplares e o tempo que a pesquisadora precisava dispensar ao ter que ficar no local para fazer o registro fotográfico de cada exemplar, o que poderia interferir na qualidade para uma leitura e análise posteriormente. Por outro lado, caminhei por entre dados já filtrados de outro olhar, uma vez que o artista guardava apenas o que o mais interessava, haja vista que também foi professor no curso de Artes da Ufam, e assim possuía uma frequente participação neste caderno.

Seguindo a ordem cronológica, quando em meados de 1999 surge o caderno Bem Viver, tratava-se de uma nova proposta de fazer jornalismo cultural, pois é lançado no início de um novo tempo do avanço tecnológico, em que a internet chega e passa a reformular as formas das relações de trabalho, sociais, produções para o mercado, etc. Sobre o *corpus* referente ao caderno Bem Viver, tivemos acesso somente a duas das primeiras edições também por meio do acervo de Otoni Mesquita. Tendo em vista o material escasso, mergulhamos entres os exemplares do ano de 2016, disponibilizados pelo jornal A Crítica a partir de cortesia de uma assinatura digital, o que nos possibilitou aprofundamento e informações para comparações entre os cadernos, considerando o tempo histórico de cada um, sua redação, as tecnologias disponíveis e as relações sociais construídas entre eles, desembocando enfim no modo como reportam o material sobre cultura no jornal.

Compreendemos que são produções em tempos distintos, em que a primeira atuava em um contexto de uma sociedade que não dispunha dos aparatos tecnológicos como o atual, que podemos dizer, tem um universo de possibilidades e até facilidades para se concretizar. A intenção é explorar e investigar as reais motivações que se encontram na esteira dessa metamorfose, inclusive levar em consideração as relações humanas que se estabeleceram ao longo do tempo, isto é, chefes de redação, editores, repórteres que estiveram presentes na produção do caderno Criação e os que estão presentes no caderno Bem Viver, em que, por meio de seus relatos podemos tecer considerações sobre o que foi produzido por ambos os cadernos.

Assim, entendemos também que a prática jornalística – a considerar o jornalismo cultural – se configura como um importante instrumento de narrativa do cotidiano sobre os mais diversos aspectos da sociedade, onde o jornalismo se constitui como um mediador entre o mundo e a população, mas desenvolvido e transpassado por diversos fatores que influenciam no produto final, tal como a própria cultura, a lógica do capital e a ideologia da instituição.

É preciso ampliar o olhar e compreender as inter-relações dessa prática com as demais esferas que o cercam e conseqüentemente dialogam com essa atividade, como a cultura e a sociedade do consumo, pois muitas são as chamadas produções culturais, sejam elas dança, teatro, pintura, shows, espetáculos, dentre outras. Porém, percebe-se obviamente um maior investimento na produção de matérias voltadas para culturas exógenas, o culto a celebridades, largos espaços a publicidade, diversas vezes em detrimento das manifestações culturais e artistas locais.

Com os ecossistemas comunicacionais se torna sistematicamente viável agrupar, mediar e estudar as significações das relações existentes entre esses campos. Quanto às estratégias metodológicas utilizamos a Análise Documental como método e técnica, pois compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.

Segundo Sonia Moreira (2009), trata-se de ser um método porque pressupõe o ângulo escolhido como base para uma investigação. É técnica porque se trata de um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário. As fontes da análise documental são de origem secundária, constituem conhecimento, dados ou informação já reunidos ou organizados, tais como a mídia impressa, a eletrônica e relatórios técnicos.

Porém, ainda segundo Moreira (2009), essa metodologia apresenta vantagens e desvantagens. Quanto às vantagens seriam que a análise secundária é uma alternativa de pesquisa que soluciona vários problemas, pois praticamente não envolve despesa no uso dos dados disponíveis. As desvantagens são trabalhar com dados existentes, onde a análise fica restrita aos limites das informações coletadas, dados imprecisos, falhas de coleta e dados incompletos. Essa pesquisa apropriou-se também da técnica de entrevistas e questionários, a fim de aprofundar o tema pesquisado e evitar inferências equivocadas somente por meio dos jornais impressos.

Para a fundamentação teórica, são empregadas as definições de teóricos como Raymond Williams (1979) e Terry Eagleton (2003) como principais pensadores sobre cultura. Sobre o entendimento do jornalismo utilizam-se os estudos de Adelmo Genro Filho (1987) que foi fundamental para compreender o jornalismo como forma e prática social de conhecimento. Além dessas, outras referências são utilizadas, onde atuam em conjunto e exercem apoio na análise dos cadernos culturais; e para a compreensão sobre os universos do jornalismo cultural, temos como base os escritos de Frantinesco Ballerinni (2015) e José Salvador Faro (2009).

Sendo assim, o processo que nos propomos a estudar envolve a autoprodução humana nesse momento da práxis, a comunicação, seja do ponto de vista da construção comunicativa dos que produzem a cultura, dos jornalistas, seja dos leitores que fazem parte do processo. Frente a essa realidade, trabalhamos também para que a pesquisa possa dar subsídios para que o leitor de um jornal diário consiga ter as ferramentas necessárias a fim que possa fazer uma leitura reflexiva e crítica diante ao jornalismo cultural, ou seja, uma pesquisa comprometida em expor a composição do que atualmente é colocado em prática nessa perspectiva especializada.

CAPÍTULO I

Sociedade, cultura e jornalismo

1. Sociedade e cultura

Faz parte do cotidiano de nossa sociedade ler, ouvir, assistir, acessar por meio da internet assuntos relacionados à cultura de determinado lugar. Além disso, também é comum ver os veículos de comunicação, principalmente impressos e portais, dedicar um espaço em suas editorias, geralmente intituladas ‘arte & cultura’ para explorar os potenciais das diversas culturas de uma sociedade, tal como exhibir um lugar paradisíaco, ou algo que se destaca em determinada região.

Estamos cercados pelo termo “cultura”. Mas, o que é cultura na perspectiva do jornalismo, da informação cotidiana? O termo cultura permite inúmeras interpretações e, em função disso, compreender seu desenvolvimento histórico faz-se fundamental para o estudo de sua dimensão no jornalismo. Ao buscar uma conceituação e exemplificação para o termo, logo podemos pensar como cultura aquilo que é visto na mídia como algo tradicional de algum lugar, como no Amazonas, onde o folclore e as lendas são representados nos festivais de Ciranda em Manacapuru e pelo Boi-Bumbá em Parintins. Todas essas referências imediatas, muitas vezes, vêm por meio do jornalismo cultural, o qual nos jornais impressos muitas vezes nos remete às páginas mais coloridas dos jornais, com celebridades, colunas sociais, pontos turísticos, tendências do momento no mundo da moda, cinema, exposições, agenda de entretenimento, etc.

No entanto, ao partirmos para o campo da teoria desses conceitos, responder o que é cultura e jornalismo cultural nos dias atuais se torna um desafio, tendo em vista o volume de perspectivas abordadas por pesquisadores acerca desses assuntos. Comunicação, cultura, entretenimento, consumo: são alguns conceitos-chave utilizados por diversos teóricos ao longo das metamorfoses que esses conceitos vêm sofrendo.

Buscar o entendimento acerca de alguns desses conceitos torna-se fundamental para compreender a prática do jornalismo cultural, o contexto em que se desenvolve, os fatores intervenientes e os rumos que esse jornalismo especializado tem tomado de acordo com os avanços tecnológicos e a lógica de mercado. Diante dessa preocupação, o presente capítulo se dedicará a explorar os principais conceitos-chave para entender a representação das diversas culturas pelo jornalismo cultural.

Assim, serão levadas em consideração as diferentes abordagens explicitadas pelos teóricos, na tentativa de englobar esses temas em sua totalidade, mas também de fazermos escolhas conceituais. Dessa forma, será possível analisar de forma mais acertada a trajetória da metamorfose do jornalismo cultural produzido pelo jornal A Crítica por meio de seus cadernos Criação e Bem Viver.

Frequentemente fala-se o termo “cultura”, mas de onde vem? O que significa? A raiz latina da palavra é *colere*, que significa habitar, cultivar, adorar, proteger. Os pensadores romanos antigos adaptaram esse sentido e aplicaram para se referir ao refinamento pessoal, ou seja, a sociedade se dividia em pessoas letradas ou iletradas (EAGLETON, 2003).

Foi a partir do século 19 que o conceito de cultura passou a adotar uma perspectiva antropológica, onde passa a se distanciar da visão de enobrecimento somente por meio das academias de artes para se voltar para os costumes dos povos, o que independe do conhecimento acadêmico (BALLERINI, 2015).

Além da questão conceitual, o termo também sofreu variações, nas quais surgiram uma diversidade de terminologias do conceito de acordo com alguns autores que passaram a criar categorias, tais como: cultura erudita, cultura popular e cultura de massa.

[...] a cultura erudita cresce principalmente nas classes altas e nos segmentos mais protegidos da classe média: ela cresce com o sistema escolar. A cultura de massa, ou indústria cultural, corta verticalmente todos os estratos da sociedade, crescendo mais significativamente no interior das classes médias. A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares popularescos ou populistas em virtude da sua flexibilidade e da sua carência de raízes (BOSI, 1986 apud BALLERINI, 2015, p. 33).

Darcy Ribeiro (1975) afirma que essa divisão foi ocasionada pela estratificação social, onde os letrados tem domínio do erudito e o popular tem conhecimento do vulgar. Já Octávio Ianni (1991) faz uma distinção entre a cultura popular e erudita da seguinte forma: por um lado a cultura burguesa, oficial, erudita; por outro lado uma cultura do folclore, da periferia, rústica e popular. Porém, afirma que ambas são homogêneas e com isso tornam-se duas tendências predominantes.

Em sua obra *O poder simbólico* (1989), Pierre Bourdieu, um dos principais pensadores contemporâneos sobre cultura, tem sua teoria fundamentada no que denomina de *poder simbólico*, constituído por diferentes fatores: o mito, a língua, a arte,

a ciência, a religião etc., os quais são exercidos como instrumentos de dominação na sociedade. O autor explica que o poder simbólico é um poder invisível, não notado, ou seja, velado, não econômico nem político, mas predominantemente exercido de forma subliminar no contexto social.

Já o estudioso Raymond Williams se aprofunda no assunto em diversos escritos. Na obra *Literatura e Marxismo* (1979) avalia que para entender o termo cultura é preciso ter consciência histórica sobre o conceito. Além disso, aponta que o termo cultura também tem sofrido transformações, bem como outros conceitos como “sociedade” e “economia”, no qual durante o desenvolvimento moderno do pensamento social, cada um deles foi sendo influenciado pelo movimento dos demais.

“Sociedade” era companheirismo, associação, “realização comum”, antes de se tornar a descrição de um sistema ou ordem geral. “Economia” era a administração de uma cada e depois a administração de uma comunidade, antes de tornar-se a descrição de um determinado sistema de produção, distribuição e troca. “Cultura”, antes dessas transições, era o crescimento e cuidado de colheitas e animais, e por extensão, o crescimento e cuidado das faculdades humanas (WILLIAMS, 1979, p. 16).

Como bem ressalta o autor, esses são termos que com o passar do tempo foram sendo afastados e elaborados conceitualmente de forma isolada, parecendo não haver relação entre eles. Isso fez com que “cultura” e “sociedade”, por exemplo, fossem duas esferas fragmentadas, quando na verdade elas se mesclam e compõem um quadro social, que por sua vez é composto pela economia, indivíduos, história, ritos, etc.

Dessa feita, Raymond Williams aponta que “o conceito de cultura, quando considerado no contexto amplo do desenvolvimento histórico, exerce uma forte pressão contra os termos limitados de todos os outros conceitos” (1979, p. 19). Por isso, o autor aponta que para compreendê-lo de forma integral, há a necessidade de entender de forma histórica os conceitos “sociedade” e “economia”, bem como de examinar o conceito surgido no século 18, a “civilização”.

No fim do século XVIII 18, esses dois termos eram equivalentes, pois carregavam o duplo sentido de estado realizado e estado de desenvolvimento realizado. A divergência veio com Rousseau e o movimento romântico, onde “civilização” foi considerada como um estado artificial em contraposição ao estado natural e cultivo de propriedades externas em contraposição a necessidades humanas. Isso gerou a base para um sentido alternativo de cultura. “O efeito primário dessa alternativa foi associar

cultura com religião, arte, família e vida pessoal, em distinção, ou mesmo oposição, a “civilização” e “sociedade” em seu novo sentido abstrato e geral” (p.20).

E assim foi se dando as diversas transformações sobre o conceito de cultura, no qual levou alguns autores a cogitar o uso do termo “culturas”, demonstrando tal complexibilidade conceitual do termo. Porém, Williams é claro em sua crítica reflexiva e construtora desse conceito e mostra pelo olhar marxista o seguinte pensamento:

Em lugar de fazer história cultural material que era a fase radical seguinte, ela tornou-se dependente, secundária, “superestrutural”: um campo de “simples ideias”, crenças, artes, costume, determinado tipo de história material básica. [...] assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes [...] foram por longe [SIC!] tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato e unilinear (WILLIAMS, 1979, p. 25).

Isso demonstra e confirma que, em certo grau, o conceito de cultura, seja definindo as artes, religião, vida intelectual, vem sendo comprometido pela evidente redução dessas esferas a uma condição mínima em que não mantem o seu desenvolvimento ligados ao movimento da história e da própria sociedade, gerando conhecimentos ínfimos diante de universos vastos a serem explorados e considerados frente à realidade social e histórica da humanidade.

Em outra obra, *Proposta de uma sociologia da cultura* (1992), Williams também contribui acerca do conceito e afirma ser a cultura um sistema de significações no qual a ordem social é vivida, reproduzida e apreciada. Além disso, considera que toda produção cultural está envolvida com uma referência social do seu tempo de produção, isto é, inevitavelmente são contextualizadas.

Nesse sentido, considera que meios de comunicação são meios de produção, ou seja, as produções do jornal em interação com a sociedade possuem um ‘objetivo final’, os quais tem uma ideologia por trás que é influenciar nas tomadas de decisões desse público, seja para comprar, entreter, viajar, assistir um filme, ler um livro, ir a um show, mudar de visual, etc. O pensamento do autor nos ajuda a compreender, numa perspectiva dialética, que a cultura somente é gerada por seres racionais, ou seja, seres humanos, sujeitos históricos que compõem uma sociedade.

A partir disso, Raymond Williams também nos ajuda a entender que a cultura é tudo aquilo que uma sociedade utiliza para gerar sentido e significado para aquele grupo, sendo por isso o costume de adotar algo como bem simbólico, os quais podem envolver diversos universos, desde elementos e valores materiais a imateriais, tais como

a crença, valores sociais, brincadeiras, rituais, músicas, danças, etc., que pode se transformar de acordo com cada formação social.

Terry Eagleton, que por sua vez foi aluno de Raymond Williams, dá continuidade a reflexão sobre cultura. Na obra *A Ideia de Cultura* (2003), apresenta algumas versões do termo e mapeia a cultura da seguinte forma:

A palavra cartografa, assim, no âmbito do seu desdobramento semântico, a própria transição da humanidade de uma existência rural para uma existência urbana [...] Mas o desvio semântico é também paradoxal: são os habitantes da cidade que são cultivados e não os que vivem realmente na lavoura. Os que cultivam a terra são menos aptos para se cultivarem a si próprios. A agricultura não permite tempo livre para a cultura (EAGLETON, 2003, p. 12).

O autor se refere a uma ideia de cultura em específico, que é como civilização ou erudição. Isto é, cultura como civilização passa a fazer parte da atividade de um povo que não se relaciona diretamente com a atividade da terra, mas são aqueles que dispõem de algum tempo para se instruir. E o autor prossegue com o pensamento:

Se cultura significa a procura activa [SIC!] de crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialética entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz. Trata-se de uma noção [...] realista [...] mas também uma dimensão construtivista, uma vez que esta matéria-prima tem de ser trabalhada até ser-lhe conferida uma forma humana com significado (EAGLETON, 2003, p. 13).

Trata-se da relação entre civilização e cultura. Portanto, assim como o homem age sobre a natureza transformando-a, esta também tem o poder de agir sobre ele. Dessa forma, infere-se que se trata de uma relação dialética, ou seja, a natureza age sobre o homem, que por sua vez age sobre a natureza, fazendo dela tudo derivar e de alguma forma retornar à natureza.

Porém, o autor vai mais a fundo e sugere provocações quanto ao conceito, afirmando que “a ideia de cultura significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, pelo outro” (EAGLETON, 2003, p. 15). O que mostra até então que não há um conceito definido, mas que o próprio busca a construção de uma ideia de cultura que não se prenda a esses reducionismos de determinismo orgânico ou autonomia espiritual.

Assim, Eagleton perpassa por diversas esferas da reflexão acerca do tema, tais como pensar na conceituação da natureza como matéria constitutiva do “eu” e também por meio do ambiente político de estado. Em meio a tantas provocações e reflexões,

Eagleton nos mostra que o conceito de cultura tem suas raízes desde o século XIX, onde se passou do pensamento de cultura singular para uma perspectiva de cultura pluralizada, onde são consideradas as diferentes culturas. Sendo assim, Eagleton defende a ideia que “todas as culturas estão interligadas; nenhuma é singular e pura, todas são híbridas [...]” (p. 28).

Canclini (1996) fala sobre a *hibridização* e diz que o termo abrange toda e qualquer mescla entre culturas seja erudita, popular ou massiva. Vale ressaltar que o conceito não exclui a possibilidade de haver conflitos nessa interação de culturas, ou seja, pode existir uma coexistência pacífica, mas também um sufocamento da cultura enfraquecida (BALLERINI, 2015). E é o que também nos interessa para ser investigado, haja vista o contato e mescla constante da cultura amazônica com as demais culturas, influenciando inclusive nas produções locais de artes, músicas, teatros, danças, pinturas, etc.

1.1 Contexto histórico e a cultura Amazônica

Sobre essa relação com a cultura amazônica, trata-se de um conceito que chama atenção. É sabido que geograficamente a Amazônia constitui uma área abrangente, a qual ultrapassa as fronteiras do território nacional e chega até outros países. A Amazônia é o maior entre os complexos regionais brasileiros, sendo composta por todos os estados da região norte, parte do estado do Mato Grosso e um pedaço oeste do Maranhão, localizado na região nordeste.

Porém, levando em consideração a própria complexidade da Amazônia, resolvemos nos deter no recorte do Amazonas, especificamente na capital do estado, lê-se a cidade de Manaus, devido ser o local de produção de ambos os cadernos selecionados.

[...] pensar Manaus, sua cultura, e seus ecossistemas comunicacionais, pode configurar-se em exercício destas sociologias transgressoras propostas por Boaventura, no sentido de propiciar a construção de uma realidade mais rica, não subsumida apenas às narrativas já existentes, moldadas por determinação ideológica de hegemonias [...] (FREITAS, 2012, p.88).

É preciso pensar a cidade de Manaus e conseqüentemente sua cultura de uma forma diferenciada, não peculiar como tem sido feito, mas de modo em que seja possível enriquecer e propiciar novos olhares, debates e até mesmo novos conceitos sobre a cultura manauara. Conseguindo com isso se desfazer das amarras das narrativas

já impostas pela ideologia e hegemonia providas pela sociedade e meios de comunicação.

Porém, é preciso pensar Manaus em dois momentos distintos: época do Criação, na década de 90, e época do Bem Viver, 18 anos após, ou seja, em 2016. Isso significa levar em consideração o contexto histórico da cidade, tais como a influência da esfera geoeconômica e uma cidade antes e depois da globalização.

E para entender a inserção desse Estado no processo de globalização, a história remonta quando o Amazonas, especificamente Manaus, é inserido no modelo de desenvolvimento regional baseado na concessão de incentivos fiscais pelo Estado à iniciativa privada, as zonas de livre comércio. Sendo assim, a Zona Franca de Manaus (ZFM), hoje Polo Industrial de Manaus (PIM), se instalou aqui desde 1967, o que impulsionou outras regiões do país e do mundo a voltar o olhar para essa região.

Tal foi o avanço desse modelo de desenvolvimento econômico gerando emprego e abrindo oportunidades, que conseqüentemente trouxe crescimento da população e expansão desordenada do território, principalmente a partir da década de 80 em diante.

Até a década de 70, o espaço urbano da cidade de Manaus estava concentrado nas zonas Sul, Centro Sul, Oeste e Centro Oeste. Nesta época já era evidente a presença de moradores à margem dos igarapés. Após o modelo Zona Franca, esse quadro agravou-se com o surgimento de novas ocupações irregulares e conseqüente expansão das zonas administrativas Leste e Norte. A partir da década de 80 o Poder Público passa a disponibilizar para a população loteamentos como os bairros do São José, Zumbi do Palmares, Armando Mendes e Cidade Nova. No entanto, tais medidas não foram suficientes para impedir o crescimento desordenado e a ocupação de áreas restritas (NOGUEIRA, SANSON e PESSOA, 2007 apud PINTO, 2008).

A mesma autora em sua pesquisa, à época de 2008, mostra o seguinte quadro sobre o avanço do censo demográfico do Amazonas e de Manaus entre as décadas de 60 e 90:

ANOS	POPULAÇÃO		B/A (%)	POPULAÇÃO		D/B (%)
	Amazonas A	Manaus B		Manaus Urbana (C)	Manaus Rural (D)	
1960	708.459	173.703	24,5	152.432	21.271	12,2
1970	955.2235	311.622	32,6	283.685	27.937	8,9
1980	1.430.089	633.392	44,3	611.763	21.629	3,4
1991	2.103.243	1.011.501	48,1	1.006.585	4.916	0,49

FONTE: Censos Demográficos de 1960 a 1991, IBGE. *et al*, FILHO, 1999.

Mas esse fato também está contextualizado, pois devemos levar em consideração que na década de 80 o Brasil passava por transformações, tais como o fim da Ditadura Militar e a redemocratização do país. O que mexeu com o movimento da História desse país e conseqüentemente com o movimento cultural que a sociedade brasileira passou. Tudo isso, sem dúvida, trouxe mudanças para o que era tido como movimentos culturais na década de 80 e o que se considera atualmente, no Brasil de modo geral e em Manaus.

Assim, pensar a cultura amazônica também significa pensar sobre os diversos fatores intrínsecos a ela, tais como as peculiaridades da região, como seu bioma, onde vale ressaltar é composto pela bacia hidrográfica do rio Amazonas que é a mais densa do planeta, bem como o bioma amazônico ocupa quase a metade do território do Brasil, além das áreas territoriais da Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador; além as características singulares do povo que aqui habita. Em *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*, Jesus Paes Loureiro define:

Entende-se aqui por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mais especialmente no período da borracha, migraram para a Amazônia (2015, p. 49).

É também válido considerar a contribuição dos demais povos que por aqui passam, seja das regiões do país ou estrangeiros, os quais realizam trocas culturais com a nossa cultura de forma perene.

[...] a persistência da cultura cabocla diante das outras contribuições que viriam a ocorrer nas últimas décadas foram fatores que atuaram sobre esse universo isolado, a fim de conferir à sociedade que nela vive características singulares que a diferenciam no conjunto da sociedade nacional (LOUREIRO, 2015, p. 47).

Marilene Corrêa, na obra *Metamorfozes da Amazônia* (2013), também discorre sobre a constituição do pensamento sobre essa região e pensando-a enquanto ecossistema arrola algumas categorias envolvendo os constituintes físicos, ambientais, sociocultural-históricos desse lugar, no qual um deles reflete tal representação:

A Amazônia é um complexo de ecossistemas interligados que são influentes na manutenção do equilíbrio da Terra, como um sistema de vida. O desenvolvimento das ciências da natureza e da interdisciplinaridade de campos e áreas de conhecimento permite considerar a região como entidade decisiva na manutenção e na transformação da química da atmosfera, na dinâmica do ciclo hidrológico e na variação climática (SILVA, 2013, p. 91).

Essa citação confirma nossa premissa e emerge para outras reflexões inerentes ao contexto local, como a relação direta com a floresta, onde os rios são nossas estradas; a culinária, onde se tem alimentos, preparos e sabores distintos; as manifestações artísticas que só existem nessa região como a Ciranda, Sairé e Boi-Bumbá; e a própria expansão da cidade provinda por povos de diversas culturas.

Assim, diante dessa diversidade percebemos que a cultura amazônica, e consequentemente manauara, se apresenta tão complexa quanto conceituar o termo “cultura”. Porém, partindo do princípio dos pensamentos de Raymond Williams e Terry Eagleton, consideramos ser a cultura amazônica um movimento em constante formação e transformação. Parafraseando Williams, reúne em si um sistema de significações no qual a ordem social é vivida, reproduzida e apreciada, mas que não está isolada de sofrer tensões com outras culturas. Portanto, sendo um processo dialético constante movido pelos sujeitos históricos que compõe a ordem social, os quais são os únicos capazes de construir, desconstruir e transformar a própria cultura.

1.2 Jornalismo e Jornalismo Cultural

1.2.1 Jornalismo: uma forma e prática social de conhecimento

Desde os primórdios a prática da comunicação sempre foi essencial entre os seres humanos, tanto para transmitir algum pensamento quanto para apreender informação e conhecimento. Neste sentido, o nascimento do jornalismo também se encontra nesse bojo das necessidades dos indivíduos de informação dentro das relações sociais. Logo, entender o caminho percorrido pelo jornalismo, sua gênese e sua ligação direta e indireta com o contexto existente é de suma importância.

Porém, a história do jornalismo não está excluída da história da comunicação, o que significa considerar uma comunicação com linguagem não verbal, passando pela linguagem oral e logo depois para a escrita. Segundo Felipe Pena (2006), na história da imprensa, os críticos fazem uma divisão cronológica, as quais representam as mudanças no espaço público. Ele cita dois deles.

No livro *Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos*, Ciro Marcondes Filho traça um panorama evolutivo de cinco épocas distintas da História da Imprensa:

- Pré-história do jornalismo (1631 a 1789): caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.

- Primeiro jornalismo (1789 a 1830): caracterizada pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais.
- Segundo jornalismo (1830 a 1900): chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização de publicidade e a consolidação da economia da empresa.
- Terceiro jornalismo (1900 a 1960): chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizavam o mercado.
- Quarto jornalismo (1960 em diante). Marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização visual e crise da imprensa escrita.

Já para Bernard Miége são quatro fases: imprensa de opinião (artesanal, tiragem reduzida e texto opinativo); imprensa comercial (industrial, mercantil e texto noticioso); mídia de massa (tecnologia, marketing e espetáculo); e comunicação generalizada (megaconglomerados de mídia, informação como base das estruturas socioculturais e realidade virtual) (apud BALLERINI, 2015).

Sobre o desenvolvimento dessa prática, Genro Filho (1987) cita Habermas o qual delineou três fases para o jornalismo. Habermas diz que na primeira fase o jornalismo trabalha em função de satisfazer “[...] as limitadas necessidades econômicas e comerciais geradas pelo capitalismo nascente [...]” (p. 58). Na segunda fase, passa a ser ferramenta dos interesses da sociedade burguesa, “[...] a imprensa de informação evoluiu para uma imprensa de opinião ou do chamado ‘jornalismo literário’ [...]” (p.58). E na terceira e ultima fase, surge uma prática jornalística mais voltada para o aspecto comercial, sendo que agora apoiada nas “[...] bases de capital e tecnologia, não mais artesanal, mas empresa capitalista [...]” (p.58), consequentemente servindo a fatores políticos e econômicos.

Diante do exposto, percebe-se que o jornalismo tem seu nascimento impulsionado pelo advento do capitalismo e as formas industriais de difundir as informações, isto é, passa a ser produzido em larga escala ou comumente chamado de mídia de massa, o que passa a comprometer a sua potencialidade devido a ser condicionado a servir a lógica do capital.

[...] a partir de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular, principalmente na França e na Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante (PENA, 2006, p. 29).

Dessa forma, o desenvolvimento das forças produtivas do jornalismo são tomadas pela lógica mercantil do capital. Exemplo disso pode-se verificar em Genro Filho (1987) que afirma haver contradições (não antagônicas) entre a ideologia pequeno-burguesa e os interesses políticos do capital.

A seu turno, Genro Filho (1987) considera ser o jornalismo muito mais que um servo dessa lógica capitalista, mas uma forma de conhecimento que pode transcender o capitalismo. Para explicar e consolidar sua afirmativa, baseado nas categorias de Hegel que foram repensadas por Lukács, o autor traz a tona a tríade (singular, particular e universal) de cunho teórico-prático epistemológico a fim de fundamentar sua teoria marxista do jornalismo.

Existe [...] uma relação dialética entre singularidade, particularidade e universalidade, categorias lógicas que representam aspectos objetivos da realidade. Cada um desses conceitos é uma expressão das diferentes dimensões que compõem a realidade e, ao mesmo tempo, compreende em si os demais (GENRO FILHO, 1987, p. 94).

Em relação ao jornalismo servir ao capital, o autor nos instrui a realizar construções que sejam alternativas quanto às finalidades lucrativas sobre a produção da notícia. Devido a isso, ele propõe uma reformulação da produção jornalística por meio de uma compreensão do fazer jornalístico, ou seja, de cunho mais epistemológico por meio da chamada “pirâmide invertida”. Assim, essa luta de ir em oposição a lógica mercantil está na percepção das potencialidades do jornalismo. Vejamos a pirâmide e suas respectivas características para que possamos compreender cada etapa de forma minuciosa, de acordo com o que foi construído pelo autor:

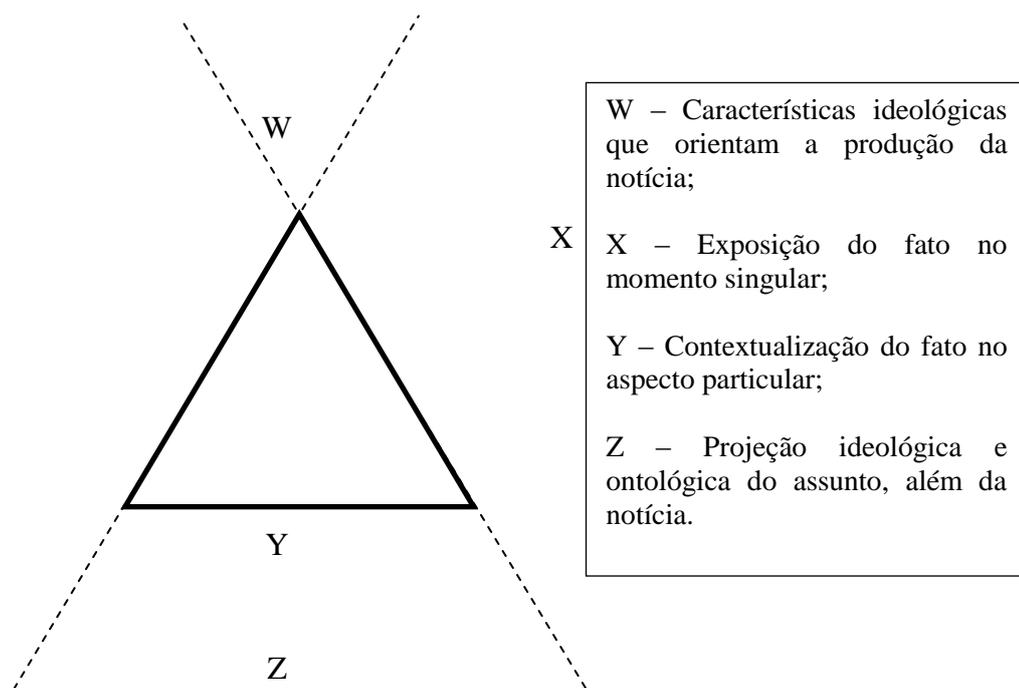


Figura 1: formato da estrutura da notícia proposta por Genro Filho (1987, p. 112).
Fonte: O Segredo da Pirâmide: uma teoria marxista do jornalismo.

Para o autor, esse gráfico é um modelo de compreensão do fazer jornalístico, mas que conseqüentemente vai desaguar na forma textual. Inicia-se a notícia expondo o singular (X) por meio das especificidades do fato, ou também comumente chamado de *lead*, o qual é o epicentro do singular devido ser onde se concentra a informação que mais caracteriza o fato, que o especifica de modo único. Toda a construção do processo, desde o singular até o universal o qual estão interligados, é orientada pela ideologia (W) que é herdada do âmbito social. Com o desenvolvimento, o singular caminha ao particular (Y), no qual é situado o fato no contexto. E finalmente, fornecer a relação do fato com a universalidade (Z), o qual este nem sempre é alcançado, porém está sempre diluído no singular e particular.

Para o autor, essa singularidade se realiza e se apresenta no lead da notícia, é a busca pela especificidade, o que também se convencionou chamar erroneamente de objetividade jornalística. Isso resulta que a singularidade é a compreensão do jornalista a partir de seu momento empírico, dada à prática vivenciada que “se manifesta na atmosfera cultural de uma imediaticidade compartilhada, uma experiência vivida de modo mais ou menos direto” (GENRO FILHO, 1987, p.92).

O resultado é que a singularidade é reificada pela compreensão espontânea do jornalista, que acaba aceitando implicitamente a particularidade e a universalidade sugeridas pela imediatividade e reproduzidas pela ideologia dominante. Assim, a busca da “especificidade” na atividade jornalística limita-se a uma receita técnica de fundo meramente empírico, uma regra operativa que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tornando presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona (p.89).

É perceptível a presença da expressão “reificada”, em que essa compreensão espontânea é gerada a partir de mero entendimento do jornalista enquanto observador e mediador de determinado fato é imediata com relação a um mundo que é construído de forma mediada (ou mediata). É somente aquilo enquanto coisa/objeto mercadológico e não enquanto instrumento de conhecimento. Por isso o fato de Adelmo Genro Filho apontar a prática jornalística como uma regra operativa, pois a tendência cada vez mais tem sido seguir as regras impostas pela ideologia do sistema capitalista e consequentemente só reproduzir essas ideias e não questioná-las.

Além disso, o autor complementa com o pensamento que o singular é “[...] a matéria-prima do jornalismo, a forma pela qual se cristalizam as informações ou, pelo menos, para onde tende essa cristalização e convergem as determinações particulares e universais” (GENRO FILHO, 1987, p. 95).

O desenvolvimento do singular caminha para culminar e ser melhor explicitado no particular, a partir do valor de conhecimento que está intrinsecamente agregado ao primeiro. Quanto à particularidade, o autor aponta este estágio ser o momento em que o singular vai ser contextualizado, ou seja, emerge, complementa e dá sentido a singularidade. Além disso, o autor também enfatiza que essa capacidade trazida no escopo da particularidade é melhor aplicada e absorvida na realização de reportagens e por que não dizer das grandes reportagens. Assim, podemos dizer que as informações que perpassam nosso cotidiano apresentam mais as características do singular e do particular, pois o singular apresenta o novo e o particular situa-o no contexto.

A particularidade se propõe no contexto de uma atmosfera subjetiva mais abstrata no interior da cultura, a partir de pressupostos universais geralmente implícitos, mas de qualquer modo naturalmente constituídos na atividade social. Somente o aparecimento histórico do jornalismo implica uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao que anima a ciência, constrói-se deliberada e conscientemente na direção do singular. (GENRO FILHO, 1987, p.92).

A particularidade vai se utilizar de conceitos simbólicos, socialmente criados, a partir de premissas universais mesmo que implícitas. E quanto ao jornalismo ser uma modalidade de conhecimento social a partir de um movimento oposto que anima a ciência, é a prática jornalística voltada a sua atenção para o singular, onde se preocupa em explicar as características dos acontecimentos. Genro Filho (1987) afirma que para o jornalismo, o singular não é uma escolha arbitrária, mas um ponto em que é ao mesmo tempo a superação do particular e do universal, ou seja, na produção jornalística o foco principal sempre é o fato em si.

O fato da singularidade alcançar a particularidade, mas sem ser superada por esta, é semelhante ao processo ocorrido na arte, porém é preciso deixar claro que enquanto a arte se cristaliza no particular o jornalismo o faz no singular. Assim, diz-se que a característica do particular se define também mais para a arte (literatura, pintura, cinema, escultura, etc.), por esta retratar mais o lado subjetivo e abstrato do interior da cultura ou do indivíduo. Ao passo que a relação existente entre o jornalismo e arte vem a ser mais precisamente no campo da literatura.

Dessa forma, para Adelmo (1987) esse recurso da literatura no jornalismo é uma ferramenta de dramatização, a qual tem maior capacidade para trazer a tona a particularidade e também a universalidade. Como já citamos acima, as reportagens e as grandes reportagens são as que melhor desenvolvem estas categorias. Em um livroreportagem, por exemplo, evidenciamos isso de forma clara, pois é onde percebemos o autor mais inserido no processo de forma subjetiva, como suas visões, posicionamentos, reflexões sobre determinados assuntos, seu lado sensitivo, etc.

[...] o essencial na reportagem [...] é que a particularidade (enquanto categoria epistemológica) assume uma relativa autonomia ao invés de ser apenas um contexto de significação do singular. Ela própria busca sua significação na totalidade da matéria jornalística, concorrendo com a singularidade do fenômeno que aborda e dos fatos que o configuram. Essa significação autônoma pode ser estética [...] teórico-científica [...] ou informativa [...] (GENRO FILHO, 1987, p.115).

É perceptível que Genro Filho afirma ser a particularidade o cerne da reportagem, estando este enquanto forma de conhecimento e que neste contexto consegue ter sua própria independência em relação ao singular. Além disso, na reportagem há também a possibilidade da escolha ser arbitrária, ou seja, o autor tem a liberdade de escolher os personagens, o enquadramento no qual deseja narrar, a condução sobre a narração e com o auxílio da literatura consegue ir mais além, fazendo

que haja a possibilidade de o leitor sentir cada sensação e com isso também se ver como parte da história.

Isto é, na reportagem ou no livrereportagem existe a presença constante do recurso da literatura, instrumento este proveniente do chamado “novo jornalismo”. Sobre este, Genro Filho (1987, p. 116) explica que o mesmo possui a intenção de oferecer “algo que os leitores encontravam apenas na literatura: uma vivência subjetiva e emocional junto aos personagens”.

Como dito anteriormente, o recurso da literatura no jornalismo além de revelar a particularidade também é capaz de explicitar a universalidade, sendo que segundo Genro Filho (1987) esta não vai estar no formato textual concretizado, porém irá emergir a partir da própria singularidade e particularidade enquanto informação para além do que está posto, é uma forma de “ler nas entrelinhas”.

Em outras palavras, a universalidade tem seu sentido mais na objetividade, onde preza pelo distanciamento da participação do ser humano e lhe é relevante os conceitos mais gerais possíveis. Por isso, ela ser mais considerada para o âmbito da ciência.

Por mais específico que seja o objeto e por mais especializado que seja o saber, o conhecimento científico aspira sempre ao universal. Ele se projeta nessa aspiração e recebe sempre sua formulação adequada com base na busca da determinação de uma pluralidade ilimitada (GENRO FILHO, 1987, p. 92).

Na pluralidade ilimitada, assim se delineia a universalidade, ou seja, nas diversas singularidades e particularidades. O pesquisador marxista vai além e também define a diferença, relação e as especificidades entre essas três categorias como sendo:

No universal, estão contidos e dissolvidos os diversos fenômenos singulares e os grupos de fenômenos particulares que o constituem. No singular, através da identidade real, estão presentes o particular e o universal dos quais ele é parte integrante e ativamente relacionada. O particular é o ponto intermediário entre os extremos, sendo também uma realidade dinâmica e efetiva (GENRO FILHO, 1987, p.94).

Novamente podemos perceber que essas três categorias se relacionam entre si, porém estando mais presentes nas reportagens e grandes reportagens e aparecendo bem mais limitadas no fazer jornalístico cotidiano, chegando este somente até a singularidade e particularidade, não deixando a abertura necessária para a universalidade, o que obstrui a leitura do indivíduo sobre a mídia e conseqüentemente do universo social no qual está inserido.

Em sua teoria marxista do jornalismo, o autor propõe estas categorias e com elas a possibilidade de um fazer jornalístico diferenciado, como forma social de conhecimento. Para consolidar sua ideia inicial, o autor se utiliza também dos estudos de Walter Benjamin e Hans Magnus Enzensberger, onde ambos defendem os meios de comunicação ter grande potencial para superar o modo de produção ao qual estão atrelados, o da lógica mercantil. Para exemplificar este pensamento, citemos o trecho:

Ele nota uma função dos meios que ultrapassa as necessidades estritas de reprodução do capital: “Os meios eletrônicos não devem seu irresistível poder a nenhum artifício artiloso, mas à força elementar de profundas necessidades sociais, que se manifestam mesmo na atual forma depravada de tais meios” (ENZENSBERGER apud GENRO FILHO, 1987, p. 102).

Tomando como ponto de partida as palavras de Enzensberger, podemos ampliar seu pensamento e trazer a tona um contexto mais cotidiano, o qual envolva todos os outros meios de comunicação, e assim perceber que ele também toma partido da prática jornalística enquanto mediadora do meio social e questionadora da “ordem” para que assim possa atender ao que ele chama de “profundas necessidades sociais”. Mais adiante, Adelmo traz a tona um complemento com seu seguinte pensamento sobre a prática jornalística:

O jornalismo moderno possui não só um potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo, mas um “potencial desalienador” insubstituível para a construção de uma sociedade sem classes. Ele permite, pela natureza mesma do conhecimento que produz, uma imprescindível participação subjetiva no processo de significação do ser social (GENRO FILHO, 1987, p. 103).

Todavia, não podemos esquecer que na lógica mercantil o jornalismo surgiu como uma forma social de percepção e apropriação da realidade. Por isso, Adelmo reformula esse pensamento e considera ser a prática jornalística mais do que isso. Ou seja, afirma e prova ser o jornalismo um instrumento que tem a capacidade de retirar o indivíduo da alienação por meio do conhecimento que este tem potencial para difundir.

Além disso, o pensador enfatiza que apesar do jornalismo ter nascido atrelado ao bojo da lógica mercantil, se o sistema capitalista for extinto a prática jornalística não sofrerá e muito menos desaparecerá com essa “tragédia”. Ao contrário, tanto seria um bem a sua existência que isso traria a grande possibilidade de expor suas

potencialidades para enfim realizar a construção humanizada de um novo sujeito histórico.

O que Adelmo Genro Filho nos traz é a reflexão de que essas três categorias (singular, particular e universal) são fundamentais na concretização da constituição do fazer jornalístico como forma de conhecimento, seja cotidiano ou não periódico. O que importa é que traga um conhecimento não só no âmbito fatídico do momento vivenciado, mas que esse possa trazer uma reflexão mais aprofundada tanto para o jornalista quanto para os respectivos envolvidos, leitores, espectadores, ouvintes, etc.

Ele pretende fazer com que o ser humano consiga visualizar para além do fato, mas que aquilo que está sendo narrado tem relação direta com diversos outros fatores mais amplos, seja no âmbito social, cultural, político, geográfico, etc., ou seja, é a forma dialética, onde tudo possui interação constante. Assim, a proposta de Genro Filho é que toda essa reflexão possa trazer ao sujeito histórico a emancipação, isto é, que ele não somente tenha contato com a informação por ter, mas que essa informação tenha em seu contexto a preocupação de acarretar alguma mudança na vivência desse indivíduo dentro do contexto social no qual está inserido.

1.2.2 Jornalismo Cultural: mosaicos da história e prática

De acordo com a obra *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza, o marco dos princípios desse jornalismo especializado se dá por volta de 1711. Ano em que dois ensaístas ingleses, Joseph Addison e Richard Steele, criaram a revista *The Spectator* com o intuito de tirar a filosofia dos lugares tradicionais e fazê-la circular nos ambientes mais cotidianos, como nos cafés e clubes.

[...] o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutemberg em 1450) e o Humanismo se propaga da Itália para toda a Europa [...] Filho do ensaísmo humanista, o jornalismo cultural inglês ajudou a dar luz ao movimento iluminista que marcaria o século XVIII (PIZA, 2013, p. 13).

O autor explica ainda que foi devido ao poder multiplicador da imprensa que nasce a era de ouro do jornalismo europeu, o qual foi tão influente quanto às descobertas científicas e as revoluções políticas.

Outros nomes foram influentes para o marco da crítica cultural, como Samuel Johnson (1709 – 1784) – considerado o primeiro grande crítico cultural –, Hazlitt, Denis Diderot (1713 – 1784), John Ruskin (1819 – 1900), Marcel Proust (1871 – 1922), mas

principalmente Sainte-Beuve (1804 – 1869) – considerado o papa francês da crítica oitocentista e que estabeleceu um padrão para o jornalismo cultural. Devido ao trabalho desenvolvido por Sainte-Beuve o jornalista cultural passou a ter melhores possibilidades. Afinal, foi possível desenvolver uma carreira somente como crítico e articulista, pois essa atividade crítica agora tinha sua própria dignidade e relevância no contexto social.

De seu início no século XVII, o jornalismo cultural só passa a ter força no Brasil no final do século XIX, o qual revela muitos escritores brasileiros e dentre eles o maior escritor nacional, Machado de Assis (1839 – 1908). Segundo Piza (2013), depois dessa geração pioneira os jornais e revistas passam a dar espaço ao crítico profissional e informativo, aquele que reflete sobre a cena literária e cultural.

O ápice da crítica em jornal no Brasil começou nos anos 40 e foi até o final da década de 60. Nesse período dois nomes são destaques: Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux (PIZA, 2013). Nesse sentido Carpeaux foi importante, pois ele colocou em prática a máxima de Addison e Steele que era tirar a filosofia dos lugares tradicionais e fazê-la circular nos ambientes mais cotidianos.

O que nos mostra que o jornalismo cultural no Brasil, assim como em outros países, foi crescendo a partir de um processo considerado até mesmo vagaroso, mas que teve contribuições valiosas de personagens que marcaram a história da literatura e do fazer jornalístico cultural em todo o país.

Contudo, muitas foram as marcas deixadas pelos mais diversos escritores e críticos de várias épocas desde o surgimento desse jornalismo que tem contribuído com inovações na forma de se fazer jornalismo.

1.2.3 Jornalismo cultural: olhares plurais

Os escritos sobre jornalismo cultural nos traz uma visão plural sobre as mais diversas obras culturais produzidas em uma sociedade. Mas, o que é jornalismo cultural? Quais os campos explorados por esse jornalismo especializado? Quais as formas de jornalismo cultural?

Ao longo do século 20, muitas definições surgiram sobre a prática do jornalismo cultural. Entretanto, entendendo do ponto de vista que o jornalismo cultural encontra-se estabelecido num campo teórico-prático tanto como produção jornalística quanto atividade intelectual, destacaremos algumas concepções que consideramos relevantes acerca desse campo.

Para José Salvador Faro (2009), trata-se do espaço ocupado por demandas de natureza mercantil e intelectual, onde a construção do discurso jornalístico trata-se de um campo de abrangência que

ultrapassa o aspecto informativo ou construtor da realidade: ele estrutura a percepção dos leitores, orienta suas apreensões, conduz pragmaticamente a localização de sua recepção no complexo de sentidos presente em cada pauta. [...] os próprios jornais trabalham com essa tripla operação, apresentam-se, deliberadamente, como polo intelectual, como polo comercial e como polo autônomo, na medida em que trabalham sua imagem pública como referências ideológicas, como empresas bem-sucedidas e como veículos independentes, três elementos que são constitutivos da própria história da imprensa (FARO, 2009, p.58).

Jorge Rivera (2003) afirma que jornalismo cultural atualmente se resume em ser

[...] uma zona muito complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou divulgatórios os terrenos das “belas-artes”, as “belas-letras”, as correntes do pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a sua produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar sua origem ou destinação (apud BALLERINI, 2015, p. 45).

Daniel Piza (2013) ressalta que no Brasil desde a década de 90 a tendência do jornalismo cultural tem se expandido para além da cobertura dos assuntos voltados as Belas Artes e com isso passando a ter espaço e destaque assuntos como moda e gastronomia. Buscando uma observação mais atualizada, podemos incluir também o *design*, o turismo, a decoração, a grade de programas de televisão, comportamento, estilo de vida, etc. Afinal, fazendo uma análise desde os grandes jornais brasileiros e até mesmo locais, fica fácil perceber o quanto todas essas combinações se mesclam facilmente desde a crítica literária e artística até as informações.

Wellington Pereira (2006) tece crítica sobre o jornalismo cultural brasileiro e pondera que esse tenta “sobreviver entre a repetição e a diferença”, mas que essa prática em síntese é a mercadoria cultural. Enfatiza seu pensamento destacando o seguinte:

[...] um jornalismo cultural puramente informativo faz da cultura um grande espetáculo. Organiza os eventos culturais para serem consumidos. Sendo assim, um concerto de música clássica ou uma peça de teatro são noticiados numa perspectiva do “novo”, como se estivessem aparecendo socialmente pela primeira vez. [...] Por isso, nos cadernos culturais, “mostrar produção de eventos” é mais importante do que interpretar as nuances de cada forma artístico-cultural (apud BALLERINI, 2015, p. 45).

É interessante a colocação de Wellington Pereira, pois nos remete ao posicionamento da produção cultural enquanto mercadoria propagada pela chamada Indústria Cultural. Fátima Corti Basso (2008) lembra que devido a grande quantidade dos produtos da indústria cultural com relação às notícias sobre o que é considerado imediato que se volta grande parte da crítica para tratar sobre a banalização desse jornalismo especializado, que não mais entende a produção cultural como processo cultural. Ou seja, interpretando e levando o produto cultural à condição de mera mercadoria reificada e fetichizada.

Além dessas definições sobre jornalismo cultural, também é relevante a colocação de Matinas Suzuki Jr. (1986) citado por Ballerini (2015) sobre a importância dos cadernos culturais enquanto forma ativa de interferência nas direções das produções culturais:

[...] no lançamento de um fato cultural novo, na crítica enfática de uma verdade estabelecida e oficializada, na promoção de um debate em torno de questões culturais do momento etc. o caderno de cultura deve inserir-se como um agente fecundador e não apenas como um assimilador passivo da produção que noticia. Deve ser um espaço cotidiano de instauração de novas questões culturais (p.47-8).

Diante dessas concepções plurais é perceptível o quanto o campo do jornalismo cultural vem alavancando conceitos em torno de si e fazendo com que cresça a reflexão acerca da prática. O que é importante e reforça a emergência de uma reflexão teórico-prática a ser aplicada nessa pesquisa.

Portanto, partiremos do princípio em concordar que o papel do jornalismo cultural, em síntese, não é apenas de anunciar e comentar as obras lançadas nas belas-artes ou sete artes, mas também refletir sobre o comportamento, os novos hábitos sociais e a aproximação com a realidade política, econômica, histórica, da qual a cultura é parte integrante e ao mesmo tempo emancipada.

Isso nos mostra ser o jornalismo cultural um jornalismo que transita nas mais diversas esferas e não precisa ser unicamente informativo, mas que consiga alcançar a essência uma forma e prática social de conhecimento a ser transmitido à sociedade, a fim de fomentar as ferramentas necessárias para que esse público também consiga se emancipar diante dos veículos midiáticos e assim passar a ter um olhar crítico sobre a realidade que os cerca. O que faz emergir a necessidade das análises e críticas

fundamentadas, bem como do profissional dessa área se especializar cada vez mais nas áreas afins, o que pode e deve ser um diferencial do jornalismo cultural.

1.2.4 Universos do jornalismo cultural

Esses olhares plurais sem dúvida nos auxiliam para o entendimento acerca dessa prática que é o jornalismo cultural. Assim, sendo sabido sobre essas definições, passemos a compreender os meandros dos campos explorados por esse jornalismo especializado e como se apresenta.

Diversas são as grandes áreas comportadas pelo jornalismo cultural: literatura, artes visuais, teatro, cinema, música, moda, gastronomia, games, comportamento, arquitetura, decoração e diversas outras temáticas que ao longo do tempo foram encontrando lugar cativo no universo do jornalismo cultural, o qual acompanha a evolução tecnológica e o mercado de consumo. Para entendermos melhor o modo como são exploradas essas temáticas e sua inserção na conjuntura atual do jornalismo cultural, vejamos um breve panorama sobre algumas dessas temáticas a partir dos estudos de Frantjesco Ballerini (2015).

1.2.4.1 Literatura

A literatura é uma das produções culturais mais remotas no cenário do jornalismo cultural. Já no século 19 ela era dominante entre os intelectuais da época, como filósofos, políticos, escritores, e também nas esferas religiosas, política, econômica, etc. No Brasil, Machado de Assis foi, sem dúvida, um forte contribuinte da crítica literária.

Machado de Assis não só contribuiu com seu estilo literário, mas também com textos críticos [...] Foi um dos primeiros a lutar por uma literatura nacional menos ligada ao modelo europeu, nos anos 1870, instigando seus contemporâneos a repensar a respeito (BALLERINI, 2015, p. 80).

Essa crítica de Machado é compreendida quando entendida no contexto de transição política que o Brasil passava na época, as quais era a crise do Segundo Reinado, a emergência da República e o fim da escravidão. Além da crise literária envolvida com a confluência do Naturalismo, Realismo e Romantismo.

Após essa fase, já no século 20, as revistas passam a ganhar espaço no mercado, principalmente entre o público feminino, trazendo a combinação entre textos dinâmicos, variedades e investiam em muitas fotografias e ilustrações para chamar atenção. Ainda

nesse mesmo período, a literatura internacional também ganha força no cenário da imprensa brasileira. Assim, muitos autores tiveram suas obras publicadas na imprensa antes de serem lançadas em livrarias e bibliotecas.

Um dos marcos do jornalismo cultural literário foi o Suplemento Literário O Estado de S. Paulo, que surgiu em 1956 e influenciou toda a imprensa da época. [...] era tido como uma revista semanal de cultura, unindo matérias leves e curtas com textos maiores e de peso (BALLERINI, 2015, p. 82)

Nesse mesmo ano e algum tempo depois surgiram ainda outros suplementos literários. Porém, a época era de um contexto político de ditadura no Brasil, o que gerou consequências negativas para a produção crítica entre 1960 e 1970. Após esse marco, há uma diminuição do espaço da literatura nos jornais entre 1980 e 1990.

Essa transformação no cenário do jornalismo cultural literário se agravou ainda mais com a chegada da internet nos anos 2000, o século 21. Tendo em vista a internet carregar a proposta de trazer a instantaneidade utilizando uma dinâmica de textos mais enxutos (o óbvio combinado com a superficialidade para uma leitura mais rápida) e as ferramentas audiovisuais.

Isso culmina em um largo desafio para esse jornalismo cultural especializado, tais como a redução drástica, quase a zero, dos suplementos literários de fim de semana nos jornais e a quase inexistência de revistas dedicadas à literatura. Ballerini (2015) elenca três motivos principais para essa crise do jornalismo literário.

Primeiro porque estamos na era das imagens, ou melhor, da interação audiovisual. A palavra escrita, não imagética, portanto, parece ser um atrativo cada vez menor para as novas gerações, a não ser que os livros sejam fruto de algum filme ou série de sucesso. Em segundo lugar, porque a literatura não disputa apenas o espaço do leitor – especialmente de grandes cidades. Assim, a literatura quase sempre se torna um atrativo menor diante de informações de celebridades, blackbusters ou shows. O terceiro motivo é a própria produção do jornalismo cultural literário, cada vez mais difícil e um tremendo desafio para o jornalista (p.77).

Outra mudança expressiva nessa esfera do jornalismo cultural é o próprio espaço em que ele ocupa, ou melhor, ocupava. Se no século 20 esses suplementos tinham espaço reservado diária ou semanalmente nos jornais, atualmente tornou-se uma realidade longínqua, tendo esses que procurar novas plataformas para repousar, haja vista a necessidade de disputar nos impressos a atenção com o cinema, músicas populares, colunas sociais, etc.

O fato é que a própria produção literária vem se modificando e junto com ela os leitores, jornalistas, escritores, críticos, o mundo globalizado e afim. Com isso, modifica-se também a forma de se fazer jornalismo cultural literário, o qual já apresenta a emergência de um debate reflexivo sobre sua prática, principalmente ao que tange ao seu entrelaçamento com valores midiáticos e de consumo, o que claramente pode e deve ser superado.

Por isso a necessidade de um jornalista com formação de base com cunho literário, o que se torna um facilitador capaz de desenvolver passo-a-passo de uma crítica que seja reflexiva, aprofundada sobre determinada obra, e não apenas uma resenha superficial que se torne uma nota ou um release para a imprensa.

1.2.4.2 Artes Visuais

As artes visuais – tradicionalmente consideradas a escultura, pintura, grafite, fotografia, gravura, dança, etc. – também remonta de um tempo longínquo, onde antes mesmo do surgimento da imprensa já era passível de observações críticas. Assim como a literatura, com o avanço tecnológico e a massificação da mídia, as artes visuais também vem sentindo as consequências das limitações das críticas e da restrição de espaço nos cadernos de cultura. Ballerini (2015) considera que esse campo seja um dos que mais necessitam de um “facilitador” entre o artista e o público. Argumenta que embora os objetos artísticos estejam cada vez mais de fácil acesso, seja nas grandes cidades ou pequenas,

esses só são compreendidos de forma plena mediante o conhecimento dos códigos estéticos e técnicos utilizados pelo artista, o contexto social, político, econômico, cultural e até psicológico do momento de feitura da obra, a relação entre esta e outras formas de artes visuais ou até de sua oposição a tudo que tem sido feito até então (p.97).

Em outra comparação podemos dizer que é como colocar uma pessoa em frente ao quadro Mona Lisa, do artista Leonardo Da Vinci, sem ela conhecer o contexto do século 18; ou ainda ler um livro de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Castro Alves, e não se situar no contexto social e cultural no qual essas obras foram produzidas.

Por isso a emergência desse campo ter um crítico mediador especializado e comprometido em pesquisar e decifrar termos técnicos e principalmente o contexto de suas produções e até mesmo o ponto de vista de seus autores. Além disso, o crítico

também desenvolve a função de mostrar ao público possibilidades para além da obra estético-artística apresentada, que pode ser desde uma escultura a uma instalação.

Porém, mesmo com essa carência, o autor ressalta que ainda no século 21, que conta com o avanço tecnológico e principalmente a possibilidade da internet, a presença desses mediadores é pouca e quanto existe deixa a desejar quanto a ter uma formação adequada, o que sobrecarrega essa responsabilidade para os curadores, museus e galerias de arte para fazerem essa mediação com a sociedade. E essa questão da formação é um dos problemas mais apontados por artistas, críticos e até jornalistas da área.

No Brasil, até a chegada da Semana de Arte Moderna em 1922, a crítica de arte variava entre o naturalismo e o impressionismo personalista. Ballerini (2015) dialoga com diversos autores sobre essa temática e apresenta o estudioso João Alexandre Barbosa que explica que desde o início das reflexões críticas no Brasil, que remontam o século 17, o debate concentra-se em buscar uma identidade nacional e se diferenciar da Europa. Foi ainda nessa época que surgiram as diversas revistas no país.

Outro assunto em pauta nesse diálogo é quanto ao espaço para as artes visuais nos jornais impressos. Diversos artistas, críticos, curadores e jornalistas concordam que há cada vez menos espaço nos jornais para as artes visuais e que essa é até mesmo última prioridade dos cadernos de cultura. Além disso, também citam a baixa densidade nas coberturas, a necessidade extrema dos jornalistas se basearem em releases e a falta de tempo do jornalista de fazer matérias *in loco*. Bem como não saberem explorar os recursos ofertados pela ferramenta da internet, como ler textos explicativos, assistir entrevistas com os autores, pesquisar gráficos, links, etc.

Porém, não se objetiva substituir o papel do jornalista em detrimento do uso da internet, no qual consideramos que essa não seja capaz de substituir “o mediador da arte e do público, aquele capaz de decifrar, interpretar, criticar, selecionar e aproximar os artistas e suas obras de seres humanos de diferentes culturas” (BALLERINI, 2015, p.111).

1.2.4.3 Teatro

O teatro também é uma das artes mais antigas exercidas pela humanidade. E devido seu caráter fugaz, efêmero, ao vivo, torna-se ainda mais imprescindível a presença do jornalismo cultural que seja capaz de registrar, eternizar, refletir, realizar crítica e que dialogue com seu contexto em todas as esferas.

Segundo dados levantados por Ballerini (2015), há dois séculos o teatro faz parte da cobertura da imprensa no Brasil. Além disso, baseado em Garcia (2007) apresenta em quatro períodos a produção de textos jornalísticos teatrais. O primeiro período vai de meados do século 19 ao início do século 20. O segundo é o Modernismo, de 1900 a 1939. O terceiro é o período de 1940 a 1968. E o quarto vai dos anos 1970 até o final do século 20, quando então começa a contemporaneidade.

Nessa primeira fase, a partir de 1854, o teatro passa a ganhar força e espaço nos jornais, período em que José de Alencar passa a escrever em um jornal carioca, mas sem uma análise apurada da encenação, cenário, música, etc. Outro escritor de destaque foi Machado de Assis, em 1938, o qual produziu textos militantes para sua época. Álvares de Azevedo também contribuiu para o jornalismo cultural teatral do século 19, com duras críticas.

Ainda na segunda fase, permanecem Machado de Assis e Álvares de Azevedo, e logo depois surge Martins Pena e Artur Azevedo. Já na terceira fase, em 1940, essa fica conhecida como época do moderno teatro nacional. Momento em que surge a nova geração de críticos, pois todos eram ligados ao teatro, tais como produtores, artistas, autores e etc. Era uma crítica preocupada com o desenvolvimento do teatro. Porém, ainda nessa fase, quando em 1960, surge o perfil do crítico que se volta para tratar sobre o teatro polêmico e contestador. Chegando na quarta fase, em 1970, essa é considerada marcada por altos e baixos do teatro nos jornais, porém ainda conta com críticos renomados.

Contudo, historicamente, o jornalismo cultural teatral tem transitado por várias fases que variam entre estar em foco nas mídias como também ser inexplorado em muitos momentos da imprensa brasileira. Porém, fato influenciado pela carência na formação dos jornalistas e pelo caminho mercantil que a mídia tem traçado para seus objetos.

Quem cobre teatro precisa ter consciência de algumas possibilidades dessa arte. [...] o olhar crítico precisa estar conectado à fugacidade típica do espetáculo teatral, que é um acontecimento único, não repetível, sabendo que a apresentação do dia seguinte nunca será como a de hoje ao descrever as cenas, o diálogo, o texto, está-se tentando congelar o tempo, traduzir o espetáculo em palavras, estas, sim, eternas (BALLERINI, 2015, p.118).

Para que isso seja possível de forma eficaz é importante o investimento e aprimoramento do jornalista nessa área de atuação, tais como a dedicação aos estudos

sobre teatro e a compreensão de mundo pelo qual essa arte vem se metamorfoseando. Afinal, a crítica teatral é um processo de diálogo constante entre sujeito e objeto em que ambos se constroem mutuamente (BALLERINI, 2015).

Além disso, uma funcionalidade fundamental da crítica teatral deve ser criar uma ponte possível entre o público e o conteúdo completo do teatro, o que dá ferramentas para subsidiar uma sociedade mais embasada de conhecimentos necessários para uma compreensão mais eficaz e a formação de um olhar crítico sobre o que se trata o teatro enquanto arte.

Outro ponto chave sobre a crítica teatral na imprensa é o panorama em que vem sendo desenvolvida, pois a medida em que se ocupa somente com a agenda das estreias de peças e principalmente que envolvam celebridades, essa vem se enfraquecendo nas investigações, questionamentos e provocações quanto ao universo artístico.

1.2.4.4 Cinema

Desde o século 20 o cinema vem conquistando espaço e cada vez mais público. Não a toa foi eleito “a arte do século 20” por ocupar largo espaço na imprensa, gerar uma grande quantia de recursos financeiros e conquistar cada vez mais adeptos.

Quando o cinema nasce, a imprensa já está fortalecida e com isso passa a fazer cobertura para o que era desenvolvido. Segundo a pesquisa de Ballerini (2015) foi a imprensa que ajudou a concretizar as inovações técnicas que foram aprimorando o cinema do século 19 para o século 20.

No Brasil, [...] o cinema começa a ser tratado como arte na imprensa em textos de apreciação publicados em veículos como *Gazeta de Notícias*, 1902, incluindo até comentários do que ocorrera na sessão de estreia do filme (reação de espectadores, incidentes etc.). [...] Em 1929, o *Jornal do Brasil* já dedicava uma página inteira ao cinema, bem como *A Notícia*, de Florianópolis, e a revista *O Cruzeiro*, com uma seção fixa a cada edição (BALLERINI, 2015, p.134).

Porém, registros constam que de maneira geral o jornalismo cinematográfico das primeiras décadas do século 20 tinha o caráter de comparar as produções nacionais com as internacionais, mas sempre no sentido de inferiorizar a produção nacional. Somente em 1941 esse jornalismo especializado foi sistematizado e em 1946 surge a Associação Brasileira dos Cronistas Cinematográficos e os Clubes de Cinema, os quais algum tempo depois deram origem a Cinemateca Brasileira, em São Paulo.

Esses cineclubes foram importantes para a propagação dos críticos e veículos especializados em cinema. Sendo esses fundamentais para o desenvolvimento do

cinema brasileiro, principalmente após o chamado Cinema Novo, devido o alinhamento entre críticos e cineastas, que por diversas vezes chegava a ser a mesma pessoa.

[...] o Cinema Novo instituiu um fazer que não se limitava mais ao filme para diversão. O crítico tinha como função esclarecer as relações existentes entre o filme e a sociedade. Torna-se “uma peça envolvida no mesmo processo cultural e político que os cineastas”, afirmando o cinema brasileiro como fator de transformação social.

E esse mesmo cinema, a partir de 1970, torna-se uma espécie de “guia de consulta rápida”, trazendo resenhas e classificações taxativas sobre a produção cinematográfica.

Outro ponto que deve ser avaliado na cobertura cinematográfica no Brasil é o espaço dedicado ao cinema de Hollywood em comparação ao espaço para o próprio cinema nacional. Muitos são os argumentos defendidos pela imprensa e os próprios críticos, mas o importante é perceber que nos últimos anos o Brasil tem produzido em larga escala e fazer uma análise crítica aprofundada pode principalmente ser útil para o desenvolvimento do cinema brasileiro.

1.2.4.5 Música

Assim como as outras expressões a música também tem sofrido impacto em suas produções, tanto em escala industrial quanto em seu caráter artístico. Com o advento da internet, a partir de 1990, esta vem tendo larga contribuição no cenário dessas transformações, a qual envolve compartilhamentos, downloads, formatos compactos, a proliferação da pirataria, etc. “O jornalismo cultural musical vem acompanhando de maneira atônita este que talvez seja o momento mais efervescente de seu objeto de cobertura” (BALLERINI, 2015, p.149).

A colocação do autor é compreendida quando se volta o olhar para os tempos mais antigos, onde a relação jornalista musical e cantores e bandas era mais próxima e em alguns momentos mais privilegiada. Atualmente, com essas metamorfoses do mundo globalizado e com acesso facilitado por meio da internet, o mundo da música também se modificou e agora cantores não conseguem mais viver com a venda de seus CDs e DVDs, o que implica em seu deslocamento contínuo para conseguir realizar shows e outras demandas. E junto a isso se modifica também o trabalho da imprensa que precisa acompanhar a dinâmica desse mercado e as inovações tecnológicas.

Portanto, foi a popularização do rádio, no final do século 19, que impulsionou as revistas voltadas para a cobertura musical. A maioria delas voltada para a divulgação da música clássica e erudita internacional.

[...] a imprensa brasileira passou a maior parte dos séculos 19 e 20 macaqueando o que vinha de fora – cobrindo apenas música clássica europeia – e ignorando quase todas as manifestações musicais brasileiras. [...] Um dos grandes defensores da música popular brasileira, o jornalista Lúcio Rangel, lançou, em 1954, a *Revista da Música Popular*, cuja missão era reunir os grandes especialistas da área para exaltar a música brasileira e sua diversidade. Foi uma iniciativa pioneira [...] (BALLERINI, 2015, p.150)

Foi também graças ao trabalho da cobertura da imprensa que diversos ritmos ficaram conhecidos, como frevo, maracatu, forró, baião, xaxado, xote, lundu, maxixe, etc. Porém, o preconceito da imprensa musical continua com relação a essas manifestações. Essa prática é mais visível quando analisamos a cobertura jornalística do sudeste com relação as manifestações do norte e nordeste, os quais sofrem resistência para serem divulgados. O que gera uma cobertura repetitiva, focando somente no pop e rock nacional e internacional.

De modo geral, essa imprensa especializada contribuiu em larga escala para o universo musical, mas devido as novas tecnologias, como dito anteriormente, essa prática tem se enfraquecido e perdido espaço.

Além disso, um consenso entre os pares do orbe musical é a falta de conhecimento amplo dos jornalistas que cobrem essa editoria, preferindo ficar somente nos aspectos mais superficiais. Isso tem afetado no conhecimento do leitor, que atualmente não encontra com facilidade textos em jornais que permitam conhecer de fato as qualidades e os defeitos do universo musical.

A imprensa musical pode e deve ser um intermediário importante nesse convívio com o leitor. Afinal, em algum momento da vida, o ser humano de qualquer cultura se pergunta se aquela música é apenas “gostosa de ouvir” ou se tem de fato algum valor artístico. Se o ouvinte-leitor não tem independência crítica para analisar sozinho o tema [...] cabe à boa imprensa especializada lançar caminhos [...] sobre o que é joio e o que é trigo na plantação musical (BALLERINI, 2015, p. 160).

1.2.4.6 Universos contemporâneos

A história da literatura, do teatro, das artes visuais e da música surgiram bem antes do próprio surgimento da imprensa. Porém, com o avanço tecnológico e as consequentes necessidades do público em expandir seus conhecimentos, a cobertura dos

cadernos de cultura também tem se dinamizado, agregando outros temas e valores, como aponta Ballerini (2015).

A maior revolução interna no Brasil deu-se com o surgimento da televisão, em 1950, e sua popularização em diversos gêneros (novelas, séries, programas de auditório, de entrevistas etc.) na década de 60. [...] Hoje é impossível encontrar uma revista ou um jornal que não aborde algum conteúdo televisivo, seja discutido a vida dos artistas, a qualidade de determinados programas ou meramente divulgando entretenimento (p.164).

De fato a televisão tem ocupado um espaço privilegiado em muitos cadernos. Porém, para muitos jornalistas críticos e estudiosos da área é um consenso que a cobertura acaba sempre sendo mais voltada para o entretenimento, foca sobre a vida das celebridades e programação. Deixando a desejar quanto a uma análise mais crítica e aprofundada sobre os diversos aspectos que o universo televisivo possui em sua carga genética multifacetada do audiovisual. Outro universo que faz parte da cultura de qualquer sociedade e que vem conquistado cada vez mais espaço e adeptos é a gastronomia.

A partir dos anos 1980, guias e cadernos de cultura dos jornais e revistas semanais passaram a dedicar espaço não só a roteiros de restaurantes como a críticas de gastronomia. Hoje, ela se tornou tão poderosa nos veículos que alguns lhe concederam um caderno separado [...] (p.164)

O que antes entrava nos jornais de modo tímido, atualmente a seção de gastronomia ocupa manchetes e até cadernos inteiros. Já há críticas de restaurantes, seções de vinhos e bebidas, perfis de chefs, testes de produtos, etc. E se comparada com outros segmentos, a gastronomia possui um número considerável de revistas e guias impressos, o que lhe oferece certa estabilidade frente ao mercado em crise.

Porém, assim como nas demais áreas, existem críticos que consideram que assim como houve um avanço sobre a gastronomia, ainda existe muitas análises que ficam no superficial, onde demonstram quase nada de conceitos e comparações de gastronomias em outros estados e outros países, não a evidenciado como manifestação cultural de uma sociedade, mas como uma relação de consumo.

Outro nicho que vem conquistando espaço nos cadernos culturais é a moda. Assim como a gastronomia, mesmo fazendo parte da cultura das sociedades há séculos, a moda só passou a ser pauta em 1990, quando houve a abertura dos mercados de importação e diversas grifes passaram a fazer parte do cotidiano brasileiro.

Menos ligada ao entretenimento e mais centrada no consumo de tendências, a moda é outro universo que vem ganhando espaço no jornalismo cultural brasileiro. Embora seja tema de jornais e revistas desde o surgimento deles no Brasil [...] só agora a cobertura de moda foi profissionalizada em termos jornalísticos, com comunicadores que buscam especialização na área e formam um campo de conhecimento solidificado e organizado (BALLERINI, 2015, p.172).

Mesmo estando presente nos cadernos culturais, muitos críticos consideram que é na internet e revistas especializadas que a moda se manifesta de forma mais abrangente. Além disso, assim como nos demais segmentos, ressaltam que ainda falta nos jornalistas da área informação sobre cultura da moda e conhecimento técnico de tecidos e processos de confecção. Bem como os textos precisam mais didáticos, lembrando que o leitor nem sempre tem as referências que os jornalistas tem acesso.

Por fim, um último segmento explicitado por Ballerini (2015) é o da própria internet agregada a outros nichos como games e a informática. Esses temas tem se expandido e levando consigo um público mais específico, como fãs de determinados filmes e jogos. Além disso, esse segmento também tem influenciado no mundo das produções de filmes, os quais muitos deles são avaliados se rendem jogos ou outros aplicativos antes mesmo de serem divulgados.

Portanto, muitos são os universos contemporâneos no jornalismo cultural, o que parece agregar valor aos que o produzem e ao público de modo geral. Mesmo não sabendo se esses novos universos irão permanecer ou assumir páginas independentes nos jornais, o que podemos concluir é que a cobertura cultural vem tomando forma mais rebuscada e ao mesmo tempo sinalizando novos caminhos ao que tange os modos de comportamento, o segmento de vida e estilo, as tendências, entre outros valores de conhecimento e informação englobados nos cadernos culturais.

CAPÍTULO II

Jornalismo cultural: universo em metamorfose

2. Jornalismo cultural: um discurso em construção

A comunicação social há muitos anos, pelo menos nos últimos 20 anos, vem passando por uma transição oriunda dos avanços tecnológicos e conseqüentemente sua inserção na Era Digital, onde seres humanos, máquinas e meios de produção passam a ser mediados e influenciados pela internet, pela troca de informações simultâneas, onde tudo passa a ser transitório, com o tempo útil muito menor que 24h, prazo de validade considerado para os jornais impressos. Nesse sentido, o jornalismo cultural do século 21 se encontra num campo onde existe um sentido dual: a cultura de massa e a cultura de convergência, ou seja, a construção constante da informação, cunhado por Henry Jenkins, não somente no sentido tecnológico, mas principalmente por uma perspectiva antropológica.

Consideramos a indústria de massa por estar diretamente relacionada à indústria cultural, ou seja, está inserida num modo de produção em larga escala e que precisa atender demandas de informações que se tornam exacerbadamente efêmeras, bem como um público que é levado a consumir essa produção de conteúdos e produtos de forma consensual. O que nos mostra claramente a problemática que esses consumidores não têm o tempo ideal para filtrar essas informações, haja vista que uma mesma informação vos chega por diversos canais e perspectivas diferentes.

É também uma cultura de convergência por entender que todas as mídias estão sendo influenciadas pela internet, assim, passando por uma adaptação às transformações culturais e mercadológicas que ela tem trazido para os veículos de comunicação.

A convergência implica uma nova problemática, pois ao mesmo tempo em que as mídias convergem para a internet, se abre o espaço para que os usuários, consumidores, também compartilhem informações, os quais em sua grande maioria não são qualificados e acabam por propagar diversos tipos de informações sem nenhum filtro e credibilidade. Tendo o jornalismo cultural que enfrentar os desafios dessa nova realidade e principalmente se reinventar para encontrar sua legitimação.

Nessa relação, José Salvador Faro (2012) ressalta que o jornalismo cultural é uma habilitação importante na imprensa atual. Não somente enquanto editorial, mas também na relação econômica que ele estabelece com os veículos de comunicação.

Porém, aponta que esse jornalismo especializado sofre com algumas barreiras, tais como a dificuldade dos jornalistas definirem o jornalismo cultural enquanto concepção e natureza; bem como mudanças de ordem estrutural que estão acontecendo na sociedade.

É difícil apontar um único setor da atividade intelectual [...] que não tenha sido impactado pela internet, pela formação das redes sociais, pela interatividade permitida nos veículos etc. O resultado disso, também aqui, parece ter desfavorecido o Jornalismo em geral, mas em particular o Jornalismo Cultural, que sempre teve na hierarquia da centralidade autoral sua fonte de credibilidade e de prestígio junto ao público (FARO, 2012, p.12).

Sobre esse aspecto autoral remetemos ao Piza, pois ele fala que o jornalismo cultural é também uma atividade intelectual. Porém, com a crise da cultura, essa intelectualidade sofre consequências e é praticamente extinta. Assim como a internet desterritorializa também essa ideia do “intelectual”, como dos “jornais”, com a ideia de que todos podem produzir conhecimento ou ter acesso a ele.

Essa colocação sugere outra dualidade, a qual é também proveniente da abertura a convergência midiática, pois ao mesmo tempo em que a internet vem para proporcionar o avanço e acesso facilitado à informação, por outro lado ela se protagoniza como um entrave na produção do jornalismo cultural, a partir do momento em que se abre e que todos tem permissão de propagar uma infinidade de conteúdos de crítica cultural, os quais podem ser provenientes de fontes não fidedignas, mas também de extrema pobreza em termos de fundamentação cultural e sem qualificação profissional.

Fato esse que se desdobra e causa outro problema: a desconfiança do público perante uma infinidade de assuntos, produzidos muitas vezes pelo próprio público internauta. Em entrevista ao Suplemento *Nave Errante – Reflexões sobre o Jornalismo Cultural (2012)*, o jornalista, crítico, repórter, redator e editor Sergio Augusto comenta sobre o assunto e argumenta que a internet agiliza o serviço, mas que a qualidade do jornalismo cultural não melhorou depois do seu advento. E questiona como poderia melhorar havendo palpiteiros sem qualificação. Em outro momento, ainda sobre o advento da internet, o jornalista ressalta:

A informação pura e simples pouco ou nada vale se você não sabe como utilizá-la, vale dizer, relacioná-la com outras de forma eficaz, inteligente, produtiva. É preciso saber transformar a informação em conhecimento, em saber. O *Google*, a *Wikipédia* e o *IMDB* facilitaram nossa vida, agilizaram nosso trabalho, transformaram qualquer um de

nós em sabichão, em polímata, aliviaram a barra dos estudantes [...] mas, a exemplo da substituição da pena pela máquina de escrever, não melhoraram a qualidade da nossa produção intelectual (p.05).

O trecho: “a informação pura e simples pouco ou nada vale se você não sabe como utilizá-la, vale dizer, relacioná-la com outras de forma eficaz, inteligente, produtiva”, nos remete à ideia sobre jornalismo como forma e prática social de conhecimento, explicada no capítulo 1 com embasamento do jornalista e cientista social, Adelmo Genro Filho. O que significa que apesar do jornalismo ser transpassado pela lógica capitalista, que visa o consumo, essa prática pode ser emancipada e alcançar as esferas de desenvolvimento de uma prática com qualidade, primando pela informação que traga conhecimento para seu interlocutor.

Faro (2012) afirma que essa crise interna no jornalismo cultural gera uma crise externa, que é a mediação do crítico. Essa crise de mediação acaba por indicar certa crise de conteúdo e representação do jornalismo cultural, o qual busca incessantemente sua identidade, tendo como aporte a vertente sociológica, buscando com isso um caminho alternativo das técnicas reducionistas ou a lógica de mercado massificada.

Diante dessa realidade é claro que o jornalismo de cultura vem se transformando paulatinamente e com isso ele deve ser pensado como um processo social em constante transformação pelos agentes sociais, sendo principalmente um discurso em construção, tendo em vista que toda produção cultural está envolvida com uma referência social do seu tempo de produção, isto é, inevitavelmente está contextualizada (WILLIAMS, 1992).

Isso mostra a importância do jornalismo cultural não só registrar e divulgar o que acontece no momento atual, mas também de contextualizar sobre aquilo em que se propõe em registrar. Dessa forma, o mesmo não pode ser visto de forma desvinculada da interação social, tendo em vista que guarda relação com o processo de,

[...] reflexão das ideias, da estética, das normatizações da política, do Direito, do campo das ciências físicas, etc. Sendo nesses espaços que encontra legitimação. Pensar que o jornalismo cultural possa perder essas relações significa entender que as produções dessas esferas giram em torno de um vazio intransponível, o que a própria história mostra ser improvável (FARO, 2012, p.13).

A própria história do jornalismo brasileiro também mostra essa conexão, quando em meados da década de 80 as dimensões da economia e da política, passam a fazer parte do universo da Comunicação de forma mais fortalecida e como espaço de

disputa pelo poder, implicado por questões hegemônicas e ideológicas. Porém, quanto à prática do jornalismo cultural, é possível encontra-la bem antes, em 1950, como no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, o qual fora um marco para a história da imprensa do jornalismo cultural no Brasil, pois se tratava de um foco de inventividade e inteligência até 1980. Também era assim o Quarto Caderno do *Correio da Manhã*.

Vale ressaltar, essa orientação mais crítica do jornalismo surge na época da ditadura militar (1964-1985), período nos quais os veículos de comunicação passaram por forte repressão. Porém, foi nesse momento que a crítica cultural se desenvolveu, o que proporcionou uma solidificação dessa prática na sociedade brasileira.

Esse desdobramento que o Jornalismo Cultural tem – [...] em relação a questões sociais e políticas de forte densidade universal – precisa ser resgatado sistematicamente para que ele encontre na sua própria herança e em suas próprias características a essência de sua natureza (FARO, 2012, p. 14).

O Caderno B também teve contribuição na realização de um jornalismo cultural mais crítico durante a repressão política da Ditadura Militar. Vilma Moreira Ferreira (s/d) fez um estudo sobre esse caderno exatamente no período do regime militar, entre 1967 e 1968, e conseguiu inferir que o Caderno B se constituiu como resposta aos acontecimentos culturais da época, tendo como compromisso de não apenas informar, mas também o de formalizar opiniões sobre eles, o que podemos considerar como atividade intelectual, ou seja, o legítimo jornalismo cultural.

Ivana Barreto (2009) explica que a criação do Caderno B foi um marco na história da imprensa e dos cadernos de cultura, pois após o pioneirismo do JB, os cadernos culturais foram sendo objeto de desejo mais cobiçado por grande parte dos jornais brasileiros.

Depois da experiência pioneira do *Jornal do Brasil*, com o Caderno B, quase todos os principais jornais criaram ou recriaram seus suplementos: Caderno H (Zero Hora); Dia D (de O Dia); Tribuna Bis (da Tribuna da Imprensa); Caderno 2 (de O Estado de S. Paulo). E, desse modo, os cadernos culturais alcançaram uma particularidade: transformaram-se em suplementos diários de cultura com reportagens, resenhas críticas, colunas assinadas e o serviço (tijolinhos-notas com o roteiro de cinemas, teatros, casas de shows, endereços, horários), aspectos que não existem nem na América do Norte nem na Europa, uma vez que o jornalismo cultural se resume a um caderno semanal nos grandes diários ou a revistas especializadas, independentes (BARRETO, 2009, p. 103).

Um exemplo regional que podemos citar nos moldes do Caderno B, e arrisco dizer que teve sua influência, foi “A Província do Pará”, um periódico lançado em 1876 por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos. “A Província” posicionava-se a favor da luta contra a escravidão, o que em 1912 fez com que os opositores de Antônio Lemos provocassem um incêndio em sua sede. “A Província do Pará” foi publicada durante mais de 100 anos, período marcado por várias paralisações, ora por questões políticas, ora por motivos financeiros. Outro que podemos citar é o Clube da Madrugada, movimento artístico, literário e cultural de grande importância para Manaus¹.

Porém, considera-se que o papel do jornalismo cultural deveria estar ligado à análise crítica ou à curadoria, embora na maioria dos jornais já não se encontre mais espaços dedicados para o assunto e nem profissionais qualificados e comprometidos com esse universo. Fato esse fortemente criticado entre os críticos e estudiosos de jornalismo cultural.

A maior parte do jornalismo cultural, sobretudo em jornais impressos, não é nem curatorial, nem crítico: simplesmente se limita a descrever um objeto (por exemplo, uma montagem teatral) e não raro informa mal o leitor sobre o que está em jogo. O que fazem é ‘serviço cultural’, nada mais. [...] Também não existe público para crítica (a audiência dos textos ou falas críticos no Brasil é ínfima) (COELHO, 2012, p. 10).

Para Teixeira Coelho, crítica se difere da curadoria. Ele afirma que curadoria somente apresenta o objeto, é pouco opinativa e pouco crítica. Por outro lado, a crítica assume um papel mais rigoroso e tende a fazer comparações, ser mais opinativa e livre para pontuar pontos positivos e negativos de uma obra, de um artista, etc.

Ainda sobre a fala de Teixeira sobre a não existência de público para a crítica, podemos contrapor com a reflexão de Felipe Lindoso (2007) o qual coloca que a situação é complexa e afirma:

O direito de ter acesso à cultura passa a ser um elemento componente e necessário de políticas públicas. Não se pode simplesmente dizer que existe liberdade de expressão, e que essa é absolutamente fundamental. Não se pode parar por aí, falta criar condições para que a população tenha acesso aos bens culturais (p. 52).

Isso mostra que ter acesso à cultura é um problema de política pública e que não pode esperar pela iniciativa do mercado, mas deve ser estimulada pelo Estado, onde

¹ Para saber mais sobre esse movimento, teremos um tópico dedicado a ele mais a frente.

possa garantir à sociedade o acesso aos bens culturais. E Marcelo Dantas (2007) complementa que é necessário que o Brasil defenda a própria capacidade de implementar políticas públicas de incentivo à produção cultural, tais como a Lei Rouanet ou a Lei do Audiovisual. Bem como aprimorar os mecanismos para proteger e fomentar a diversidade cultural, levando em consideração a abundância cultural do país.

Sobre essas leis de incentivo à cultura se trata de um assunto delicado, uma vez que ao mesmo tempo em que fora criada para alavancar a cultura também tem deixado muito a desejar em diversas regiões do país.

A Lei Rouanet como é aplicada atualmente, foi proposta por Sérgio Paulo Rouanet, o qual reformulou em 1991 a lei de incentivo à cultura, aprovada anteriormente em 1986. O objetivo dessa lei é: facilitar os meios para o livre acesso às fontes da cultura; apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais, proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional.

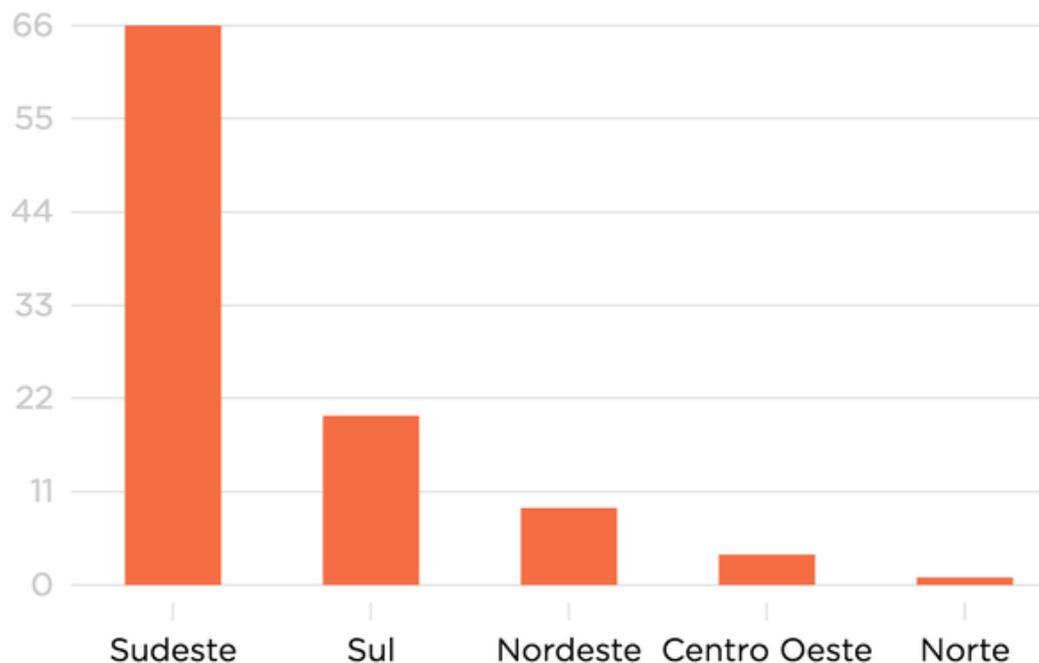
A Lei Rouanet existe há 25 anos e conforme sua utilização fora se desvinculando da sua ideia inicial, passou a ser alvo de críticas, pois na prática passou a ter concentração regional de projetos, apoiar projetos lucrativos e artistas renomados, o governo mostra ter dificuldade de acompanhar as verbas, deficiência de modelos alternativos ao mecenato (que envolve patrocínio ou doação de empresas ou pessoas físicas a artistas). E com a crise instalada nos últimos anos, os governantes têm cortado os recursos para esse campo, o que agrava cada vez mais o estímulo para as novas gerações culturais.

Em 2015, apesar de ter sido aprovado R\$ 3,3 bilhões para incentivo à cultura, o Ministério da Cultura contou com apenas R\$ 320 milhões para programas e editais, o que representou um dos menores gastos do governo. Essa Lei representa 80% da verba pública voltada para produção cultural.

Dados de 2015 do Ministério da Cultura mostram alguns gráficos sobre recursos captados por áreas, captadores de verba, incentivadores de pessoa jurídica e por região. O gráfico por região nos mostra a distribuição geográfica dos projetos aprovados através de mecenato.

Recursos aprovados em mecenato por região (2015)

em %



Fonte: Ministério da Cultura; jornal Nexo (2016)

De 5,4 mil projetos aprovados no ano passado, 3,5 mil (66,1%) vieram dos Estados da região Sudeste. Em seguida aparece a região Sul com mil projetos (20%), logo depois o Nordeste com 493 projetos (9,1%), o Centro-Oeste com 197 (3,6%) e por ultimo a região Norte com apenas 53 (0,9%). Isso mostra que os projetos aprovados se concentram no Sul e Sudeste do país, as quais juntas somaram 86% dos projetos aprovados pela Lei Rouanet em 2015.

Essa realidade dissertada nos mostra que essas deficiências no sistema de produção, circulação e valorização da cultura não se encerram no campo prático da cultura ou do jornalismo cultural, mas se estendem também para o campo do ensino, da formação e principalmente das relações econômicas geradas.

O jornalista e professor Teixeira Coelho no artigo “Outros Olhares” faz uma reflexão sobre como tem se desenvolvido o ensino do jornalismo de forma geral nas universidades, onde afirma haver uma pasteurização do que é ensinado e o estudante não tem espaço para exercer a sua criatividade, o que o limita desde a esfera acadêmica.

Isso é importante porque, no jornalismo cultural, se o individuo não for capaz de encontrar a sua voz pessoal distintiva, este não tem muito que fazer na profissão. Ele poderá ser aquilo que no Brasil comumente se entende por jornalista cultural, quer dizer, o responsável por um caderno, uma pauta, uma coluna de serviços culturais ou até um

repórter cultural, mas não um jornalista cultural no sentido crítico da palavra, isto é, alguém capaz de colocar um fato cultural numa perspectiva histórica (e crítica) do campo cultural relacionado que está sendo tratado (COELHO, 2007, p.25).

Porém, Teixeira Coelho pondera e ressalta que a raiz do problema não está somente nas universidades, o que nos faz pensar também nos professores e alunos. Mas, também não podemos descartar a hipótese da nossa educação básica no Brasil, que já se mostra insuficiente há muito anos.

Estruturas educacionais a parte, é pertinente o engajamento de cada jornalista em sua formação, bem como na do jornalista cultural, que precisa buscar ferramentas além do ensino da graduação. Além disso, frisa que entender a cultura é muito difícil, o que se mostra mais difícil do que entender as relações econômicas. Caso que exige dedicação para sua compreensão.

Já Cremilda Medina, no artigo “Leitura Crítica”, considera que toda matéria jornalística é uma produção cultural. Bem como afirma que há uma fragmentação dos conteúdos na sociedade contemporânea, devido um processo pós-industrial. Assim, ela se posiciona e defende sua noção de cultura da seguinte forma:

A minha noção de cultura atravessa o jornalismo [...]. a cultura passa em todos os espaços e tempos do jornalismo. Não há narrativa nem matéria jornalística que não seja produção cultural, o que se diz da realidade à nossa volta é representado simbolicamente no discurso jornalístico. E quem interpreta a realidade é um leitor da contemporaneidade que produz sentidos, produz significados perante o acontecimento social, econômico, político, artístico, esportivo, científico, ambiental, etc. (MEDINA, 2007, p.32).

É perceptível que Medina busca uma compreensão larga e aprofundada do sentido de cultura e conseqüentemente do jornalismo cultural. Assim como busca compreender o leitor nesse processo de produção, circulação e valorização da cultura numa perspectiva ampla. Esse entendimento precisa ser levado mais a sério na formação do jornalista, pois a medida que consegue ter uma percepção mais apurada, consegue também desenvolver uma concepção mais crítica da visão de mundo.

Mas, o escritor Andrés Szantó, que é pesquisador e consultor nas áreas de arte, mídia, política cultural, mecenato e filantropia, com base em Nova York, lembra que o jornalismo cultural é a especialização jornalística de mais baixo status na maioria das redações, o que gera certo desconforto e desmotivação nos jornalistas que escolhem

essa área de atuação. Ele diz que isso acontece devido que as artes não fazem parte da área nobre das empresas de comunicação.

Embora não tenha grande prestígio entre seus pares e às vezes na própria sociedade, na outra ponta, em se tratando de relação econômica, Felipe Lindoso no artigo “Geopolítica Cultural” do livro Rumos [do] jornalismo cultural, ressalta que o processo não é apenas político e cultural, mas também econômico.

Os produtos e bens culturais, portanto, também são objeto de eventuais processos de negociação, dentro do processo de trocas de incentivos ou liberalizações. Há uma infinidade de processos de negociação, de troca de ofertas um país oferece abrir o mercado de tal maneira para tais produtos e em compensação exige que a outra parte abra o mercado para tais outros produtos ou elimine subsídios, ou estabeleça políticas que não favoreçam a produção interna daqueles itens, vis-à-vis os produtos do mercado internacional (LINDOSO, 2007, p.52).

Essas relações comerciais acabam gerando consequências para os próprios interessados, ou seja, os produtores de cultura, os quais muitas vezes não fazem ideia da dimensão desses tratados que ocorrem nos bastidores, mas que os afetam diretamente. Além disso, essas consequências chegam também no nível da circulação e outros aspectos relacionados com a criatividade, como a própria capacidade de produzir, tanto de quem gera esses produtos quanto de quem irá receber, considerando a sociedade de modo geral.

Desse modo, alguns autores como Felipe Lindoso e Marcelo Dantas defendem a ideia de se criar políticas públicas para a defesa e fomento da diversidade cultural, o que irá contribuir com os produtores culturais e facilitar à população o acesso a esses bens culturais por uma perspectiva cada vez mais com grau de amplitude plural.

2.1 O crítico: papel e seu valor

O jornalista desempenha um papel importante nesse universo em constante metamorfose que é o jornalismo cultural. É sabido e muitos autores refletem sobre a grande mudança que esse jornalismo especializado passa desde o século 20. Isso mostra que cada vez mais vem se expandindo e agregando universos que se encontram e confluem na direção de informação e entretenimento.

José Salvador Faro (2012) ressalta que boa parte dos veículos que se destinam à crítica da cultura fazem, no fundo, matérias destinadas ao entretenimento e muitos deles são apenas instrumentos de interesses mercadológicos da dinâmica da sociedade

de consumo. Porém, isso não anula o fato de que o gênero transcende as determinações e dificuldades momentâneas. Uma sociedade complexa e diversificada como é a que a modernidade constrói tem no Jornalismo Cultural um instrumento valioso para a emancipação de seus membros.

A crítica de Faro é pertinente se avaliarmos os jornais locais e até mesmo nacionais com relação aos conteúdos divulgados nos cadernos culturais. O que se vê são imagens, programações, matérias que tenham valor de consumo, onde os eventos culturais são transformados em espetáculos. Porém, sabe-se que a crítica de arte vai muito além do espetáculo vendido e possui um valor inestimável, no qual o jornalista precisa se imergir no universo das obras e principalmente o contexto à sua época.

Sobre a concepção acerca do jornalista cultural, ou o crítico, o autor Frantjesco Ballerini (2015) apresenta alguns autores que tecem suas teorias. Ele lembra que Pierre Bourdieu (1989) considera os críticos de vanguarda como porta-vozes dos artistas e suas respectivas artes, os quais conseguem fazer um nome se tornarem reconhecidos. Para Anchieta (2007), o jornalista cultural é um mediador capaz de tornar a realidade complexa em formas simbólicas simples e acessíveis, mas sem empobrecer a informação.

Teixeira Coelho (2007) questiona: “Deve o jornalista cultural ser um crítico ou um relator? Entendo que o jornalista cultural tem de ser crítico, ou então ele será um mero escrevinhador do serviço cultural” (p.27). Cremilda Medina (2007) também tece reflexão sobre esse profissional: “[...] um jornalista cultural [...] que não circula na sociedade não tem a mínima condição de fazer uma leitura cultural renovadora, autoral, decisiva para a cidadania, para a história” (p.33).

A colocação dos autores está aclarada nas práticas profissionais, pois o que vemos, em grande parte, é uma informação precarizada, onde jornalista econômico, cultural, esportivo, entre outros, acabam reproduzindo discursos oficiais, o que demonstra facilmente uma interpretação de mundo impregnada pela ideologia dominante.

Em consequência, sobre o texto do jornalista cultural, Jean-Claude Bernardet (1978) tem uma visão mais ampla e define o texto crítico da seguinte maneira:

[...] o texto crítico é um discurso paralelo à obra e não se identifica com ela: entre os dois, um jogo de aproximações e distanciamentos se estabelece. É uma produção que vive da obra a que se refere, mas tem leis próprias. Frequentemente, o texto crítico nasce da obra que lhe sugere como quer ser compreendida e analisada. Frequentemente, o texto não nasce da obra: é ele que torna a iniciativa de procurar

determinadas obras, ou dentro delas, determinados elementos para se produzir. Um balançar constante entre a dependência da obra e a independência. O crítico se submete à obra e também persegue os seus próprios objetivos na multiplicidade das obras (apud BALLERINI, 2015, p.49).

Ele defende a ideia de que uma boa crítica explora as tensões de uma obra, onde o jornalista cultural desenvolve o papel de observador de uma obra e a analisa mostrando os diversos pontos que a interferem, juntamente com a época a que está ligada e as transformações em que nela implicam. Além disso, para esse autor criticar significa uma aproximação entre o crítico e a obra, assim como ser possível aproximar o leitor da mesma. Para Garcia (2007) o texto crítico mescla a literatura e o jornalismo. Literatura porque busca expressões de linguagem para atrair o leitor e o jornalismo porque busca informar.

Neste sentido, percebemos que da reportagem à crítica real existe um caminho longo e muitas vezes árduo a ser percorrido, pois não é somente dispor de boa observação, descrição, fontes, texto. Mas, é um conhecimento construído ao longo do contato com o autor da obra, fazendo com que tenha contribuição no processo de alfabetização do público, seja visual, sonoro, tátil.

Retomando o jornalismo como forma e prática social de conhecimento, é possível dizer que o recurso da literatura no jornalismo além de revelar a particularidade também é capaz de explicitar a universalidade, sendo que segundo Genro Filho (1987) esta não vai estar necessariamente no formato textual concretizado, porém irá emergir a partir da própria singularidade e particularidade enquanto informação para além do que está posto, é uma forma de “ler nas entrelinhas”, ou seja, a capacidade hermenêutica do autor.

Porém, o jornalismo cultural vai muito além da simples análise, da observação constante, da utilização de linguagens para desenvolver um texto para ser publicado sobre determinada obra. Concordando com Maria Hirszman (2007) sobre a relevância da crítica, ela afirma que uma sociedade ou época sem crítica de arte é como se estivesse fora do mundo, pois é através dela que é possível entender os ideais de cada tempo e saber o que se projeta para o futuro. O autor Oscar Wilde (1986) também defende o mesmo pensamento e ressalta:

[...] uma época sem crítica é uma época em que a arte não existe, ou então permanece imóvel, hierática e se limita à reprodução de tipos consagrados, ou uma época que não possui arte alguma. [...] A criação tende a repetir-se. Ao instinto crítico deve-se toda nova escola que surge, cada novo molde que a arte encontra preparado e à mão (p. 52).

A partir desses autores apresentados por Ballerini (2015), percebe-se que a crítica de arte é essencial para uma sociedade e o contexto a seu tempo, onde com base nisso é possível refletir sobre a realidade social, econômica, histórica, cultural de uma cidade de acordo com cada época em que se tem a produção e circulação de valores construídos pelos sujeitos sociais.

Uma análise qualificada e de forte sensibilidade conceitual sobre uma obra, por exemplo, pode perfeitamente acabar pondo em discussão questões que se situam além da crítica propriamente dita já que pode contribuir para a formulação de pontos de vista de amplitude ontológica e filosófica bem mais amplos que a estrita referência literária feita na matéria (FARO, 2012, p. 13).

Contudo, mesmo sendo clara a importância de um conjunto de fatores que desenvolvem um jornalismo cultural comprometido, o mesmo ainda, por diversas vezes, permanece sofrendo com o desprestígio, seja no próprio jornal ou pela sociedade. Alguns autores defendem a hipótese que isso se dá devido às matérias serem atemporais, frias e sem caráter emergencial.

Essa tem sido uma das principais características que fazem com que o jornalismo cultural seja relegado a segundo plano ou até mesmo a ser desconsiderado nas pesquisas sobre jornalismo. [...] Os índices de leitura dos cadernos, contudo, têm demonstrado o interesse dos leitores para as informações culturais, o que demonstra a necessidade de se investir ainda mais nesse tipo de jornalismo (SILVA, 1997).

Essa prática revela outra dificuldade que autores e jornalistas críticos também ressaltam, como o desaparecimento gradativo de espaço para a crítica cultural, o que segundo Coelho (2007) é proveniente de um embrutecimento cultural no Brasil que tem acontecido nos últimos 20 anos.

Há alguns anos, o espaço mínimo para uma crítica era de quatro, cinco laudas, 100 linhas (e já era menor que há uns 10 ou 15 anos). Hoje em dia pede-se uma crítica com 2.400 caracteres, ou seja, duas laudas, 40 linhas, para se falar de uma exposição de arte com curador importante, grandes artistas, etc. É muito pouco. É muito clara e precisa a diminuição do espaço para reflexão sobre a cultura. De maneira geral, há uma presunção tola dos meios de comunicação no Brasil, a de que o brasileiro não se interessa por esses assuntos, de que não há tempo para leitura e que, portanto, deve-se reduzir os textos (p.28).

O autor critica essa realidade do jornalismo cultural e ela nos remete a uma necessidade emergente, a criação de políticas públicas para acesso à cultura e para as produções culturais. O que não quer dizer que seja um caminho fácil de trilhar, mas que

exige esforço e dedicação não somente dos produtores culturais, mas também dos nossos governantes e toda sociedade civil.

A partir desse entendimento, ainda assim nos resta a dúvida: onde está na atualidade o jornalismo e os jornalistas culturais? Antes de respondermos a esse questionamento, vale ressaltar que entendemos o jornalismo cultural como uma atividade prática e intelectual, o qual com seu aspecto informativo tem a capacidade de interagir com a sociedade e dar visibilidade ao que acontece e é produzido enquanto cultura.

Porém, concordamos que nas publicações especializadas em cultura ou nos espaços dedicados a esse universo convivem repórteres, intelectuais, artistas, pensadores, que não necessariamente tem formação jornalística, o que resulta em um espaço diferenciado do restante da produção jornalística convencional, definido por Faro (2006) como “também um espaço público da produção intelectual” (GOLIN, 2009).

Atividade prática, pois está inserida no campo das ciências sociais aplicadas, bem como por ser uma construção social. E atividade intelectual, pois trata-se de uma tarefa que requer conhecimentos sobre o tema em debate, onde é preciso que o autor pesquise, se aprofunde, dialogue com outros autores para ter um olhar crítico sobre determinada produção cultural. Vale ressaltar, essa crítica não se reduz ao dito “falar mal”, mas algo construtivo, no tocante em que possa acrescentar conhecimentos a quem avalia, ao avaliado e ao público.

Assim, verifica-se por diversas vezes que esse jornalismo cultural encontra abrigo no chamado jornalismo independente, como blogs e portais no espaço digital, ou em espaços impressos de produção semanal ou mensal, como as revistas Caros Amigos, Piauí, Bula, Bravo, entre outras produções.

2.2 Clube da Madrugada

Situamos sobre o Clube da Madrugada neste tópico, haja vista a sua importante contribuição quanto à formação de um pensamento crítico e uma nova etapa na produção do movimento cultural, artístico e intelectual de Manaus.

A década de 50 foi marcante para a história da cultura amazonense, a qual foi assinalada pela rebeldia e busca de novos caminhos. O resultado da busca por esses

anseios foi a criação do Clube da Madrugada, em 22 de novembro de 1954, consistido em ser um movimento artístico, literário e cultural em Manaus.

O Clube estabeleceu como ponto de partida repensar a Semana de Arte Moderna de 1922, pois o Modernismo repercutiu no Amazonas despertando nos escritores o anseio de realizar uma literatura que rompesse o academicismo que predominava na produção e assim tivesse uma renovação e atualização da literatura regional. Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada, tendo como objetivo principal a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Em 1955 produziu o Manifesto do Madrugada no qual os seus integrantes denunciavam as condições precárias de vida intelectual na cidade. Um fragmento do manifesto encontra-se registrado:

...o Clube da Madrugada está forjando a colimação desse objetivo (formação de uma elite iniciada nos assuntos da ciência do homem, em vista das necessidades amazônicas, a fim de que seja encarada a verdade social de nossas populações). Isto deve ser feito por intermédio de números e dentro de uma nova dinâmica sociológica, consubstanciada nos processos analíticos e sintéticos de nossa realidade... (TELLES, 2014, p. 29).

O grupo gerou diversas publicações na imprensa diária, as quais eram assinadas por um número considerável de poetas e contistas, conseguiu desenvolver um intenso intercâmbio cultural com os Estados do Pará, Maranhão e Rio de Janeiro e ainda promoveu conferências célebres. Bem como teve importante papel nas lutas nacionalistas e em certo grau na formação política e ideológica de Manaus.

A praça Heliodoro Balbi, mais conhecida como “da Polícia”, era o palco desse momento marcante para a história da cultura local que se iniciava na cidade. O mulateiro da praça, grande árvore da Amazônia, onde realizavam as reuniões sob sua sombra, tornou-se o símbolo do Clube da Madrugada.

Em 1961 passaram a ser atuantes nas atividades jornalísticas, onde mantinham uma página suplementar no “O Jornal” de domingo, o qual durou mais de dez anos, divulgando contos, poemas, eventos culturais e contribuindo na promoção das artes plásticas por meio das Feiras realizadas no período de 1963 a 1966. Naquele momento, o que predominava era a ideia de vanguarda, o que estava ligado ao pioneirismo do

grupo em diversas áreas, mas também interligadas na busca de soluções estéticas, sociais e econômicas (FREITAS, 2010).

Diversos eram os integrantes que tinham suas produções publicadas na imprensa local, tais como Tenório Telles, Jorge Tufic e Márcio Souza. O movimento também teve larga participação na realização e divulgação de diversas peças por meio do Teatro Universitário do Amazonas (TUA), com as peças “Toda Donzela Tem um Pai que é uma Fera”, “A Exceção e a Regra”, de Bertolt Brecht, “O Homem da Flor na Boca”, de Pirandello, “O Diário de um Louco”, de Gogol, e “O Espião”, de Brecht. Além do TUA, alguns integrantes participaram do Teatro Experimental do Sesc (TESC), como com a peça “Eles não Usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri; e a história do TESC, contada por Márcio Souza em “O Palco Verde”, onde descreve as opções estéticas e políticas pelo regionalismo e pela crítica social de 1968 a 1982. E por fim teve o “Gruta, a flecha do Teatro Cabocão”, o qual apresentava anseios de um teatro fortemente popular.

Desse modo, considera-se que o movimento trouxe uma atualização da produção cultural no Estado, pesquisando novas experiências estéticas adequadas à nossa realidade e percepção dos sujeitos e refletindo sua condição onde se encontra habitando, seja a região amazônica ou como um pensamento global.

Em uma reportagem realizada pelo jornal A Crítica em homenagem aos 60 anos do Clube da Madrugada, comemorado em 2014, alguns dos que foram filiados ao grupo comentam sobre o legado deixado pelo movimento artístico e cultural e lamentam a descontinuidade de um pensamento crítico e inovador na cidade.

“A partir dos anos 1970, com a Zona Franca, Manaus tomou outro rumo. Mas culturalmente, tudo o que o Clube realizou foi válido. Seu legado é histórico, e isso ninguém pode tirar”, diz Vasconcelos.

“O movimento Madrugada nasceu para questionar o status quo de uma sociedade provinciana e apegada a valores academicistas. Celebrar o Clube hoje tem outro sentido: é uma forma de denunciar a violência, a barbárie, a ignorância. Celebrar a cultura em nossos dias é celebrar o pensamento e uma forma de dizer não à degradação da vida e dos valores espirituais”, declara Telles.

“Hoje, a grande cultura de exportação são cunhãs reboativas e rapazes que dão e levam porrada. Nada contra, mas não pode ser assim. Este é um Estado que já teve Thiago de Mello e Claudio Santoro como seus grandes nomes. Não se pode deixar que se perca essa herança”

(<http://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/movimento-cultural-clube-da-madrugada-comemora-60-anos-de-fundacao-no-am>, 2014, acessado em 14/04/2017).

Assim o movimento Madrugada foi conquistando seus espaços e com isso deixou um legado histórico, o qual pode se resumir como o antes e depois da produção intelectual: o que foi feito antes buscou ser superado; o que vem depois é a expressão do novo, a busca de novos caminhos e de uma identificação com o homem e com a realidade regional, a partir de um diálogo crítico e questionador (TELLES, 2014).

2.3 Jornalismo cultural em Manaus

A partir do que foi exposto é emergente a caracterização dessa produção no contexto local. Temos a pretensão de fazer um breve panorama sobre a imprensa existente na cidade de Manaus, a fim que possamos identificar as transformações dessa conjuntura, o que implica consequentemente no jornalismo cultural desses jornais.

Em sua tese de doutorado, intitulada “Tramas Comunicativas da Cultura. A Dança no Jornalismo Impresso em Manaus (1980-2000)”, Ítala Clay de Oliveira Freitas (2010), relata que em 1980 circulavam na cidade de Manaus os jornais A Crítica, Amazonas Em Tempo, Diário do Amazonas, Jornal do Comércio e A Notícia. O jornalismo cultural nesses jornais ainda era enfraquecido, o que é argumentado devido o contexto da época, tendo em vista que os jornalistas que atuavam nesses veículos de informação eram de formação paralelamente acadêmica e de redação. O curso de Jornalismo poderia ser considerado recente, haja vista ter sido criado na década de 70.

A pesquisa aponta ainda que à época a situação da imprensa era de precariedade, no qual o curso buscava sanar essas lacunas. Mas relatos apontam que foi somente com a formação dos primeiros alunos da UFAM, os quais passaram a ter cargos de chefia nas redações, que a produção do jornalismo se transformou para qualitativa.

A pesquisadora entrevista alguns jornalistas e professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como Walmir de Albuquerque, o qual relembra que na década de 70 o Jornal do Comércio obteve a liderança em termos de bom jornalismo, com uma boa cobertura, diferenciando-se das práticas do jornalismo anterior, conhecido como imprensa marrom. Mas nos anos 1980, em termos de grande circulação “A Crítica” toma a liderança e ao final da década surge o jornal “Amazonas em Tempo”, com a proposta de ser o porta-voz do Distrito Industrial.

Ainda nessa época também foram contratados novos profissionais, qualificados e com visões diferentes, como um economista que realizasse debates acerca do tema. Já

a divisão de assuntos em editorias foi implantada pelo jornalista Nelson Dimas, do Rio de Janeiro. A editoria de Esporte já existia, o que também era o que a maioria dos jornais dominava. Já a editoria de cultura só vai ganhar visibilidade em torno dos anos 80 e 90. É o momento em que os jornais passam a ter uma página dedicada a cobertura do movimento cultural da cidade, pois até então o que tinha era a página do Clube da Madrugada. E a partir dessa tomada de decisão os cadernos também passam a aparecer e tomar forma.

[...] embora com quase dez anos de implantação do sistema de classificação por editorias, a definição de um lugar específico para as artes ainda era precária, pois, com exceção dos suplementos culturais de final de semana, as notícias sobre dança disputavam a atenção do leitor com títulos de áreas de interesses diversos: cidades, esportes, geral, política, variedades, internacional (FREITAS, 2010, p. 31).

Apesar de a autora utilizar o exemplo da dança – tipo de arte pesquisado em sua tese – percebe-se que o próprio jornalismo cultural sempre disputou espaço nos jornais, o que graficamente exposto de forma dispersa possa somente parecer uma desorganização, da forma de assimilação desse conteúdo tem grande impacto, pois como defende Freitas (2010) isso implica na feitura das conexões, articulações de sentido e no desenvolver de uma leitura crítica. Além de influenciar no enfraquecimento da leitura das ocorrências, construindo um tipo de organização onde as informações de cultura podem ser vistas apenas como meros eventos, dispersos, onde não tem poder de coesão e minimizados em seus ambientes artísticos, sociais, educacionais e políticos. Fato este que só tomou outros rumos quando do advento de um caderno dedicado às produções culturais, como é o caso do caderno “Vida” e o próprio “Criação”, ambos do Jornal A Crítica.

Em paralelo com essas transformações do jornalismo, chega também nos idos de 1990 o advento da internet, o que reconfigura o modo de se fazer comunicação em todo o mundo. A partir desse momento também são criados diversos cursos de jornalismo, os quais buscavam instrumentalizar os alunos porque tinham o anseio de atender as demandas desse novo mercado que estava surgindo, recheado de avanços tecnológicos e muitas descobertas. Pode-se dizer que era uma época de crise no ensino, pois devido as baixas condições de materiais, a universidade era mal vista, pois não correspondia as demandas do novo mercado.

Neste sentido, a fim de debater e procurar soluções para essa problemática, foi realizado em Manaus, em 1997, o Encontro de Editores de Jornais, realizado pela

Associação Nacional dos Jornais (ANJ), com o intento de apontar as tendências do jornalismo, inclusive na região, onde o diretor executivo do órgão, Deusdeth Aquino criticou severamente a compra de matérias informativas e colunas de opinião da região sul do país.

É particularmente marcante a fala do diretor executivo da Associação Nacional dos Jornais, porque durante este período é possível verificar no campo do jornalismo cultural o surgimento dos cadernos de cultura em Manaus, acompanhando, embora com certo atraso e de modo peculiar, as tendências do Rio de Janeiro e São Paulo (SILVA, 1997; apud FREITAS, 2010).

Com os cadernos aparecem também as matérias de agências de notícias, porém sem excessos como se vê atualmente na grande maioria dos jornais. Além disso, também é o momento em que a cobertura jornalística sobre as artes aparecem de forma crescente nos jornais. Bem como se torna um período de cobranças para se ter organização e planejamento por parte da representação política local. Sobre esse trabalho, a pesquisa aponta a jornalista Leila Leong como fundamental na cobertura das querelas entre políticos e artistas locais, que aciona com certa regularidade a posição do poder público frente aos artistas.

Por outro lado, a crítica tecida por Deusdeth Aquino tornou-se um alvo a ser combatido por muitos estudiosos e críticos do jornalismo cultural, como o renomado Daniel Piza. Isso porque sabemos que o jornalismo cultural desde muito cedo passou a ceder espaço para um jornalismo voltado para o afã da produtividade, e com isso tornando-se mais superficial e mais distante de sua proposta de reflexão.

Em outras palavras Piza (2013) também reflete sobre o tema e destaca que os cadernos diários e semanais estão cada vez mais superficiais. Isto é, sobrevalorizam as celebridades, limitam os espaços das críticas fundamentadas colocando-as onde não chamam atenção e destacam o dito colunismo social. Portanto, sendo de suma importância verificar e apontar se essa prática ocorria e/ou ocorre nos cadernos culturais do jornal a ser analisado. Tendo em vista que o próprio autor relembra a responsabilidade do jornalista cultural:

[...] influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe (p.45).

A partir desse panorama levantado e levando em consideração todos os fatores apontados nesta citação agregado ao princípio do jornalismo cultural ser “dedicado à avaliação de ideias, valores e artes”, é nessa vertente especializada que esta pesquisa pretende se dedicar.

Quanto ao objeto de estudo dessa pesquisa, um estudo que trata acerca do jornalismo cultural local é “Cultura nos cadernos de cultura” de Yara Montenegro. A autora faz um estudo comparativo entre quatro cadernos de cultura de circulação nacional e três cadernos de cultura de Manaus. Primeiramente a autora faz um levantamento do panorama de definições acerca do termo cultura e cultura no Brasil. Na parte em que trata sobre os cadernos de cultura local (Capítulo III) são analisados os suplementos dos seguintes jornais: caderno “Cultura” do jornal Amazonas em Tempo; caderno “Criação” do jornal A Crítica; e caderno “Arte e Fatos” do Jornal do Commercio. Como é possível perceber, ela também faz um estudo sobre o caderno “Criação”, um dos objetos almejados e que interessam nesta pesquisa.

Nesse caso, a autora desenvolve uma descrição detalhada e quantitativa do que consta em cada caderno analisado. Porém, nosso objetivo segue outro caminho. Pretendemos realizar uma pesquisa de natureza qualitativa quanto ao conteúdo do que é levado em consideração enquanto cultura. Mais do que isso, também delinear um panorama do que pretende o jornal ao abordar sobre o tema, o que significa ir buscar além do que está noticiado, mas o que está por trás dessas produções jornalísticas.

A pesquisa de Yara data de 1997, o que já podemos prever que houve mudanças para o contexto da produção de jornalismo cultural na cidade. Tal como mostra a pesquisa da jornalista Eula Dantas Taveira, que realiza um estudo de caso sobre o jornal A Crítica como Trabalho de Conclusão de Curso em 1997 e publica um artigo na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em 2001 intitulado “A história do jornal de maior circulação do Amazonas”.

A autora descreve a trajetória de surgimento do jornal A Crítica, as dificuldades para se manter e as transformações que o jornal passou até se firmar como está nos tempos atuais, à época anos 2000. Além de um panorama sobre a chegada da imprensa no Brasil e no Amazonas. Quanto ao contexto dos jornais que circulavam na cidade na época de 1949, registra-se:

Os periódicos que circulavam frequentemente eram o *Diário da Tarde*, *A Tarde* e *A Gazeta* (vespertinos) e *O Jornal* e *Jornal do Commercio* (matutinos). Nessa época, o jornal *A Crítica* entrou no mercado, contando com caixas de tipos, um prelo, máquina antiga de

impressão, e mais alguns materiais gráficos [...] (TAVEIRA, 2001, p. 03).

Vale ressaltar, desses jornais citados, somente o jornal A Crítica cresceu e conseguiu destaque no mercado da comunicação. E a autora prossegue o texto descrevendo quanto ao surgimento e lançamento do primeiro jornal A Crítica na cidade de Manaus:

Com material e pessoal, no dia 19 de abril de 1949 foi editado o primeiro número de A Crítica. E como a concorrência era forte, o jornal decidiu sair numa hora diferente - 11 horas da manhã, passando a ser onzeorino - termo utilizado pelo jornal (TAVEIRA, 2001, p. 04).

Assim, o jornal A Crítica, desde seu surgimento e principalmente com o advento do advento tecnológico da internet, busca estratégias para se diferenciar e se destacar diante o mercado de produção e consumo da comunicação em massa. Como dito, o estudo data de 2001, o que conseqüentemente é possível prevê que houve modificações, como desde os profissionais, qualificações, equipamentos, modo de produção, conteúdos, entre outros aspectos que se transformam levando em consideração os preceitos mercadológicos.

Assim como existe o processo de seleção natural no reino animal, assim também ocorre no reino da imprensa. Com o passar do tempo os veículos vão se esgotando, sendo excluídos ou incorporados a grandes redes de comunicação, e acaba que a grande maioria desses jornais citados na pesquisa de Taveira não existem mais. Atualmente a cidade de Manaus conta com quatro grandes jornais impressos: A Crítica, Amazonas Em Tempo, Diário do Amazonas e Jornal do Commercio. Sendo que cada jornal tem o seguimento de seu jornal popular, os quais são respectivamente: Manaus Hoje, Agora, Dez Minutos e Maskate.

Vale ressaltar esses jornais fazem parte de grandes corporações de comunicação, sendo a Rede Calderaro de Comunicação – A Crítica (jornal impresso, TV, site e rádio); Rede Em Tempo (impresso, TV e site); Rede Diário de Comunicação (impresso, TV e site).

Quanto à cobertura de jornalismo cultural, cada jornal tem os seguintes cadernos: A Crítica – Bem Viver; Amazonas Em Tempo – Plateia; Diário do Amazonas – Plus; e Jornal do Commercio – caderno C. Além dos cadernos culturais, como já visto, todos os jornais possui um site, os quais utilizam para propagar a informação com

mais celeridade, o que muitas vezes sai antes de chegar a ser divulgado nos jornais impressos.

Porém, não podemos deixar de destacar que assim como esses jornais utilizam seus sites para noticiar, também existe dezenas de outros portais de notícias que surgiram nos últimos anos para atender a crescente demanda das informações em toda a cidade. Sendo assim, citamos alguns exemplos: G1 Amazonas e Portal Amazônia, ligados à Rede Amazônica, uma das principais emissoras de TV do Estado; BNC Amazonas; Blog do Ronaldo Tiradentes, ligado a Rede Tiradentes de Comunicação; Fato Amazônico; Correio da Amazônia; entre outros.

Essa configuração dos jornais no momento atual nos mostra as constantes transformações que esses veículos vem passando, tanto no sentido comercial, mas principalmente de conteúdo, que nos interessa enquanto foco principal nesta pesquisa. Entendendo que esses fatores não acontecem de forma isolada, mas em constante diálogo com os demais, pois estão inseridos num processo que engloba diversos agentes, os quais envolve desde os profissionais que estão a frente dessa produção, o meio em que essas informações são geradas – como contexto político, econômico, histórico –, os governantes que estão como representantes do seguimento cultural, bem como o público que vai receber todas essas informações.

Partindo desse princípio e tomando como modelo o pensamento dos ecossistemas comunicacionais, esses pensamentos se tocam e se entrelaçam, unindo-se numa perspectiva de pesquisa amazônica e na Amazônia, proposta pelos ecossistemas. Nesse sentido, concordamos que:

[...] pensar Manaus, sua cultura, e seus ecossistemas comunicacionais, pode configurar-se em exercício destas sociologias transgressoras propostas por Boaventura, no sentido de propiciar a construção de uma realidade mais rica, não subsumida apenas às narrativas já existentes, moldadas por determinação ideológica de hegemonias [...] (FREITAS, 2012, p.88).

O que significa que é preciso pensar Manaus e conseqüentemente sua cultura de uma forma diferenciada, não peculiar como tem sido feito, mas de uma forma em que seja possível enriquecer e propiciar novos olhares, debates e até mesmo novos conceitos sobre a cultura manauara. Conseguindo com isso se desfazer das amarras das narrativas já impostas pelos grupos hegemônicos.

Capítulo III

Do Criação ao Bem Viver:

metamorfoses do jornalismo cultural do jornal A Crítica

3. O que trazem o *Corpus*?

É importante ressaltar que os cadernos Criação e Bem Viver são parte integrante do jornal A Crítica. Portanto, sendo válido conhecermos um pouco mais desse objeto para situar o leitor quanto ao contexto em que se encontram.

Como dito no capítulo 2, o jornal impresso A Crítica nasce nos idos de 1949. Esse jornal cresceu e passou a fazer parte da atualmente conhecida como Rede Calderaro de Comunicação (RCC). Fundado por Umberto Calderaro Filho, o jornal A Crítica foi o primeiro produto do grupo, que hoje possui mais de 20 empresas, incluindo TV e rádio.

Com o lema “de mãos dadas com o povo”, o jornal A Crítica desde sua fundação afirma ter como marca a inovação na comunicação e na história do Estado. Inclusive, dia 19 de abril de 2017 completou 68 anos de empresa jornalística atuante com sede em Manaus e com correspondentes em alguns municípios do interior do Estado, como em Parintins.

Em 2016, o jornal publicou uma reportagem especial pelos seus 67 anos. Nela aparecem diversos relatos, mas um chama atenção, o do escritor Orígenes Martins, o qual viu ser dada a concepção do jornal A Crítica e foi amigo seminarista de Umberto Calderaro.

Quando retornou de Fortaleza, Orígenes encontrou, em Manaus, um Umberto empolgado com o projeto, que surpreendeu o professor e o padre Luiz Ruas (conhecido pelo Clube da Madrugada) com o convite para participarem do jornal. Orígenes, por um bom tempo, escreveu o editorial, fase importante na carreira dele, lembra. “Estávamos em um momento de conflito político, o governador do Estado era Plínio Ramos Coelho, tentaram derrubar o jornal e lembro como se fosse hoje: o editorial levou o título: Responderemos a Bala!”, contou, lembrando o “estilo” de Umberto Calderaro Filho (portal A Crítica, acesso em 19/04/2017, às 00h27m, in <http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/de-jornal-impresso-a-era-digital-rede-calderaro-de-comunicacao-comemora-67-anos>).

Esse depoimento do ex-colaborador, mas que ainda é um forte defensor do trabalho desenvolvido pelo jornal A Crítica põe em evidência que se trata de um jornal com larga credibilidade em Manaus e também no interior do Estado. Além do escritor,

outras personalidades da sociedade manauara aparecem dando seus relatos de confiança no jornalismo do A Crítica.

O jornal A Crítica é um periódico com circulação diária; possui cadernos que variam de cinco, durante a semana, a oito no final de semana. Durante a semana verifica-se: caderno A (primeiro caderno onde constam as manchetes, opinião, economia, política, etc.); caderno BV (chamado de Bem Viver é o instituído como de jornalismo cultural); caderno C (chamado de Cidades); caderno Craque (espaço dedicado aos esportes); e caderno Classificados. No final de semana permanecem os da semana e acrescenta-se o caderno Vida & Estilo; e caderno +dinheiro. Atualmente todas as páginas do jornal são em cores e tem uma média de 8 a 12 páginas cada caderno.

3.1.1 Caderno Criação

O caderno Criação foi um suplemento cultural criado na década de 90, com produção e circulação diária. O jornalista e editor do caderno, Mario Freire, ressalta que o caderno iniciou especificamente em setembro de 1991 e foi até maio de 1999.

Em entrevista para a pesquisa, o jornalista Mario Freire conta que em 1991 foi contratado pelo jornal para ser editor e participou da implantação do Criação.

Fui convidado pelo diretor de redação, na época, Frânio Lima, e pelo secretário de redação, Wilson Nogueira, para editar um caderno cultural que ainda não tinha nem projeto editorial, nem mesmo nome. Começamos o caderno do zero, com total liberdade da alta direção do jornal, leia-se o próprio dono, Umberto Calderaro Filho (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

Sobre o nome do caderno, ele destaca: “no início, a orientação do jornal era que o nome do caderno tivesse alguma relação com o nome A Crítica, tanto que o primeiro número do caderno saiu “A CriAção”. Mas, sim, o nome tem a ver com a criação artística”.

O jornalista relembra ainda que nessa época o material de entretenimento, incluindo a programação cultural e de TV, saía em uma ou duas páginas do jornal, mas não havia uma editoria específica. Na trajetória de A Crítica, o Criação foi um dos cadernos dedicados aos assuntos de cultura, entretenimento e variedades. Ele ressalta que é possível tenha havido pelo menos dois cadernos editados anteriormente, mas o Criação foi o mais longo e talvez o mais consistente. Sobre o que era abordado sobre a cultural local, a jornalista Elaíze Farias destaca:

Todas as produções e manifestações culturais sobre as quais considerávamos relevantes para o leitor e para o próprio artista. Não fazíamos distinção da chamada cultura erudita ou da cultura popular. Fazíamos matérias sobre exposições de artes plásticas, estreias de filme, lançamento de livros, turnês de cantores, temporadas de peças teatrais, festivais de ópera, shows de bandas de rock, shows de cantores populares, apresentações de performances artísticas debates em universidades, etc.

Ao indagar os jornalistas que trabalharam nesse caderno sobre se consideravam a forma de se fazer jornalismo cultural à época do Criação mais forte que o atual, temos as seguintes reflexões:

O jornalismo, de modo geral, passou por uma grande mudança de foco na segunda metade dos anos 1990, e devemos creditar o fato, não só, mas principalmente, ao advento da internet e do incipiente jornalismo on-line. Os grandes jornais brasileiros e até estrangeiros atenuaram a forma de se relacionar com o jornalismo cultural, passando a dar mais importância aos apelos da variedade. O jornal A Crítica também passou por essa mudança de paradigma. Talvez a cobertura que fazíamos no Criação hoje pareça mais forte porque nós misturamos tudo, fomos “eccléticos”, mas sem deixar de aprofundar os temas com os quais trabalhamos (Entrevista cedida por Mario Freire).

Naquele momento havia um investimento e um incentivo à produção de um conteúdo voltado exclusivamente às produções e manifestações culturais e suas diferentes linguagens – artes plásticas, música, teatro, produção de cinema, quadrinhos, literatura, dança, etc. Os princípios editoriais da época seguiam uma tendência de então, inclusive nacionalmente, que encorajavam a produção mais contextualizada das reportagens (Entrevista cedida por Elaíze Farias).

Betsy Bell resume e afirma que à época era mais cultural. Hoje considera que concentra no lazer. Sobre a rotina de produção desse caderno, o editor ressalta que quem era contratado para o caderno atuava somente nele. O caderno possuía um diagramador exclusivo, e o editor e repórteres trabalhavam para outra editoria eventualmente.

A editoria do Criação sempre foi diferenciada porque tínhamos a nossa redação, que funcionava numa sala independente, com telefone, arquivo (fotográfico, biblioteca e cadernos culturais de outros jornais). Reunião de pauta era na conversa do dia a dia. Mas havia a pauta elaborada que era passada individualmente, muitas vezes de acordo com a área com a qual o repórter tinha mais afinidade (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

Ainda sobre a rotina de produção, Mário também ressalta que essa geração desfrutou de algumas facilidades da era dos computadores. Porém, circulado em uma

época em que não havia o ‘avanço tecnológico’, ou seja, o chamado “boom” da internet, Mário comenta que quando o material exigia pesquisa era inevitável ir à biblioteca.

O Criação tinha uma pequena biblioteca formada por publicações que recebíamos de editoras de livros em época de lançamento. Mas também era composta por livros de nosso próprio acervo pessoal que levávamos para a redação. Muitos eram livros sobre óperas, sobre a historiografia amazonense, obras literárias de autores locais, sobre cinema, etc. Eu, particularmente, era assinante das revistas especialistas em cinema e música mais lidas na época [Set, Cinemim, Bizz, etc.] e de jornais nacionais [Folha de S. Paulo, que possuía um maravilhoso caderno de cultura, a Ilustrada, e o caderno semanal Mais]. O jornal também possuía um acervo de revistas de artistas nacionais que usávamos para ilustrar as seções de resumo de programas de televisão. Não havia internet e muito menos *google* e nossas fontes de leitura e pesquisas eram exclusivamente publicações impressas (Entrevista Elaize Farias, 2017).

Mas, nos últimos meses do caderno ainda puderam trabalhar com alguma facilidade oferecida pela internet, porém no geral usufruíram muito pouco dessa tecnologia. Assim, o Criação foi um caderno que investiu largamente na divulgação da produção cultural local. O caderno abordava temas como literatura, música, artes plásticas, teatro, escultura, arquitetura, bem como divulgava a produção dos artistas locais e circulava os artigos, ensaios e críticas oriundas dos artistas e intelectuais. “No início, a nossa pretensão era cobrir o máximo possível de assuntos ligados à vida cultural de Manaus, e, na medida do possível, dar uma cara regional a essa cobertura, mas sem nos fechar para os temas de repercussão nacional e internacional”, explica Mario Freire.

Desse modo, com base no *corpus* coletado para essa pesquisa, faremos uma caracterização geral desse suplemento. De 1991 a 1995 este caderno era produzido completamente em preto e branco. E de 1996 a 1999 apresentava a capa e verso coloridos e o conteúdo interno em preto e branco, sempre com quatro páginas.

De maneira geral o caderno era produzido da seguinte forma: a) página 1 (Capa): apresentava a matéria principal, onde em sua maioria era debatido de forma mais extensa pelo jornalista, onde até mesmo este tinha certa liberdade de expressão na escrita, como escrever de forma literária em artigos e não somente o *lead*; b) página 2 e 3: em sua maioria o espaço era dedicado a colunas sociais, sendo essas diversas, tais como: Gil, Número 1, Tipo Soft, Xeque-Mate, Bazar, Ferreira Netto, Gente, Ibrahim Sued, Aduana, Manaus, meu amor!, Zózimo – simultânea com o jornal “O Globo”, Guia Rápido, entre outras que surgiam esporadicamente. Essas colunas, além de

mostrar personalidades de destaque da sociedade, geralmente também tratavam sobre assuntos de modo geral como política, cultura, crônicas, acontecimentos internacionais e nacionais; c) página 4: chamada de Conexão Manaus, a página trazia eventos variados, como exposições e oportunidades de cursos, bem como apresentava a programação da Televisão.

Assim o caderno Criação se caracterizava de maneira geral, mas também já apresentando transformações ao longo do tempo, o que compõe nosso panorama de pesquisa e será identificado no momento da análise. Quanto ao fim do caderno Criação, Mario Freire destaca que começou pelo projeto editorial e gráfico, pois o mesmo não se encaixava mais no projeto que a direção tinha para o jornal, tendo em vista já sinalizar para o progresso pelas vias do meio tecnológico e digital que iria tomar conta das grandes corporações. Por outro lado, Betsy Bell acredita na mudança dos tempos, onde lamenta que atualmente as pessoas leem pouco reportagens grandes. “Foi informado que o público queria matérias com cultura mais popular e de entretenimento. Foi este o comunicado para o fim do caderno de cultura”, destaca Betsy Bell.

3.1.2 Caderno Bem Viver

O caderno Bem Viver é a chamada nova cara do jornalismo cultural do A Crítica. Surge em meados de 1999, quando deixa de circular o Criação e começa o Bem Viver, devido uma mudança em seu projeto editorial e gráfico. Em se tratando da mudança do nome do caderno, apesar de não participar do momento de implantação do novo suplemento, Lucy Rodrigues explica:

Esse nome surgiu após a mudança de projeto gráfico de 1998. Consultando outros colegas de redação, a mudança veio seguindo uma tendência atual, especialmente a partir dos anos 90, quando alguns assuntos que pertencem ao universo cultural, embora não sejam exatamente linguagens artísticas e intelectuais, foram ganhando mais espaço nos cadernos culturais. Moda, gastronomia e design, por exemplo, aumentaram seus públicos e por sua vez sua relevância simbólica (entrevista cedida por Lucy Rodrigues, 2017).

Mário Freire conta que participou da elaboração de um novo projeto editorial para a criação do Bem Viver, o que lhe ajudou a manter algumas seções do Criação, como literatura e filmes que ficaram por um tempo.

A mudança da linha editorial foi brutal. O centro de interesse do jornal mudou e o caderno deixou de lado os principais aspectos que definiram o antecessor, da abordagem na cobertura, à inclusão de várias seções de serviços (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

Esse momento é também a época do início de um novo tempo junto ao avanço tecnológico, a chamada Era Digital, na qual a internet chega para estreitar as relações humanas e explorar conhecimentos entre as sociedades, inclusive no investimento do intercâmbio cultural. A jornalista Betsy Bell, que trabalhou no Criação e no início do Bem Viver, ressalta a seguinte lembrança:

A proposta do Bem Viver foi bem diferente. Era uma linguagem mais rápida, com textos que eram mais matérias do que reportagens e o conceito de “cultura” também mudou. Ao meu ver, foi deixado um pouco de lado a arte e ganhou espaço o entretenimento (Entrevista cedida, 2017).

A partir da fala da Betsy Bell é possível complementar que são diversas as seções que envolvem os nichos que a ‘cultura’ engloba. Vale destacar que o próprio Bem Viver também se assemelha com o caderno Vida & Estilo, o qual circula somente aos domingos na divulgação de saúde, estética, comportamento, decoração e arquitetura, moda, gastronomia e o mundo fitness. O repórter do caderno Bem Viver, Rosiel Mendonça comenta:

Jornalismo cultural é um conceito que se dilui entre os cadernos Bem Viver e Vida & Estilo. Porém, cada um tem seu próprio perfil. De modo geral, em se tratando de pautas relacionadas a artes e eventos culturais, o caderno é o Bem Viver. O Vida & Estilo publica matérias que podem ser aglutinadas na categoria de “variedades”: saúde, beleza, comportamento, decoração e arquitetura, kids, teen, moda, gastronomia e mundo fitness (Entrevista cedida por Rosiel Mendonça, 2017).

Devido a esses motivos e por o Bem Viver ser a ‘continuidade’ do Criação, esse caderno foi adotado para a análise dessa pesquisa. Indagados sobre a linha editorial do Bem Viver, a editora do caderno responde:

O jornal A CRÍTICA estabelece como premissas um jornalismo crítico e plural. Da mesma forma, o Bem Viver busca, com base nessas premissas, prestar aos seus leitores informações de qualidade, com credibilidade, suscitando o debate, além de prestar serviços, por meio da divulgação de novas opções culturais e de lazer na Região. É um jornalismo plural, que visa tratar e abarcar o máximo da riqueza de temas do jornalismo cultural, buscando sempre, independente do tema, a abordagem mais jornalística possível, por meio da novidade e da análise (Entrevista cedida por Lucy Rodrigues, 2017).

Além disso, o próprio caderno Bem Viver passou por mudanças desde a sua implantação. Lucy Rodrigues relata: “participei de uma reforma de projeto gráfico em

2007 e da última reforma editorial em 2014, quando surgiram novos produtos como o Bem Viver Gente (caderno social de segunda-feira), Bem Viver TV (domingo) e o Bemviverblog (web)”. E em relação a cobertura jornalística feita pelo caderno, a jornalista explica:

A maior parte das matérias produzidas pela nossa equipe é voltada para a produção local e nacional. Também temos espaço para o noticiário internacional, por meio de matérias de agências que compramos ou quando somos convidados para alguma cobertura. Buscamos dar aos nossos leitores um leque mais variado e interessante possível de informação e serviços.

E afirma que os conteúdos mais destacados no suplemento são: o trabalho dos artistas e profissionais em atividade, shows, exposições, festas e eventos da agenda cultural, bem como alguns temas comportamentais que estejam em destaque na sociedade.

Em relação à rotina de produção desse caderno, a editora do caderno informa que os jornalistas do Bem Viver atendem às pautas do caderno diário de cultura e entretenimento e também às pautas especiais do suplemento de variedades Vida & Estilo, que é publicado aos domingos. Este último engloba pautas de comportamento, moda, saúde, beleza, gastronomia, bem-estar, entre outros assuntos. Além disso, contribuem com posts e conteúdo multimídia (vídeos) para o Bemviverblog e o portal Acritica.com.

No Bem Viver, temos uma reunião geral de avaliação e de pautas todas as segundas-feiras, em que discutimos sugestões e pré-definimos as pautas especiais de domingo e a maior parte das capas da semana. Mas sempre temos em mente que o jornalismo é dinâmico e alguma coisa sempre pode mudar. No dia a dia, nosso trabalho começa bem antes de chegarmos à redação. De manhã cedo, pelo nosso grupo fechado do whatsapp eu e o subeditor Artur Cesar batemos o martelo junto aos repórteres sobre as pautas do dia, dizendo em que página vai cada uma e o que cada repórter deve fazer, assim cada um já adianta seu material. Quando chegamos, por volta das 13h-14h, o caderno já está pré-definido, todos os repórteres já pré-editam seu material e nós vamos ao fechamento da edição propriamente dita, escolhendo melhores fotos, títulos, chamadas e revisando tudo e enviando as páginas para o fechamento (Entrevista cedida por Lucy Rodrigues, 2017).

Ainda com base no *corpus* cedido, vale ressaltar o professor Otoni Mesquita somente dispunha de dois exemplares das edições iniciais do Bem Viver em 1999. Porém percebe-se que o caderno apesar de trazer diversas colunas existentes no Criação, como Número 1, Guia Rápido, Aduana e Bazar, já apresenta uma modificação

estrutural, onde aparece com seis páginas e acaba por incluir outras temáticas, como o horóscopo.

Porém, o foco maior da análise será dado ao caderno Bem Viver do ano de 2016, tendo em vista que o *corpus* foi cedido por meio de uma assinatura digital de cortesia pelo jornal A Crítica. De modo geral o Bem Viver se apresenta como um caderno de oito a 12 páginas e completamente em cores.

3.2 Metamorfose do jornalismo cultural do Criação ao Bem Viver

A partir da reflexão e compreensão acerca dos conceitos explanados nos capítulos um e dois, bem como do conhecimento geral do que trazem os cadernos, é pertinente ressaltar que estes conceitos serão empregados nas análises a seguir a fim de investigar como o jornalismo cultural se encontra sendo praticado e como vem sendo modificado na esteira da produção dos suplementos culturais Criação e Bem Viver.

Neste sentido, é necessário esclarecer que não pretendemos realizar uma análise comparativa referente às narrativas construídas por ambos os jornais no seguimento cultural, mas tecer considerações primando pelo aspecto que norteia essa pesquisa: o jornalismo cultural enquanto atividade prática e intelectual e como forma social de conhecimento.

Para isso, a Análise Documental nos auxilia, pois seu processo é a partir de semelhanças e diferenças, sendo uma forma de investigação que tem o objetivo de descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática para facilitar a sua recuperação (MOREIRA, 2009).

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (MOREIRA, 2009, p. 276).

Partindo do pressuposto de ser um expediente eficaz para contextualizar fatos, situações e momentos, pretendemos através das análises, por meio dos jornais e entrevistas com os jornalistas que trabalharam no Criação e os que trabalham no Bem Viver, alcançar o entendimento de como se dava o jornalismo cultural e no que ele se transformou, levando em consideração ser o jornalismo cultural, em síntese, uma atividade prática e intelectual, o qual com seu aspecto informativo tem a capacidade de

interagir com a sociedade e dar visibilidade ao que acontece e é produzido enquanto cultura.

Como dito anteriormente, o *corpus* do Criação foi cedido para pesquisa, o que causa as limitações previstas pela Análise Documental. Desses somam-se 242 exemplares, dos quais a maioria encontra-se somente com a primeira página, ou seja, a capa. Quanto aos anos, consta-se o seguinte quantitativo: 1991: dois exemplares, nenhum caderno completo; 1992: 19 exemplares, três cadernos completos; 1993: 11 exemplares, três cadernos completos; 1994: 45 exemplares, cinco completos; 1995: 30 exemplares, um completo; 1996: 41 jornais, seis completos; 1997: 47 exemplares, 21 completos; 1998: 35 periódicos, 17 completos; e 1999: 12 exemplares, cinco completos.

Como recorte temporal do caderno Bem Viver, foi realizada uma seleção por meio da agenda cultural dos principais eventos promovidos a partir do Governo do Estado e Prefeitura de Manaus, tendo em vista a perspectiva de ter um número mais elevado de cobertura dos programas e produções culturais. Desses foram selecionados seis meses: abril, maio, junho, julho, agosto e setembro.

Quanto à agenda do Governo, temos a seguinte configuração: entre abril e maio ocorre o Festival Amazonas de Ópera; em junho o Festival Folclórico de Parintins; em julho o Festival de Jazz; em agosto o Festival Folclórico do Amazonas, Festival das Cirandas e Festival Amazonas de Dança; e em setembro o Festival Amazonas de Música. Já a agenda da Prefeitura, observa-se eventos espaçados, porém contínuos, como é o caso da Feira Passo a Paço; além disso, as comemorações de festa junina, carnaval em alguns pontos, aniversário da cidade e etc. ficam também sob a responsabilidade do município. Esse período de escolha se dá levando em consideração que esses eventos podem ser ponto de partida para o acontecimento de outros acontecimentos que envolvam os principais universos do jornalismo cultural.

Diante desse panorama e partindo do princípio das categorias utilizadas por Ballerini (2015), bem como utilizando o recurso quantitativo para exemplificar e fazer uma transição quanti-quali da pesquisa daremos início ao conhecimento da análise, buscando sempre como base os caminhos traçados nos capítulos anteriores.

A partir desse entendimento sobre os conceitos é pertinente ressaltar que serão investigados até que ponto foi e/ou estão sendo utilizados pelo jornal para que haja compreensão e divulgação do jornalismo cultural enquanto uma atividade prática e intelectual que agrega valor ao conteúdo e a quem possa ter contato com ele. Além

disso, perceber como o jornal fez essa mediação com o público e também conseguir apontar os possíveis obstáculos que o impede de tal atitude.

Neste segmento, as categorias, como dito anteriormente, foram consolidadas a partir dos estudos feitos sob a ótica do jornalismo cultural abordado por Frantjesco Ballerini (2015), a saber: Literatura; Artes Visuais; Teatro; Cinema; Música; TV; Informática; Games; Gastronomia; Moda. No interior dessas categorias contem notícias, editoriais, matérias de agências de notícias, artigos, crônicas, assim como conteúdos do espaço acadêmico que fazem relação com cada uma das classes.

Vale ressaltar que essas categorias desde o princípio foram analisadas, também, como sendo uma forma de como o jornal, direta ou indiretamente, enquadrar os respectivos conteúdos trabalhados, tendo em vista que na prática jornalística o enquadramento segundo Danilo Rothberg (2010) é construído através de procedimentos como *seleção*, *exclusão* ou *ênfase* de determinados aspectos e informações. Ou seja, a partir dessa ótica iremos traçar os possíveis caminhos do que o jornal pautou ou deixou de pautar em detrimento de outros temas consideráveis relevantes no universo do jornalismo cultural.

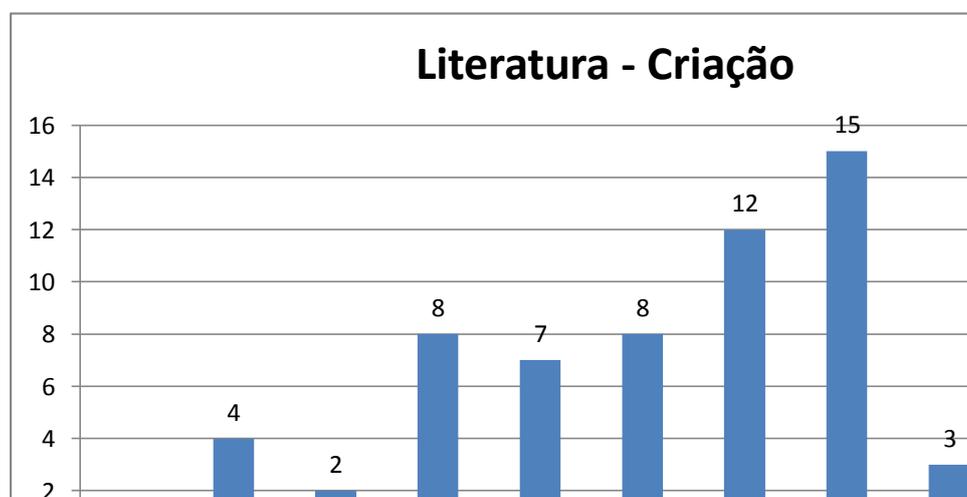
Desse modo, farão parte da análise as seguintes investigações: com qual frequência estes assuntos apareciam/aparecem; qual o enquadramento mais utilizado para se referirem aos temas. Além disso, também utilizaremos o depoimento de alguns colaboradores, tanto do Criação quanto do Bem Viver, a fim de agregar valor à análise.

3.2.1 Literatura

Em resgate ao que vimos sobre esse universo no primeiro capítulo, a literatura é uma das produções culturais mais antigas no cenário do jornalismo cultural, já sendo existente no século 19, onde era dominante entre os intelectuais da época, como filósofos, políticos, escritores, e também nas esferas religiosas, política, econômica, etc. Porém, após o marco do contexto político de Ditadura no País, houve uma diminuição do espaço da literatura nos jornais até a década de 90.

Essa transformação no cenário do jornalismo cultural literário se agravou ainda mais com a chegada da internet nos anos 2000. Tendo em vista a internet carregar a proposta de trazer a instantaneidade utilizando uma dinâmica de textos mais enxutos e as ferramentas audiovisuais, o que trouxe conseqüentemente a superficialidade para uma leitura mais rápida. Desse modo, vejamos como se dá a transformação desse

universo do jornalismo cultural a partir do caderno Criação, quanto ao status quantitativo de acordo com o gráfico abaixo.



Dessas edições, em sua maioria são matérias em que se trata sobre a divulgação de lançamento de livros, tanto de autores regionais quanto nacionais. Também é possível encontrar resenhas e debates acerca de alguns livros, sobretudo análises provindas de intelectuais da própria sociedade manauara, bem como a divulgação das produções provenientes da universidade local.

Um exemplo é a edição de 7 de janeiro de 1994, onde no espaço nobre do jornal, ou seja, a capa (conforme mostra a figura 1), aparece a matéria com o chapéu “LIVRO/Lançamento”, e tem como título “O pensamento de Maquiavel sob novo ponto de vista”.

O espaço é ocupado pela produção do professor do curso de Comunicação da Universidade do Amazonas, atualmente Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Gilson Monteiro, onde faz uma resenha sucinta de lançamento do livro sobre Maquiavel, com autoria de Maria Lúcia de Arruda Aranha, conforme a figura 2.

O professor discorre sobre o que trata o pensamento da obra, contextualiza o livro no espaço e tempo, mostra suas impressões e faz recomendações para leitura da obra.



(figura 1)



(figura 2)

A matéria de capa intitulada “Universidade mostra a cara em novas publicações” (figura 3) aparece com a foto de alguns livros, onde o jornal informa sobre as 15 novas publicações, entre livros e revistas, da Universidade do Amazonas. Bem como a abertura de um espaço nobre para abrigar e divulgar essas publicações: a Livraria da Universidade do Amazonas (Lua). O professor de Comunicação Gilson Monteiro também é o responsável por essa notícia (figura 4).



(figura 3)

Universidade mostra a cara em novas publicações

Gilson Monteiro*

Criada pela resolução nº 4, ainda na administração de Marcus Barros, a Coordenação Editorial da Universidade do Amazonas, fechou o ano de 93 com a publicação de 15 títulos, entre livros e revistas, e abriu um espaço dos mais nobres tanto para a divulgação do trabalho científico produzido na Universidade quanto para a revelação de novos autores. A Coordenadora de Editoração da UA, professora Algenyr Ferraz Suano da Silva, diz que a nova administração tem dado todas as condições de trabalho necessária para que o processo de editoração dentro da UA ganhe definitivamente seu espaço.

Mas o que interessa tanto à comunidade acadêmica quanto à toda a sociedade não é apenas saber que a Universidade do Amazonas começou a editar sistematicamente seus trabalhos. É, mais que tudo, saber que é a Coordenação de Editoração e como fazer para pôr um trabalho entre os candidatos à digão. A própria professora Algenyr Ferraz explica:

— Somos responsáveis pela seleção e normalização da produção, chegando a acompanhar a finalização dos trabalhos a Imprensa Universitária.

Em resumo, a Coordenação responsável apenas pela parte técnica do trabalho. Os originais devem passar pelos comitês das unidades acadêmicas. Estes comitês são formados por um membro de cada curso da área

da unidade acadêmica. Só quem passa por esse crivo tem chances de ser editado. Em seguida, os originais são entregues a referencistas para que a obra seja avaliada. Estas pessoas não são funcionários da Universidade do Amazonas e opinam sobre a qualidade das obras, sejam literárias ou científicas.

Após a análise, devolvem os trabalhos à Coordenação Editorial e esta os envia aos autores para que proceda as devidas recomendações feitas pelos referencistas. Só após todas as recomendações terem sido contempladas é que o autor recebe a prova, para a revisão final.

Editado, o trabalho passa a fazer parte do acervo da Livraria da Universidade do Amazonas (LUA), que mantém convênio com 31 editoras universitárias do País. Recentemente, por exemplo, a Universidade

de Brasília (UnB) solicitou 150 exemplares de cada um dos livros lançados pela UA.

A Lua foi criada em 1992 com o objetivo de divulgar a produção científica nacional e local no âmbito da comunidade universitária e do público em geral. Confinada a uma pequena sala do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), a Lua cresceu tanto que hoje necessita de mais espaço para poder atender à demanda de publicação. Não apenas de universitários, mas de toda a comunidade manauense.

A diretora da Lua, Rosineide Souza, atribui o sucesso al-



cançado pela Livraria ao fato de não ter fins lucrativos e facilitar o pagamento com cheques pré-datados sempre para o dia 5 de cada mês, além de os livros serem cobrados ao preço de custo.

A Lua surgiu apenas com o intuito de ajudar alunos e professores a entrarem em contato com a produção acadêmica brasileira que vem sendo editada, a preços mais acessíveis. Atinge hoje boa parte da comunidade acadêmica mas nem sempre foi assim, como diz a própria Rosineide Souza:

— Quando assumi a Lua em 92, não havia acervo bibliográfico. Tive que agir. A primeira coisa que fiz foi buscar novas editoras. Firmamos convênio com 31 editoras universitárias do País e podemos oferecer livros a preços bem mais baratos do que as livrarias comerciais.

A Lua também faz pedidos diretamente às editoras conveniadas por encomenda. O usuário vai à Livraria, toma conhecimento dos catálogos das 31 editoras e solicita o título que quiser. O pedido é feito e o pagamento também obedece aos mesmos critérios dos livros que já constam do acervo, ou seja, é

feito com cheque pré-datado para o dia cinco do mês seguinte. Rosineide Souza revela planos para expandir mais ainda os horizontes da Lua. Quer montar uma "Lua Volante", que passaria uma semana na Faculdade de Direito, uma na Faculdade de Educação e assim sucessivamente. Além disso, pretende informatizá-la para facilitar o atendimento aos usuários. Para tal, precisa de um microcomputador, uma linha telefônica direta a fim de facilitar o contato com as editoras do sul do País e a ampliação do espaço físico pois a Lua não tem nem local para utilizar como depósito.

Tal projeto de expansão também necessitaria de mais funcionários, um dos entraves em muitos setores públicos. Entretanto, tanto a Coordenação de Editoração quanto a Lua dão provas de que a Universidade do Amazonas resolveu mostrar que faz e o que faz a fim de perder a pecha de universidade periférica. Com as revistas, os livros e a Lua a Universidade do Amazonas começa a mostrar sua cara.

*Gilson Monteiro é professor do Departamento de Comunicação Social da UA

Titulos editados pela UA

Dos 15 títulos lançados pela UA no final do ano passado há livros para todos os gostos. Para a comunidade universitária um deles mostra-se da maior relevância. É o "Guia para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos e Científicos Produzidos pela Universidade Federal do Amazonas". "Canções Amazônicas" é outra contribuição de grande porte pois contém as partituras de várias canções populares, o que as tira do rol estritamente folclórico e as transforma em documento histórico. As "Receitas — Medicina Popular", do Movimento de Educação de Base de Parintins, também são de suma importância pois registram em livro práticas populares comuns no interior do Amazonas.

LIVROS E REVISTAS

- 1 — *Cartilha da Saúde*, de Doris Selma Everton, Teodomiro Garrido Neto, Laely Costa e Salva da Silva.
- 2 — *Dialética & Escrivão*, de João Ricardo Bessa, 2ª edição.
- 3 — *Hepatite Delta*, de José Carlos Ferraz.
- 4 — *Aspectos Fenológicos, Ecológicos e de Produtividade de algumas Fruteiras Cultivadas na Amazonia*, Volume II, de Martha de Aguiar Falcão.
- 5 — *Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida (Pesquisa no Amazonas)*, de Narciso Júlio Freire Lobo (Coordenador), Deusimar Freire Brasil, Glória Maria Escalante Machado e Heloisa Lara Campos da Costa.
- 6 — *Guia das Instituições de Ensino Superior, Ciências Agrárias — Graduação e Pós-Graduação*, 5ª edição.
- 7 — *Conte um Conto — Coletânea*, Ilustrada por Anísio Mello.
- 8 — *História do Caburi — Luz do Amanhã*, de Adelson S. Rodrigues.
- 9 — *Canções Amazônicas*, de Pedro Amorim.
- 10 — *Receitas — Medicina Popular*, do Movimento de Educação de Base, Parintins/AM.
- 11 — *Guia para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos e Científicos produzidos pela Universidade Federal do Amazonas*, Volume III, de Algenyr Ferraz Suano da Silva e Maria Sney Lins.
- 12 — *Revista da Universidade do Amazonas — Série Ciências da Saúde*, Volume 1, número 2.
- 13 — *Revista da Universidade do Amazonas — Série Ciências Agrárias*, volume 2, número 1.
- 14 — *Revista da Universidade do Amazonas — Série Ciências Humanas*, volume 2, número 1.
- 15 — *Revista da Universidade do Amazonas — Série Ciências Humanas*, volume 1, número 2.

(figura 4)

A 3ª matéria aparece em outra capa (figura 5), com a resenha sobre o livro "Geloso, o gelinho", que trata sobre os estágios da água, explicando como passa do estágio líquido para o gasoso de maneira didática.



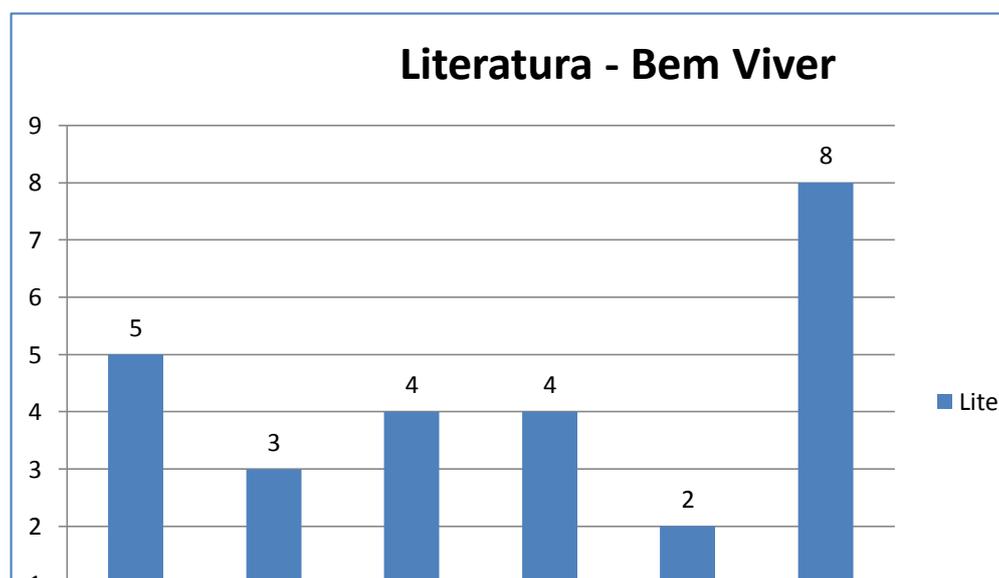
(figura 5)



(figura 6)

O livro é resenhado pela professora da Universidade do Amazonas, Cláudia Guerra Monteiro, a qual de maneira didática descreve a história do livro infantil e utiliza o recurso da crítica para alertar que as crianças precisam ler mais, fazer suas interpretações, e ser mais incentivadas para a prática da leitura e menos para os

computadores e vídeo games, conforme pode ser visto na figura 6. Passando ao caderno Bem Viver, a categoria Literatura é possível verificar a seguinte configuração quanto ao status quantitativo no gráfico abaixo.



Dessas edições relacionadas a esse universo, em sua maioria, trata-se de matérias que divulgam o lançamento de um novo livro, seja regional, nacional ou internacional; homenagens prestadas aos escritores, principalmente quando são amazonenses, pelo feito de suas obras para a sociedade e a contribuição deixada como legado para o acervo literário seja regional ou nacional; bem como a presença de amazonenses que participam de eventos literários ou que buscam reconhecimento e espaço na Literatura mundo a fora com seus escritos, como a Bienal.

Vale ressaltar, o caderno Bem Viver se apropria de diversas formas contemporâneas de se fazer jornalismo, a qual uma delas é a seção denominada “Loja bv”. Como o próprio nome demonstra, esta seção é constituída por diversos produtos pela qual o jornal os divulga, como perfumes, roupas, cosméticos, sapatos, bem como livros, funcionando como uma espécie de vitrine. Por esse motivo, os produtos de literatura que aparecem nesse período não foram considerados como produção de jornalismo cultural, portanto não sendo contabilizados para a análise.

Para exemplificar o sumário tecido acima, mostraremos alguns exemplos. Na figura 7 tem-se: “Tem AM na Bienal – escritores buscam espaço na literatura”. A matéria trata sobre vários escritores, entre eles muitos estreantes, que saíram do Amazonas para divulgar seu trabalho na Bienal do Livro que aconteceu em setembro de 2016, em São Paulo. Vale ressaltar, são escritores onde seus livros são publicados pela

Saraiva, por meio da qual a jornalista que escreveu a matéria também viajou para cobrir o evento. A matéria pode ser lida na figura 8.



(figura 7)

SÃO PAULO (SP) - A 24ª Bienal do Livro de São Paulo enche os olhos dos visitantes, com 60 mil metros quadrados de área e milhões de livros para serem "descobertos" até amanhã (4), no Pavilhão de Exposições do Anhembi, na capital paulista. E, em meio a esse mar literário, um grupo de manauaras chama a atenção pelo estilo sinistro e misterioso de escrever. Eles fazem parte da editora recém-nascida Lendari, criada para revelar novos talentos.

"É uma editora amazense, que foca em literatura fantástica, realismo mágico e ficção científica. Uma das nossas filosofias é apresentar novos autores. Por isso, trabalhamos com antologia, uma espécie de livro colaborativo. Lançamos um edital, com um tema, e os autores escrevem contos a partir desse tema", disse Mário Bentes, fundador da editora e autor da obra "Minhas conversas com o diabo".

Segundo ele, é uma estratégia para que aspirantes na área ganhem experiência e motivação para caminhar sozinhas. Foi assim, inclusive, que iniciou e, em 2010. Agora, ele lança o segundo livro, parte de uma série de crônicas, com mais seis a caminho.

"Cada história é sobre a relação entre o ser humano e algum demônio", revelou.

Jan Santos, 22, ESCRITOR E GRADUANDO EM LETRAS LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

"É meu terceiro livro. Hoje, estou lançando 'A Rainha de Maio'. Eu gosto de chamar de uma fábula para adultos. Trata de uma comunidade imersa em superstições e o foco é a passagem de um garoto para a vida adulta. Como ele está se tomando homem, coisas são esperadas dele pela comunidade. Mas, ao mesmo tempo, ele se vê preso às crenças e superstições que namoram sobre o lugar. Eu tenho outros projetos em mente, mas não sei se digo que é uma sequência desse livro. Provavelmente será relacionada, mas não diretamente."

"Eu participei de sete antologias literárias de editoras daqui, de São Paulo. Às vezes, o autor ainda não tem a capacidade ou responsabilidade de trabalhar uma obra inteira. Um conto é bem mais curto e simples de escrever. Ele dá o primeiro passo e fica motivado a escrever", enfatizou.

'DEBUTANTES'
Entre os estreantes, estão Leila Plácido e Andrés Pascal. "Para mim, é uma sensação inexplicável lançar meu primeiro livro justamente em uma das maiores feiras literárias do mundo. A ficha ainda não caiu. Estou muito feliz por viver esse momento. Tudo valeu a pena", comemora a única mulher do grupo.

Enquanto ela escreveu no livro "Quase o fim", o jornalista participou da obra "Quando a selva sussurra", com um conto

Homenagem a Hatoum
O V Fliaraxá - Festival Literário de Araxá ocorrerá de 14 a 18 de setembro de 2016, no município mineiro, com acesso gratuito a todas as atividades. Com o tema "O Amor, a Leitura e as Diferenças", o evento faz homenagem ao autor Milton Hatoum e tem a curadoria de Afonso Borges. A maratona de debates, mesas, oficinas e lançamentos de livros contará com a presença de cerca de 70 convidados.

Confira conteúdo exclusivo desta matéria em nossa edição digital. BAIXE O APP NAS LOJAS DA APPLE E PLAY STORE A CRÍTICA DIGITAL

Myriam Scotti se inspirou no filho Daniel para escrever história para crianças

Patrícia Noronha terá sessão de autógrafos na Bienal do Livro neste domingo

Mulheres em cena

As escritoras amazonenses Patrícia Noronha e Myriam Scotti, também fazem parte da programação da 24ª Bienal do Livro de São Paulo, ambas com lançamentos pela editora Chiado. A primeira com o livro "Grupo de Terapia: Compartilhando História", "Participi da Bienal em 2014 como leitora. Voltar como autora é muito mais do que eu poderia sonhar. É uma oportunidade ímpar de interagir com autores, editores e leitores, tudo no mesmo ambiente", disse.

A segunda é dona do blog "Mãe no País das Maravilhas" e apresentará a obra infantil "O menino que só queria comer tomate", inspirada nas experiências vividas com o filho Daniel. "Foi uma oportunidade maravilhosa que a editora Chiado proporcionou. É incrível estar perto de autores fantásticos e em meio a uma multidão de leitores de todas as idades. Adorei ver tantas crianças interessadas em consumir livros. Os adolescentes também estavam sedentos por livros que se baseiam no que estão vivendo. Foi uma experiência única que guardarei com muito carinho com a certeza de que quero estar nas próximas", afirmou Myriam.

(figura 8)

Outra matéria tem a chamada: "A obra de Milton – escritor é homenageado no Fliaraxá (MG)", conforme figura 9. Trata-se que a obra de Milton Hatoum foi escolhida para ser a grande homenageada do Festival Literário de Araxá (Fliaraxá), onde também mostra outros escritores que irão participar do evento e a programação cultural que acontecerá para os participantes.

A obra de Milton

Escritor amazonense é homenageado no Filaraxá (MG)

→ LAYNNA FEITOZA
laynnafeitoza@acritica.com

A obra do escritor amazonense Milton Hatoum foi escolhida para ser a grande homenagem da V Filaraxá (Festival Literário de Araxá), no município homônimo, em Minas Gerais. O evento vai acontecer de 14 a 18 de setembro, sob o tema "O Amor, a Leitura e as Diferenças". A programação do evento envolve debates, oficinas, lançamentos de livros e concursos literários, além de espetáculos teatrais.

(figura 9)

saiba+

Programação artística

Espectáculos teatrais que trazem literatura em seu conteúdo integram o festival, como "Jazz do Coração", com Françaize Fortoni (14/09); "Delírio Verbo", com Jonas Bloch (15/9); "Caravana Tontería", com Leticia Sabatella (16/9); "Aué", com Cia. Barcos Corações Perdidos (17/9) e "Estamira", com Dani Barros (18/9).



Milton Hatoum será homenageado



Mário Cortella participará de bate-papo



Frei Betto integrará mesa-redonda

frase

“[...] Além do amazonense Diego Moraes, um poeta do êxtase. Ele é um dos bons discípulos de Piva e Rimbaud”

Milton Hatoum
ESCRITOR,
FALANDO SOBRE
OS ESCRITORES
DA NOVA
GERAÇÃO QUE
ADMIRA

Jorge Luis Borges, e do italiano Ítalo Calvino. São narradores sensíveis, com manias extravagantes e reflexões originais. Além do amazonense Diego Moraes, um poeta do êxtase. Ele é um dos bons discípulos de Piva e Rimbaud”, explica ele.

PERSONALIDADES

Ao todo, 70 convidados participam da programação da Filaraxá. São estes teólogos Leonardo Boff e Frei Betto, os filósofos Mário Sérgio Cortella, Marcia Tiburi, Clóvis de Barros Filho e Vladimir Safatle, as escritoras infanto-juvenis Thalita Rebouças e Paula Pimenta, os infantis Nelson Cruz, Marilda Castanha, Mary França e Eliardo França, os youtubers literários Eduardo Gilton e Taty Ferreira, o músico e ativista social MV Bill, os poetas Zach Maglezi, Francisco Alvim e Sérgio Vaz e os escritores Nelson Motta, Laurentino Gomes, Miriam Leitão, Sérgio Abranches, Sérgio Rodrigues, Eduardo Spohr, entre outros.

do na grade de leituras obrigatórias para o vestibular.

No dia 17 de setembro, Hatoum ministrará uma palestra no evento. “Vou conversar com um jornalista cultural de Minas, falar sobre os livros que me influenciaram. Também vou falar sobre o gênero romance, um pouco sobre o papel da literatura nesse mundo em que já não se lê

tanto ou que não se lê os clássicos como antes. Basta você olhar para o nível do Congresso Nacional: quando você pensa na sessão do impeachment, não sei se é pra rir ou chorar. É de um nível lamentavelmente baixo”, enfatiza o escritor.

Sobre os escritores da nova geração, Milton destaca que, por conta de suas publicações, o

tempo é curto para acompanhar fielmente. Mas ele cita, como um dos que admira, a escritora mineira Ana Martins Marques.

“Ela publicou um bellissimo livro de poesia chamado ‘Livro das Semelhanças’. E estou lendo um livro bonito de contos chamado ‘Histórias Naturais’, do escritor também mineiro Marcilio França Castro. Lembra os contos do

Em na figura 10 temos um exemplo de página intitulada “Loja bv”. Neste caso a matéria/publicidade apresenta um resumo da história contada no livro que está sendo lançado, “O garoto do cachecol vermelho”, o qual se trata de um romance que envolve temas como a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), distúrbio alimentar e violência contra a mulher.



(figura 10)

A matéria expõe também sobre o talento da jovem escritora; faz uma breve entrevista pingue-pongue e mostra o serviço de venda para o leitor, tal como editora e valor do livro. A figura 11 mostra a matéria na íntegra.

→ NATÁLIA CAPLAN
nata.lia.caplan@scritica.com

“Eu o conhecia havia tão pouco tempo, e mesmo assim sentia que ele sabia mais sobre mim do que qualquer um no mundo. Até mais que eu. Por quê? Porque ele via alguma coisa que ninguém jamais tinha visto. Ele enxergava a esperança em meio a todo o caos de raiva e desprezo em que eu vivia mergulhada.” Essa é apenas uma amostra de “O garoto do cachecol vermelho”, novo livro de Ana Beatriz Brandão.

Conhecida pelos sucessos “Sombra de um anjo” e “Caçadores de Almas”, ela surpreendeu os fãs ao lançar um romance, durante a 24ª Bienal do Livro de São Paulo. Mas, no final, foi a moça de 16 anos quem ficou mais admirada diante da receptividade do público: a primeira edição esgotou ainda na pré-venda. O resultado foi a necessidade de imprimir uma nova remessa para a sessão de autógrafos no evento.

“O último que publiquei foi de terror, totalmente oposto. Mas muitos dos meus anjinhos (é como chamo meus leitores) não estranharam tanto. Alguns que preferem terror falaram ‘esse não é meu gênero’, mas leram e gostaram”,



Ana Beatriz recebeu cerca de 500 fãs para uma sessão de autógrafos da nova obra, na Bienal Internacional do Livro

disse. “Fiquei chocada, chorei demais; não porque esgotou rápido, mas foi um alívio. Parte da renda é doada para a Associação Brasileira de Esclerose Lateral Amiotrófica [ABRELA] e achei que não ia conseguir ajudar”, informou.

A história tem como protagonista Melissa, uma adolescente que tem uma vida conturbada e cheia de dramas. Bailarina ta-

lenta, ela está determinada a conquistar uma vaga em juliard, uma das mais importantes escolas de dança do mundo. Em meio às reviravoltas que a cercam, ela conhece Daniel, um garoto com gosto curioso por cachecóis vermelhos. Apesar da relação complicada, surge uma paixão improvável, intensa e arrebatadora.

“É o meu primeiro livro com

assuntos sérios, sem fantasia. Decidi que seria sobre uma doença degenerativa, sem faixa de idade específica, mas que não fosse comum como câncer. Eu nunca tinha ouvido falar de ELA e, quanto mais eu lia, mais me comovia. Se encaixava perfeitamente no que eu precisava”, afirmou, ao adiantar outros assuntos abordados. “Também fala sobre distúrbio alimentar

ficha



Livro: O garoto do cachecol vermelho
Autor: Ana Beatriz Brandão
Editora: Verus | Grupo Editorial Record
Preço: R\$ 32,90

(bulimia) e violência contra a mulher”, completou.

BIBLIOTECA 'NA GAVETA'

Apesar de ter começado a escrever aos 13 anos de idade e ter lançado três obras, Ana Beatriz tem mais 16 livros prontos à espera de publicação. Todos de literatura fantástica. Porém, após se maravilhar com o desafio de escrever uma história de amor pela

primeira vez, a autora prepara uma surpresa, solicitada pelos próprios fãs. O título, inclusive, já foi revelado: “A garota das sapatinhas brancas”.

frase

“Meu grande sonho é publicar todos os meus livros. As histórias que estão na minha cabeça são de fantasia, mas tenho certeza que vou voltar para romance.”

Ana Beatriz Brandão,
ESCRITORA

primeira vez, a autora prepara uma surpresa, solicitada pelos próprios fãs. O título, inclusive, já foi revelado: “A garota das sapatinhas brancas”.

“Meu grande sonho é publicar todos os meus livros. As histórias que estão na minha cabeça são de fantasia, mas tenho certeza que vou voltar para romance. Muitas pessoas pediram para saber como é a visão de Daniel da história com Melissa. É difícil, porque eu não costumo fazer nada por olhos de garotos”, declarou aos risos. “Eles são opostos. Enquanto Melissa é uma garota mimada, Daniel é uma garota tímida e compassiva”, ressaltou.

(figura 11)

Diante do levantamento quantitativo e do conteúdo de ambos os cadernos, é possível analisar que o tema Literatura tem abordagens distintas no que tange a produção do Criação para o Bem Viver. Isso porque no caderno Criação é possível encontrar com mais ênfase uma abordagem que se aproxima do jornalismo cultural literário enquanto uma produção que não somente divulga um produto, mas que, sobretudo reflete sobre o conteúdo apresentado.

Por meio dessas produções realizadas pelo Criação também é possível analisar que conseguem assinalar os pontos positivos e negativos de determinada obra, tecer críticas relacionadas ao contexto pautado ou ainda tornar aquela obra mais interessante para que o leitor possa aprender e ser acrescentado em seus conhecimentos a partir da análise reflexiva, como é o caso da matéria que trata de um livro sobre Maquiavel, analisada na figura 1 e 2, bem como a obra infantil apresentada e a crítica social por meio dessa reflexão literária quanto a necessidade de incentivar crianças a ler mais, contidas nas figuras 5 e 6.

Durante os quase oito anos do Criação tivemos uma razoável participação de intelectuais e artistas como colaboradores do caderno. A nossa gama de assuntos era a mais ampla e diversificada possível. Havia espaço para publicação de artigos e resenhas de livros e filmes. Publicamos séries inteiras de alguns professores da Ufam, por exemplo. Nós contribuimos com a discussão, demos voz aos artistas, na medida do possível, para que essa crítica à política cultural fosse

feita, já que os canais para isso estavam naquela ocasião fechados (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

De certa forma, esta relação era favorecida pela própria atuação nossa dentro da universidade e do ambiente acadêmico. Tínhamos acesso e credibilidade junto aos intelectuais e pesquisadores e, quando achávamos relevante, recorriamos a seus conhecimentos e estudos nas nossas reportagens. Entrevistávamos historiadores, sociólogos, antropólogos, críticos de literatura, filósofos, dramaturgos, etc. Havia alguns que contribuíam de forma mais direta. Posso citar o sociólogo e professor Renan Freitas Pinto (UFAM), que durante um longo período escreveu semanalmente em um espaço fixo do caderno. Muitos de seus artigos foram posteriormente republicados na coletânea “Viagens das Ideias”, da Valer Editora. O mesmo posso falar do professor de Filosofia da Ufam e teatrólogo Marcos José, que escrevia regularmente para o caderno (Entrevista cedida por Elaize Farias, 2017).

[A presença dos intelectuais] Era intenso. Tínhamos ótimas fontes, com muito conhecimento. Vide o Professor Mário Ypiranga Monteiro, escritor Paulo Jacó, Joaquim Marinho, Márcio Souza, Milton Hatoum... nomes reconhecidos e renomados até nacionalmente e internacionalmente (Entrevista cedida por Betsy Bell, 2017).

Vale ressaltar, assim como Elaíze destaca a presença desses intelectuais, essas análises dos livros apresentadas na análise acima foram realizadas por professores da universidade local, Gilson Monteiro e Claudia Guerra, o que mostra uma abertura e aproximação com esses pensadores e artistas locais.

Por outro lado, o Bem Viver, como também considerou a jornalista Betsy Bell, apresenta produções com o caráter mais voltado para o noticioso, isto é, onde apresenta acontecimentos factuais relacionados ao universo da literatura, tal como o lançamento de um livro em determinado local e personalidades que são homenageadas, sem trazer a tona o escopo principal do assunto que é a obra literária, o que ela relata, seu contexto, um posicionamento crítico, o posicionamento do autor, etc.

Sobre esse tema, Nilson Lage (1985), em seu livro *Estrutura da Notícia* considera o texto noticioso como bem simbólico de consumo universal. De forma contemporânea ele conceitua a notícia como sendo um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante. Porém, advertimos que não é tarefa fácil distinguir entre importância e interesse. Afinal, precisamos ter em mente que notícia, em síntese, é comunicar, e quanto mais pessoas alcançar, melhor. Notícia é informar algo novo, inusitado, que desperta interesse, é denúncia, é ter utilidade pública.

Sobre essa prática de caráter noticioso, relembramos a pirâmide de Adelmo Genro Filho (1987), explanada no capítulo 1, onde diz que a notícia inicia-se expondo o

singular (X) por meio das especificidades do fato, ou também comumente chamado de *lead*, o qual é o epicentro do singular devido ser onde se concentra a informação que mais caracteriza o fato, que o especifica de modo único.

Isso significa dizer que o Bem Viver se mantém no singular, onde apresenta as informações que respondem o *lead* (quem?, o quê?, quando?, onde?, como?, por quê?), mas muitas vezes não alcança o particular (Y), no qual é situado o fato no contexto, ou mesmo a universalidade (Z), onde é possível vislumbrar o fato relacionado a uma totalidade, tal como o contexto social e histórico. Ou seja, um exemplo que podemos utilizar é a matéria sobre Milton Hatoum, onde mesmo em se tratando de uma homenagem ao escritor, o jornalista poderia dar destaque a obra homenageada, falar sobre o que se trata e sua importância para o contexto social, amazônico e se fosse o caso o cenário da literatura nacional.

Ainda sobre essa característica do caderno Bem Viver, talvez isso se dê também pelo fato do jornal acompanhar a lógica de mercado, onde a realidade é mutante, ou seja, tudo se tornou efêmero, a informação precisa ser compactada, pois o jornal precisa de espaço, fazer muito em pouco tempo, não tendo com isso a necessidade de aprofundar sobre o que é abordado, mas sim de divulgar maior quantidade possível de informações e também publicidades, sendo este último um fator de lógica financeira para os jornais atualmente.

O que se torna claro se utilizarmos o exemplo da seção chamada “Loja bv”, pois é a marca da mercantilização do jornalismo cultural, onde um livro não é mais só uma fonte de conhecimento, mas passa a ser equiparado a outros produtos que não são desse universo e muito menos possuem um valor cultural, como perfumes, roupas e sapatos que são tendência no mercado do consumo. Fato esse que contribui para o sucateamento ou mesmo banalização da cultura.

Desse modo, tal procedimento do caderno Criação nos remete à colocação de Raymond Williams (1992), quando destaca a importância do jornalismo cultural, o qual desempenha o papel de não só registrar o presente, mas principalmente de contextualizar as obras analisadas em seus cadernos. Em paralelo a isso, podemos citar a jornalista Elaíze Farias, que comenta sobre o aspecto do modo de produção no tempo do Criação:

Tínhamos liberdade editorial para definir e escolher as pautas e não havia discriminação de linguagens. Algumas matérias exigiam narrativas mais longas e, por este motivo, não era incomum a necessidade de página inteira para os textos. Fazíamos um jornalismo

mais crítico e, de certa forma, tinha influência no que se produzia na agenda cultural. As matérias não eram exclusivamente noticiosas, mas também contextualizadas e reflexivas, e acredito que isto representou um marco no jornalismo de Manaus. Observo que se faz atualmente é um jornalismo cultural mais pontual, factual e diversificado. Escreve-se sobre música e dança, mas também sobre gastronomia, moda e festas, em textos curtos.

Isso fica mais esclarecido quando observamos a participação ativa de artistas e intelectuais da sociedade no Criação, pois se percebe que além de serem fontes importantes, tendo uma estreita relação entre o caderno e esses cidadãos, os mesmos também dispunham de espaço para suas reflexões. O que na transição para o caderno Bem Viver isso se perde com o tempo, não havendo mais a presença desses intelectuais em suas produções, mas tão somente dos jornalistas da empresa ou agências de notícias. Atualmente essa relação acontece da seguinte forma: “No caso dos artistas, vêm deles muitas sugestões de pauta. E no caso dos intelectuais, eles geralmente são procurados para comentar casos específicos, de acordo com suas áreas de atuação e envolvimento com o assunto”, comenta o repórter do caderno Bem Viver, Rosiel Mendonça, sobre essa relação.

No entanto, avalia-se que esse novo modo de jornalismo perdeu sua essência, onde observa-se que o jornalismo cultural trata-se de ser também uma atividade intelectual, o que considera-se melhor cabível a participação ativa dessas personalidades para descrever, analisar, refletir sobre os produtos culturais. É importante observar que não estamos afirmando que o caderno Bem Viver não realiza a prática de resenhas e/ou críticas em seu jornalismo cultural, mas que no período analisado não foi possível encontrar matérias sob essa perspectiva que contempla a pesquisa.

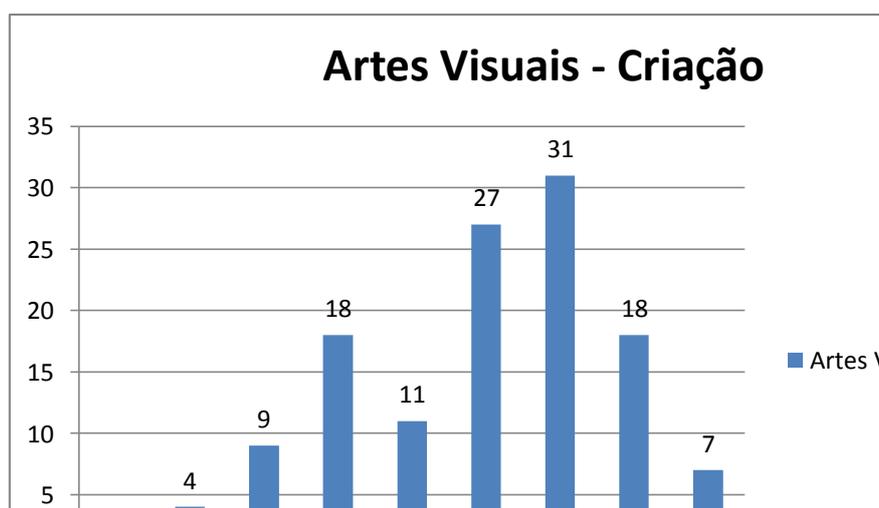
Fato este que nos leva a inferir que, nesse primeiro universo analisado, do caderno Criação para o caderno Bem Viver, o jornalismo cultural literário passou por uma transformação radical, modificando o seu modo de produção e conseqüentemente perdendo o valor estimado no âmbito desse jornalismo especializado.

3.2.2 Artes Visuais

Como visto sobre esse universo no capítulo 1, as artes visuais aqui são consideradas as tradicionais: escultura, pintura, grafite, fotografia, gravura, dança, etc. Vale lembrar que com o avanço tecnológico e a massificação da mídia, as artes visuais

também vem sentindo as consequências das limitações das críticas e da restrição de espaço nos cadernos de cultura.

Ballerini (2015) considera que esse campo seja um dos que mais necessitam de um “facilitador” entre o artista e o público. Dada a importância desse pensamento posicionado pelo autor, verificaremos como se dá esse processo em ambos os cadernos.



Como mostra o gráfico, nas edições de 1991 não tem a presença de matérias relacionadas ao tema. Já em 1992 possui quatro; 1993 constam nove; 1994 com 18; 1995 com 11; 1996 com 27; 1997 com 31; 1998 com 18; e 1999 com sete. Dessas edições, a maioria apresentam matérias que divulgam uma nova exposição fotográfica, dança e pintura. As demais consideradas artes visuais, como a escultura, grafite e gravura não foram identificadas no *corpus* coletado.

Embora o índice de matérias sobre as artes visuais seja consideravelmente alto, é possível observar que grande parte delas são notícias. Porém, nota-se que enfatizam sobre a temática de cada exposição, ou seja, explicam as motivações dos artistas envolvidos com as exposições, a procedência do material, o significado dos elementos que a compõem, sendo perceptível que os jornalistas buscavam uma explanação sobre o assunto com uma abordagem com cunho de importância e/ou contribuição, bem como as explicando a partir de uma vertente social, histórica ou cultural. Vejamos alguns exemplares.

Nesta edição da figura 12, trata sobre uma exposição fotográfica, a qual é o resultado de uma excursão que o botânico Alexandre Ferreira realizou no final do século XVII em algumas capitânias. Seus estudos foram considerados importantes,

tendo ele introduzido a modernidade científica na pesquisa do Brasil. A exposição com seus materiais também era importante devido a valorização do seu trabalho que tinha interesse científico pela região.



Figura 12

Outro exemplo encontramos na edição da figura 13, onde mostra a exposição "Memórias da Amazônia" proveniente de peças coletadas durante a viagem de 10 anos do botânico Alexandre Ferreira. Dessa vez são algumas máscaras dos extintos povos indígenas Jurupixuna. Trata-se de adereços que fizeram parte da cultura de um povo que viveu em nossa região, e que as utilizavam em seus rituais sagrados. Na matéria a jornalista entrevista também uma museóloga da Universidade do Amazonas, a qual explica com detalhes sobre esses povos e seus adereços. Além disso, o jornal também fez a divulgação do itinerário dessa exposição para outros municípios durante um longo tempo.



Figura 13

Em outra edição, representada pela figura 14, as artes visuais aparecem por meio da dança. Com matéria intitulada “Porto de Lenha” volta ao palco do TA hoje e amanhã”, onde o Grupo Espaço de Dança do Amazonas encena a música “Porto de Lenha”.

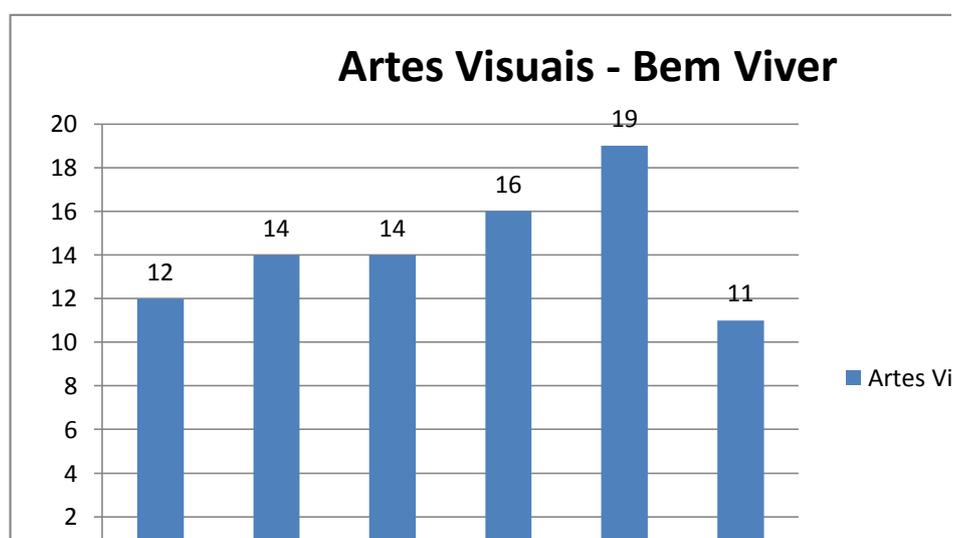


Figura 14

Se quem fosse assistir ao espetáculo não soubesse do que se tratava a música, trecho da notícia explica: “O trecho Porto de Lenha tu nunca serás Liverpool/com uma cara sardenta e olhos azuis”, tinha como objetivo principal a interpretar a situação cultural e história da região, através da alusão ao porto, de origem inglesa, e o enfoque

de que Manaus ainda estaria bem distante do desenvolvimento alcançado pela cidade inglesa”. Ou seja, antes mesmo de assistir ao espetáculo, o leitor pode ter o entendimento sobre o que se trata esse evento. Uma explicação que parece simples, mas é de fundamental importância para situar o leitor, o qual também pode ser o público que irá assistir ao grupo de dança. Além que chama atenção e pode despertar o interesse de quem visualiza essa notícia.

Quanto as Artes Visuais no caderno Bem Viver, vejamos primeiramente o gráfico sobre o quantitativo dessa categoria entre o mês de Abril a Setembro de 2016.



A cobertura jornalística do caderno Bem Viver sobre as artes visuais segue uma característica mais contemporânea, que em sua maioria busca o que há de atração para o grande público, como espetáculos de dança e exposições de fotografias, onde demonstra ter o interesse em divulgar o que é de fácil acesso para quem irá assistir esses tipos de evento, tanto no quesito compreensão quanto no aspecto de valor para ter ingresso. Bem como seguem o que é pautado pela agenda do governo e prefeitura, tal como no mês de maio aparece a divulgação das inscrições para o festival de dança.

A figura 15 traz a notícia intitulada “Espectáculo questiona obras no rio madeira”, trata-se de um espetáculo de dança “Recolon”, que aborda sobre os abusos cometidos nas instalações de usinas hidrelétricas do Rio Madeira, o impacto ambiental, e como isso também afeta a vida dos ribeirinhos.

Espetáculo questiona obras no rio Madeira

O espetáculo de dança Recolon, do dançarino Leonardo Scantbelruy, estreia oficialmente em Manaus neste sábado, 10 de setembro, às 20h, no Espaço Artrupe, localizado na avenida Joaquim Nabuco, 1436, Centro.

Contando com elementos próximos à realidade do seu intérprete, Recolon tem como tema os abusos cometidos nas instalações do complexo de usinas hidrelétricas no Rio Madeira, e como isso interferiu negativamente na vida de milhares de ribeirinhos, além do impacto ambiental causado pelas obras. O trabalho se posiciona de maneira contrária a essas instalações ressaltando a desfiguração que pessoas e diversas espécies de animais sofreram.

Rondoniense que mora em Manaus há 2 anos, Scantbelruy teve como interlocutoras as coreógrafas Gilca Lobo, de Rondônia, e Elisa Schmidt, de Santa Catarina. O trabalho estreou em Porto Velho, passou



por Santa Catarina e estreia oficialmente em Manaus neste sábado.

"Fiquei muito satisfeito com as apresentações, e muito grato a todos os envolvidos. Destacaria o engajamento do público portovelhense em levar adiante

essa temática, que muito lhes pertence e que ainda é muito atual. Ainda se colhem e estipulam os danos causados por aquelas construções. Nesse momento, por exemplo, os movimentos sociais lutam contra a expansão das usinas em seis

turbinas. Esses assuntos eram trazidos pelo público que, provocados pelo espetáculo, debatiam após cada apresentação", explica o dançarino.

IMPRESSÕES

Ele conta ainda que na capital



Rondoniense que mora em Manaus há 2 anos, Scantbelruy teve como interlocutoras as coreógrafas Gilca Lobo, de Rondônia, e Elisa Schmidt, de Santa Catarina.

serviço

o quê: Espetáculo Recolon
quando: 10 de setembro, às 20h

onde: Espaço Artrupe (Avenida Joaquim Nabuco, 1436, Centro)

quanto: Gratuito

catarinense a reação foi de interesse e curiosidade pelo assunto: "Em Florianópolis a temática não pertencia tanto ao público quanto era pertencente a Porto Velho, a grande maioria sequer sabia das construções das usinas e dos impactos sofridos em Rondônia. Esse tipo de pauta não possui a devida notoriedade na imprensa nacional", diz.

Al vejo a potência do espetáculo, em levar assuntos a novos espaços, expondo denúncias e,

acima de tudo, fortalecendo laços afetivos sobre uma temática que requer tanta sensibilidade. Apesar de não estarem, até então, a par do ocorrido, houve algumas identificações muito interessantes por parte do público, alguns trouxeram como exemplo as ações de construtoras imobiliárias que agridem os manguezais pertencentes à cidade".

Uma versão reduzida de Recolon foi apresentada recentemente no festival Movase, o que representa para Scantbelruy uma ótima vitrine para o trabalho: "Fiquei muito agraciado pela oportunidade de participar do VII Movase e poder estabelecer diálogos com fazedores da dança de todo o Brasil. É um intercâmbio produtivo para todos".

Figura 15

Outra matéria que foi destaque no caderno Bem Viver (figura 16), e ressalto que na maioria dos demais jornais da cidade também, foi a divulgação do espetáculo do bailarino amazonense Marcelo Mourão junto com oito colegas que iria acontecer no teatro Amazonas. O amazonense atualmente é o principal bailarino do American Ballet Teatre (ABT), de Nova York. Ou seja, é visto como um orgulho para o Amazonas. E a partir das colocações do bailarino, a matéria explica um modelo de roteiro sobre o que irá acontecer no espetáculo e os clássicos que irão acompanhar a dança do grupo, juntamente com a Orquestra Amazonas Filarmônica.

Depois de cinco anos sem regressar à sua terra natal para apresentações, o bailarino amazonense Marcelo Mourão fará o pouso de sua dança justamente no Teatro Amazonas, o maior templo artístico do estado. A grandiosidade do local acompanha certamente a grandiosidade do artista, que hoje é o principal bailarino do American Ballet Theatre (ABT), de Nova York. Ele se apresentará com mais oito parceiros da companhia norte-americana nos dias 12, 13 e 14 de agosto.

Em sua vida artística, Marcelo foi primeiro bailarino, mas sempre gostou de fazer seus próprios passos, desde pequeno. "Para ser bailarino, agora nessa fase da minha carreira, me preocupo muito em estar saudável com meu corpo, para poder estar sempre pronto para entrar no palco. Isso é muito importante depois de uma certa idade", diz ele.

Os oito bailarinos que vão acompanhá-lo no projeto - Sterling Baca, Tom Forster, Alexandre Hammoudi, Stella Abreira, Arron Scott, Gillian Murphy, Hee Seo e Devon Teuscher -

carregam o mesmo profissionalismo de Mourão.

"Nós todos nos conhecemos há muito tempo. Duas das bailarinas - Gillian Murphy e Stella Abreira - já dançam comigo quase 20 anos. Como trabalhamos todos no ABT, foi fácil fazer a seleção. Todos são bailarinos que já vi dançar ou dançaram comigo ou já os coreografei. O talento nesse grupo é realmente incrível", dialoga ele.

O primeiro ballet que Marcelo irá mostrar será "Apollo", de George Balanchine, feito em 1928, e que retrata o deus grego Apollo com suas musas. "O segundo será o meu balé, 'Tristesse', com música de Chopin, que conta a história de quatro amigos de infância que se reúnem mais uma vez depois de muito tempo separados. Eles falam sobre as suas vidas e percebem como cresceram e tem as suas próprias opiniões. Talvez 'Tristesse' seja o mais complicado e interessante para o público, pois você imagina que acaba de uma maneira e tem uma mudança na história", coloca.

Na sequência, haverá vários "pas de deux": o pas de deux do "Lago dos Cisnes", do coreógrafo Matthew Bourne onde o bailarino fará o papel de cisne. "Temos também 'Toccare', minha coreo-

frase



Se me preocupo com meninos que querem dançar balé, mas seus pais não deixam? Sim, claro! Isso me preocupa muito, mas não é mais tabu. Aliás, os homens conseguem ser grandes estrelas da dança e ter lindas carreiras dentro e fora do Brasil"

Marcelo Mourão
BAILARINO

grafia com música bem contemporânea de Ian Nge, finalmente, o pas de deux do balcão de 'Romeu e Julieta' para finalizar. Será o mesmo programa todos os dias e escolhemos balés porque todos me representam de alguma forma, seja como bailarino, ator, partner e coreógrafo", destaca ele.

Um dos pontos altos das apresentações certamente será a interação dos bailarinos com a orquestra Amazonas Filarmônica. "Estou superanimado para dançar com a Filarmônica e com o grande maestro Marcelo de Jesus na regência. Geralmente, esses tipos de gala são feitos com gravação, mas fiz questão de ter música ao vivo para fazer um espetáculo mais completo para os artistas e para o público. Depois de tanto tempo sem dançar no Teatro Amazonas, tenho que fazer um espetáculo de impacto e grande estilo", acentua Mourão.

EXERCÍCIO

Como o ABT está em temporada, os bailarinos estão ensaiando para as performances em Manaus nos dias de "descanso". "Todos os bailarinos estão fazendo espetáculos nesse momento, então combinar horários está sendo uma grande missão, mas muito prazerosa. Tenho certeza

que até lá vamos estar prontos para um lindo espetáculo. Marcelo também aproveita para falar sobre uma questão que ainda é polêmica para alguns a masculinidade abordada nos balés.

"Existem muitas companhias de dança no Brasil e no mundo que precisam de bailarinos. Agora, mais do que nunca, têm homens dançando na televisão. Se me preocupo com meninos que querem dançar balé, mas seus pais não deixam? Sim, claro! Isso me preocupa muito, mas não é mais tabu. Aliás, os homens conseguem ser grandes estrelas da dança e ter lindas carreiras dentro e fora do Brasil", afirma ele.

Marcelo explica que, em comparação com o balé brasileiro, o balé americano é bem patrocinado. "Todas as companhias ameri-

serviço

o que é
"Marcelo Mourão Gomes no Teatro Amazonas"

quando
Dias 12 e 13 de agosto, às 20h, e 14 de agosto, às 19h

onde Teatro Amazonas, rua 10 de julho, Centro

ingressos
www.bestseat.com.br



Obras
Balés clássicos como "Apollo" e "Lago dos Cisnes" estão no programa

canas sempre estão fazendo produções novas e em temporada. Claro que o dinheiro para artes não é o mesmo, assim como no Brasil não é e em outras partes do mundo também não. Como moro em Nova York, todas as companhias passam por aqui, eu vejo de tudo. No Brasil, o balé precisa ser mais valorizado, os bailarinos são muito bons e precisam dançar mais. Ser bailarino no Brasil é ter muita coragem e amor pela arte", pontua.

Para Marcelo, é bem difícil de coreografar e dançar ao mesmo tempo, mas, por enquanto, ele garante que vai continuar fazendo o que lhe dá prazer. "Entrar no palco e dançar com todo o meu coração e trabalhar com os bailarinos no estúdio, fazendo novos trabalhos, tem sido uma grande experiência. Antes de Manaus fiz uma estreia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro com coreógrafo. O meu primeiro balé para a companhia. Adaptei uma versão livre do Folclore de Parintins com música de Villalobos. Também vou para um Festival de Dança no Japão. Uma volta ao mundo, mas o meu coração está batendo de ansiedade para o dia 12 de agosto".

Ativar o Windows
Acesse as configurações de

Figura 16

E para fechar esse ciclo de demonstrações das artes visuais pelo Bem Viver, temos a exposição fotográfica "Mormaço" (figura 17), que tem como tema as populações que vivem às margens dos rios amazônicos. A exposição é da fotógrafa Nailê Corado, que passou doze meses coletando essas imagens tanto na capital quanto no interior. Ela diz ter buscado uma visão mais profunda e enraizada da cultura local, conforme mostra a matéria (figura 18).



Figura 17

NATÁLIA CAPLAN
nata@caplan@scitica.com

frase

“
Não queria ser uma mera espectadora, mas mergulhar nesse mundo... Tocar o coração das pessoas para mostrar essa realidade que a sociedade não vê
”

Nailê Corado
FOTÓGRAFA

números

2,6 Mil
Fotografias foram enviadas para análise à curadoria do Museu da Cidade, onde 44 delas foram escolhidas para a mostra

O quê
Exposição fotográfica “Mormaço”, de Nailê Corado

Onde
Museu da Cidade, no Paço da Liberdade, Rua Gabriel Salgado, Centro

Quando
Abertura da mostra nesta quinta-feira (12), às 19h

IMERSÃO E SENTIMENTOS
A escolha de Nailê Corado por esta arte de registrar imagens foi justamente para compartilhar uma visão diferenciada do mundo “escondido” dentro da Amazônia. De acordo com ela, “ver é apenas uma porta para a emoção” e a oportunidade de “eternizar momentos insubstituíveis” torna a fotografia uma ferramenta especial para a humanidade. Por isso, fez questão de apresentar uma exposição singular ao público de Manaus.

“Mesmo diante de uma cena triste, existe a arte da fotografia, que é maior do que eu. A fotografia me ensinou a ver além do olhar. Não queria ser uma mera espectadora, mas mergulhar nesse mundo. Quero tocar o coração das pessoas para mostrar essa realidade que a sociedade não vê”, disse a fotógrafa. Estamos apresentando a vida do nosso povo, principalmente aquele que viaja pelos rios. São registros únicos, que não vão se repetir”, enfatizou.

Questionada sobre a cena mais marcante, não pensou duas vezes. “É de uma garota de uns 12 anos, andando na praia cheia de lixo, com dois cachorrinhos. Mostra a questão social, ambiental e uma amizade sincera”, concluiu.

O jeito de ser e viver do povo que vive na beira dos rios chamou a atenção da fotógrafa

Figura 18

Em uma leitura geral, essas matérias representam como as Artes Visuais aparecem tanto no Criação quanto no Bem Viver. No entanto, no caderno Criação o tema aparece de forma abrangente, ou seja, se apresenta nas diversas faces consideradas como artes visuais, tais como a dança, pinturas, fotografias, grafismo, etc., as quais em sua maioria ficam localizadas na parte nobre do caderno, a capa.

Também se percebe que os jornalistas buscam uma abordagem aprofundada diante de cada novo produto cultural, pois não somente divulgam o evento, mas sobretudo os “porquês” de determinado espetáculo ou exposição, como bem ilustra a matéria “Porto de Lenha” volta ao palco do TA hoje e amanhã”. O que volta ao que Ballerini (2015) considera que esse campo seja um dos que mais necessitam de um “facilitador” entre o artista e o público. Ou seja, o jornalista explicou sobre o que se tratava o espetáculo, bem como o que lhe o trecho da música, a qual era o que norteava a peça teatral.

Além disso, também buscam inserir entrevista com especialistas no assunto abordado, como curadores e museólogos; e utilizam dos recursos visuais para prender a atenção e situar o leitor. Apesar do caderno Criação não dispor do recurso de cores até 1995, o periódico compensava com um texto com qualidade quanto ao conteúdo e mesmo quando passou a dispor de cores, não tinha as amarras de abusar das imagens para compensar a falta de conteúdo.

No caderno Bem Viver a maioria das matérias apresentadas no período analisado são sobre espetáculos de dança, exposições de fotografias e pinturas, tanto que acontecem no Amazonas quanto de obras e autores com a temática amazônica que ganharam prestígio em outros estados e até em outros países. Apesar disso, as demais artes visuais, como por exemplo, a escultura, não mais apareceu em nenhum periódico. Além disso, percebe-se uma queda como um todo da cobertura nesse seguimento cultural, pois mesmo que apareça nos jornais, em sua maioria já não apresenta o mesmo caráter reflexivo como se mostrava anteriormente.

Ballerini (2015) explica que diversos artistas, críticos, curadores e jornalistas concordam que há cada vez menos espaço nos jornais para as artes visuais e que essa é até mesmo última prioridade dos cadernos de cultura. Uma colocação que parece se confirmar diante do cenário analisado, pois o que aparece são tomadas por uma perspectiva de entretenimento, onde o jornal é um canal, funcionando como uma espécie de Guia, ou seja, o periódico filtra onde tem um evento para a população, que vai pautar suas escolhas a partir do que tem na agenda cultural apresentada pelo jornal.

Tal prática condiz com o pensamento de José Salvador Faro (2009) ao caracterizar o jornalismo cultural, onde diz que se trata do espaço ocupado por demandas de natureza mercantil e intelectual, onde a construção do discurso jornalístico trata-se de um campo que ultrapassa o aspecto informativo e construtor da realidade, pois estrutura a percepção dos leitores, orienta suas apreensões, conduz a recepção no complexo de sentidos presente em cada produção.

Porém, essa condução do leitor não necessariamente é incentivar a refletir sobre aquilo sob uma perspectiva social, histórica, ou fazer relação com alguma conjuntura pela qual as artes possa lhe acrescentar tais conhecimentos. O que muitas vezes também chega a ser uma deficiência que parte da própria formação do jornalista, o qual igualmente não tem as ferramentas necessárias para transpor o singular, o particular e alcançar a universalidade (GENRO FILHO, 1987), de ter uma compreensão para além do factual que está se tratando na matéria. Bem como também não lhe é dado o espaço para ser feita uma crítica sobre o assunto, pois estão inseridos na nova lógica de se fazer jornalismo, que é atrelado a chamada Era da Informação, onde o leitor também é condicionado a levar que não quer, não precisa, e nem pode mais “perder tempo” buscando a informação principal.

Contudo, novamente é perceptível a transformação no modo de se fazer jornalismo cultural desse periódico, pois mesmo compreendendo que o jornal buscou

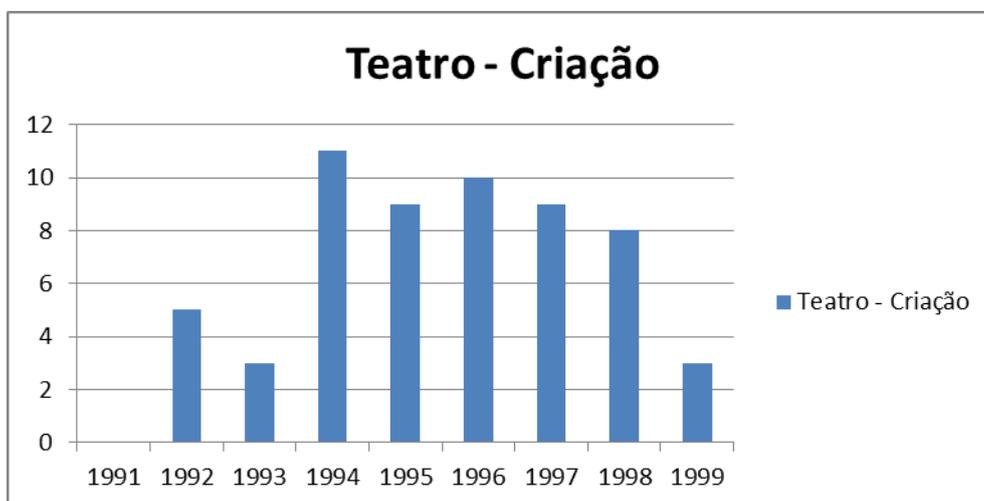
novos meios de se fazer jornalismo cultural, trata-se também de uma decadência de conhecimento cultural que poderia chegar à massa da população, tendo em vista ser um jornal de grande circulação.

Mesmo assim, é possível inferir que ambos buscam sempre divulgar esse tipo de arte, apesar de ser com cunho mais reflexivo no Criação, e com uma perspectiva mais de entretenimento no Bem Viver, o que embora seja dessa forma neste último, a sociedade ainda consegue ter contato com as artes visuais e poder participar de eventos alternativos ao que está se tornando regra, que é em maior grau a valorização das salas de cinema, o passeio nos centros de compras e o uso excessivo das tecnologias com finalidade da conexão nas redes sociais.

3.2.3 Teatro

Tomamos como ponto de partida que o teatro também é uma das artes mais antigas exercidas pela humanidade e devido ao feito de seu caráter fugaz, efêmero, ao vivo, torna-se ainda mais imprescindível a presença do jornalismo cultural que seja capaz de registrar, eternizar, refletir, realizar crítica e que dialogue com seu contexto em todas as esferas.

Além disso, vale lembrar que um papel fundamental da crítica teatral deve ser criar uma ponte possível entre o público e o conteúdo completo do teatro, o que dá ferramentas para subsidiar uma sociedade mais embasada de conhecimentos necessários para uma compreensão mais eficaz e a formação de um olhar crítico sobre o que se trata o teatro enquanto arte. Analisaremos, portanto, a prática de ambos os cadernos sob essa ótica. No caderno Criação apresentamos o seguinte gráfico.



Nesta edição (figura 19) a matéria chama: “Teatro comemora centenário de Brecht”. Para quem nunca viu suas peças ou nem ouviu falar sobre esse poeta, a matéria resgata sobre a vida, obra e o legado deixado pelo poeta alemão Bertolt Brecht. Explica ainda que suas obras costumam ser representadas no Brasil pelo Grupo Oficina, o qual na década de 70 encenou as peças “Galileu Galilei” e “O Pequeno Burguês”. O jornal explica ainda que Brecht foi um forte crítico da ordem social burguesa, cunhando seus textos no seguimento antiburgues.



Figura 19

Outra matéria que mostra o tipo de abordagem sobre Teatro no Criação é a chamada “Para rir das ‘desgraças de uma criança’” (figura 20). Explica que é uma peça realizada pela Cia. Vitória Régia, a qual segundo a jornalista que escreveu a matéria trata-se de uma Companhia que já tinha apresentado outros trabalhos excelentes.



Figura 20

A peça é uma comédia, que representa uma família que possui um comportamento neurótico e onde todos se mostram bem atrapalhados, no qual tudo é acompanhado pela criança que vivencia passivamente a loucura de todos. O que de certa forma mostra por meio da narração da peça certa representatividade das famílias brasileiras, onde os adultos passam seus problemas, anseios, impressões para as crianças, sendo que muitas vezes são afetadas indiretamente. Mesmo que isso não esteja explícito no texto apresentado, percebe-se que a jornalista deixa o caminho para que essa temática seja pensada pelos leitores.

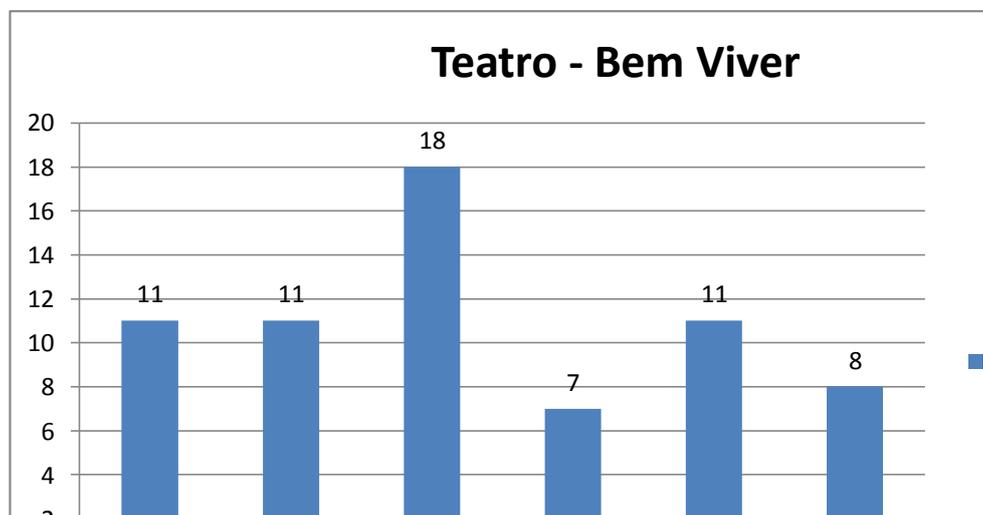
Na edição da figura 21, a chamada é: “Tarô-Bequê só mostra novo visual na boca de cena”. Também é uma peça da Cia. de Teatro Vitória Régia, a qual a jornalista que escreveu a matéria anterior, Elaíze Farias, ressaltou ainda em seu texto: “há 10 anos o grupo vinha brindando o público com as excelentes montagens de “A Maravilhosa História do Sapo Tarô-Bequê”, de Márcio Souza” (trecho extraído da matéria “Para rir das ‘desgraças de uma criança’” (figura 20).



Figura 21

A jornalista Leyla Leong, por sua vez, escreve sobre essa nova roupagem que o grupo está dando a peça, mas que relutam em contar sobre as novidades. Explica ainda que se trata de uma peça inspirada na mitologia indígena do Alto Rio Negro, onde um sapo que sonha em ser gente encontra com o Pai-do-Mato que atende seu pedido e o transforma em gente, o Tarô-Bequê. Desse feito, o sapo, agora como gente enfrenta diversos desafios e aventuras.

Ao que se refere ao caderno Bem Viver, o levantamento quantitativo apresenta-se no seguinte gráfico:



Como mostra o gráfico, no período de seis meses, somente no mês de junho é possível verificar um salto na cobertura jornalística sobre a temática Teatro. Vejamos como se apresenta as matérias relacionadas ao tema, bem como a abordagem que é feita, se somente com caráter noticioso ou se apresenta caráter crítico, reflexivo acerca do evento em que está sendo divulgado.

Na edição representada na figura 22, a matéria traz a chamada “Elaborada delicadeza em monólogo no TA”. Trata-se do monólogo “Ato de Comunhão”, encenado por Gilberto Gawronski no Teatro Amazonas.

Em monólogo no TA

Manaus receberá o aclamado ator e diretor Gilberto Gawronski com o monólogo “Ato de Comunhão” no palco do Teatro Amazonas, nos dias 16 e 17 de junho de 2016, às 20h. Os preços dos ingressos são populares e serão vendidos a R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia-entrada para estudantes e artistas com carteira de identificação). A peça é inadequada para menores de 18 anos.

Em cena, um homem re-lembra três momentos de sua vida: o aniversário de oito anos, a morte da mãe e um jantar bastante peculiar com outro homem que conheceu pela Internet. Livremente baseada em um fato real, conhecido na mídia como a história do “Canibal Alemão”, Gilberto Gawronski leva à cena, com elaborada delicadeza, algumas complexidades perturbadoras da vida contemporânea. Tecnologia, conexão, solidão, instinto e civilização permeiam esta trama verídica, que oscila entre o moderno e o arcaico. “Ninguém vai ver carne no palco”, explica o ator. “Há muita delicadeza artística para passar esta coisa tão sórdida, um fato tão bizarro e atroz”.

O relato feito pelo protagonista, com frieza e meticulosidade, impressiona na performance do ator gaúcho, radicado no Rio de Janeiro. Gawronski desenha traços psicológicos da figura repre-

“Ninguém vai ver carne no palco”, explica o ator e diretor Gilberto Gawronski

O que: Oficina gratuita com Gilberto Gawronski
Quando: Sexta-feira, dia 17 de junho, das 14h às 17h
Inscrições: Currículos e carta de intenção devem ser encaminhados para o e-mail produzindo2011@gmail.com para o preenchimento das vagas.

mentos de significado poético que sofrem transformações líricas no seu uso cênico.

Partido da crônica como gênero literário, a oficina disponibiliza aos atores, dinâmicas que estimulam seu processo de pesquisa e trabalho sobre a palavra oral, as práticas narrativas, o ofício do contador de histórias e seus desdobramentos na performance e na cena teatral contemporânea.

Com carga de três horas, a oficina apresenta a seguinte metodologia: Práticas Narrativas, Múltiplas Relações com as Narrativas, Recursos Disponíveis do Contador de Histórias, Qualidade do Comprometimento do Ator-Narrador, Ritmo e Musicalidade da Palavra, Interações entre Oralidade e Cena, Interações entre Oralidade e Cultura Escrita, paralelos com a escrita de Calvo Fernando Abreu, Lauro Vile, Thornton Wilder.

Figura 22

A matéria é iniciada com as seguintes informações: nome do espetáculo, autor, data, local, horário, preços e recomendação de faixa etária. Logo depois explica que se trata de um espetáculo baseado em um fato real, o caso “Canibal Alemão”.

Porém, não situa o leitor sobre o que foi o caso. Somente utiliza o box “Crime confessado”, onde relata que o tal Canibal foi condenado em 2001, na Alemanha, por ter confessado seu crime, que o leitor não sabe qual foi nem o que foi relatado por ele.

No entanto, o que tem ênfase é o currículo do protagonista da peça, que é o ator e diretor Gilberto Gawronski, e a forma como o mesmo conduz o espetáculo. Bem como a oficina gratuita que irá ministrar durante sua estadia em Manaus.

Na edição representada na figura 23, a matéria traz a chamada “Descobertas do amor – sensações da juventude em peça”.

Teatro Manaus será palco da comédia romântica “Loucamente Apaixonados”, que ficará em cartaz nos dias 17 de setembro (sábado), às 20h e 18 de setembro (domingo), às 18h. O jovem elenco da peça é formado pelos atores Juliana Silveira, Marcos Closato, Yana Sardenberg e Mussunzinho e tem direção de Tiago Santiago. Os ingressos já estão à venda pelo site www.ingresse.com e na bilheteria do teatro, localizado no Piso Buriti, do Manauara Shopping (Av. Mário Ypiranga Monteiro, 1300 - Adrianópolis).

“Loucamente Apaixonados” é uma comédia romântica que aborda sobre a descoberta do amor e do sexo vivenciado pelos quatro jovens. Na peça Lé e Ana são namorados, mas ainda não tiveram o momento de intimidade. A personagem Ana por sua vez, é cheia de dúvidas e medos, já Lé, só pensa na noite de amor especial. Victor, é o noviço da faculdade, ele até faz sucesso com as meninas, mas é todo atrapalhado “na hora H”. Tudo muda ao conhecer Tati, a descolada da turma, que apesar de ser a mais experiente dos quatro, vê sua intimidade exposta na internet por conta de um post inesperado. Por este fato, os dois acabam se encontrando e vivem uma divertida história.

Com texto e direção de Tiago Santiago, o espetáculo, tem como proposta abordar temas atuais de maneira leve e divertida. Quem ajuda a contar e dar vida aos personagens são os atores: Juliana Xavier, Marcos Closato, Yana Sardenberg e Mussunzinho.

O DIRETOR
Tiago Santiago diretor e autor de telenovelas. Iniciou

serviço

O quê: Comédia romântica “Loucamente Apaixonados”

Quando: 17 de setembro (sábado), às 20h e 18 de setembro (domingo), às 18h.

Onde: Teatro Manauara - Piso Buriti - Manauara Shopping

Vendas: na bilheteria do Teatro Manauara e pelo site www.ingresse.com

Quanto: R\$ 40,00 (meia-entrada).

Informações: 3342.8030 e 99193 0405 (whatsapp)

No espetáculo, adolescentes expõem seus desejos e medos quanto à fase



seu currículo como ator em 1977 ao lado de Dina Sfat, com direção de Paulo José, como o Merlin, na peça Seis Personagens à Procura de Autor, de Pirandello. Fez participações em programas na TV Globo, tais como: Caso Verdade, Quarta Nobre e na telenovela Livre para Voar, de Walter Negrão com direção de Wolf Maya. Como autor e roteirista, escreveu diversas minisséries, novelas, peças de teatro e seriados, tais como: Malhação, Promessas de Amor, A Escrava Isaura, Kubanacan, Vamp, O Quinto dos Infernos, Na Mira do Crime, Quatro Amores, Auto de Natal, Apaixonados, entre outros.

Juliana Xavier é atriz, nascida em Brasília, irmã de Ricky Tavares e do também ator e dançarino Dharck Tavares. Com uma família de viciosa artística é ainda sobrinha de Tiago Santiago, com quem já trabalhou na trilogia “Os Mutantes”. Ainda na trilogia, a atriz contracenou com sua tia, a atriz Helena Xavier, durante as três temporadas. Participou das novelas: Rebelde, Promessas de Amor, Os Mutantes, Caminhos do Coração, Bicho do Mato e Jaci.

Marcos Closato é formado em artes cênicas e já realizou alguns trabalhos no teatro, entre eles: “Cada caso por Acaso”, de Luís Fernando Veríssimo, “Mar Morto”, de Jorge Amado, “Homens”, “Alice no País das Maravilhas”, “Atraídos” e “Onde Mora o Amor”. Na TV, atuou como Diego, em Malhação (2007).

OS ATORES
Mussunzinho iniciou a carreira despretensiosamente, aos dez anos de idade. Hoje aos 22 anos, acumula experiências em peças teatrais e em marcantes obras da Teledramaturgia como: “América”, “Salve Jorge”, “Amazônia”, “Caminho das Índias”. Foi apresentador da TV Globinho por 2 anos e também atuou em “Malhação”. No cinema participou do longa-metragem “Didi - O Caçador de Tesouros”.

A proposta da peça é abordar temas atuais de maneira leve e divertida





Figura 23

Da mesma forma que iniciou a matéria da figura anterior (nº 22), esta também começa com o nome do espetáculo, data, local, horário e preços. Traz ainda o Box “Serviço” onde o leitor caso ‘não queira’ ler a matéria completa, tem as informações principais resumidas respondidas a partir dos itens “o quê”, “quando”, “onde”, “vendas”, “quanto”, “informações”.

Diz respeito à comédia romântica “Loucamente apaixonados”, que conta a história de um casal de namorados que ainda não tiveram momentos de intimidade. De acordo com o diretor da peça, o objetivo é abordar temas atuais de maneira leve e divertida.

Outra edição aparece com a chamada “A vida é uma estreia – espetáculo questiona inquietação com a rotina” (figura 24). A peça, intitulada “Parem de falar mal da rotina” é apresentada pela atriz Eliza Lucinda.

LÍDIA FERREIRA
lídia@acritica.com

perfil
Elisa Lucinda

atriz, poeta, roteirista e diretora, nasceu no Espírito Santo, mas morou no Rio de Janeiro. Atua no cinema, no teatro. É autora dos livros “O semelhante”, “Eute amo e suas estreias” e “A fúria da beleza”, dedicados à poesia, bem como “A Menina Transparente” que recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



Foto: Ednaldo

serviço

O que: espetáculo “Parem de falar mal da rotina”

Quando: Sexta e sábado às 20h, e domingo às 19h

Onde: Teatro Amazonas (Av. Eduardo Ribeiro, 659 Centro)

Quanto: R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia)

Inf.: (92) 3232-1768

frase

“Essa é uma peça que encoraja os fracos e fortalece os fortes”

Regina Duarte
ATRIZ

frase

Mais de dois milhões de pessoas já assistiram a montagem, no Brasil e no exterior, da peça que está em cartaz há 14 anos com a atriz Elisa Lucinda

milhões de pessoas, “Parem de falar mal da rotina” já teve temporadas no Rio de Janeiro, Salvador e percorreu quase todas as capitais, além de quase 90 apresentações na Europa. “A arte é um espelho para a nossa vida e essa peça tem uma filosofia popular. Qualquer pessoa, de qualquer idade, vai entender a mensagem. E cada apresentação é diferente, tem gente que já assistiu mais de 10 vezes porque sempre aprende algo novo ou quer levar alguém. Por isso eu digo, vá logo na sexta”, finaliza.

pontaneidade para driblar e questionar a tal rotina. “Vamos desconstruindo o pensamento que ‘rotina é uma m****’. Ué, mas quem faz a sua rotina? Então, quem é o problema nessa história?”, diz aos risos.

A inquietude dela com o incômodo das pessoas sobre o tema foi a fonte para a atriz escrever o roteiro, no início dos anos 2000. “Quando saquei o inédito, enxerguei um elogio ao cotidiano. Eslava com vontade de fazer algo diferente, que quebrasse essa ideia ruim do dia a dia”, conta. “Por exemplo, tem uma personagem que fala dos ‘aniversários macabros’, tipo ‘faz 10 anos que não beijei’, ‘faz dez anos que não dançei... mas gente, que isso? Acaba com isso, vai beijar, vai dançar”, comenta. Assistida por mais de dois

Figura 24

A matéria explica que a peça está há 14 anos em cartaz e ao entrevistar a atriz e diretora da peça, Eliza Lucinda, traz a tona o debate acerca do cotidiano das pessoas, onde diz buscar desmistificar a ideia que a rotina é algo ruim, mas que é possível construir não uma rotina, mas cada dia como sendo único.

O material apresenta ainda o perfil da atriz, o quantitativo do público que já assistiu à peça e os locais por onde passou. Bem como destaca uma frase de Regina Duarte como um incentivo para chamar a atenção do leitor a ir assistir a peça: “Essa é uma peça que encoraja os fracos e fortalece os fortes”. E ao final apresenta também um Box de serviço. O que se tornou um modelo adotado no fazer jornalístico desse periódico.

Portanto, diante da cobertura jornalística sobre Teatro de ambos os cadernos, podemos verificar que no caderno Criação, à época, os jornalistas tinham abertura e maior participação na feitura das produções de matérias de um modo geral, pois como demonstra a matéria “Teatro comemora centenário de Brecht” ou ainda “Tarô-Bequê só mostra novo visual na boca de cena”, mesmo que muitas vezes de forma tímida, os jornalistas tem inserção de forma opinativa no texto, pois como lembra José Salvador Faro (2012), o Jornalismo Cultural sempre teve na hierarquia da centralidade autoral sua fonte de credibilidade e de prestígio junto ao público, porém vem sendo enfraquecido enquanto atividade intelectual, aparecendo somente como um “serviço cultural”.

Além disso, a partir de uma colocação de Elaíze Farias, é nítido que à época o caderno Criação também teve participação relevante no sentido de pautar alguns eventos culturais que mais tarde se tornaram de peso na agenda cultural do governo do Estado, como o Festival de Ópera.

Nesta produção de conteúdo, fazíamos entrevistas com os autores, com os produtores culturais e os artistas. Também escrevíamos resenhas e, dependendo da importância, uma cobertura mais extensiva dos espetáculos. Um destes espetáculos foi o Festival Amazonas de Ópera, cuja primeira edição ocorreu em 1996, ainda sem a participação do governo do Estado. Tratou-se de um evento promovido por um músico polonês, Michael Jelden, um visionário que se arriscou a produzir um festival de música lírica no Teatro Amazonas sem apoio algum do governo. Demos plena cobertura para o evento. No ano seguinte, o festival foi incorporado à agenda cultural do Estado, já com patrocínio público, tendo em vista a receptividade que a primeira edição conquistou, apesar das dificuldades. Na mesma época, foi criada a Amazonas Filarmônica e, desde o princípio, o Criação deu total espaço e visibilidade para a orquestra e seus músicos, a maioria vindos do leste europeu.

Se antes algumas informações apareciam no Criação como secundárias, no Bem Viver esse valor se inverteu. Um exemplo são as informações sobre data, local, horário e preço, onde no Criação faziam o fechamento da matéria. Agora se tornou crucial na abertura das matérias no caso do Bem Viver. Isso porque o primeiro parágrafo (lead) condensa todas as informações tidas como relevantes para o leitor num só local, tendo a ideia de ser um facilitador, onde a informação principal em que tange dizer o que se trata a peça, o que inspira o autor e o elenco, o que norteia de fato o contexto da peça não é mais importante para ser pensado do que vender a agenda daquele espetáculo.

A maior parte do jornalismo cultural, sobretudo em jornais impressos, não é nem curatorial, nem crítico: simplesmente se limita a descrever um objeto (por exemplo, uma montagem teatral) e não raro informa mal o leitor sobre o que está em jogo. O que fazem é ‘serviço cultural’, nada mais. [...] (FARO, 2012, p. 10).

Um exemplo que podemos utilizar para ilustrar essa análise é a matéria “A vida é uma estreia – espetáculo questiona inquietação com a rotina” (figura 24), onde mesmo com o tema “cotidiano”, “rotina”, um tema rico para propiciar um debate acerca dele, não há em nenhum momento a presença do jornalista ao que tange suscitar uma reflexão, mas ele simplesmente descreve o objeto, no caso a montagem teatral, para utilizar as palavras de Faro (2012).

Ainda fazendo uso da colocação de Faro, também podemos citar outra matéria que se desenvolve nesses moldes: “Elaborada delicadeza em monólogo no TA”. Quando na matéria cita de forma indireta de onde vem a ideia da peça, mas não situa o leitor, ou seja, informa mal o leitor sobre o que está em jogo.

Isso nos remete à crítica tecida por Wellington Pereira (2006) sobre o jornalismo cultural brasileiro, o qual afirma ser essa prática em síntese a mercadoria cultural. Ele ainda vai além e destaca que o jornalismo cultural puramente informativo faz da cultura um grande espetáculo, sendo os mesmos organizados e divulgados para o consumo.

[...] um concerto de música clássica ou uma peça de teatro são noticiados numa perspectiva do “novo” [...] Por isso, nos cadernos culturais, “mostrar produção de eventos” é mais importante do que interpretar as nuances de cada forma artístico-cultural (apud BALLERINI, 2015, p. 45).

O que resume esse jornalismo especializado em ser meramente um ‘serviço cultural’ pretencioso, o qual estimula o público ao consumo, não do produto enquanto um bem cultural, mas como consumir um evento, como forma de entretenimento, tal que esses sejam uma maneira de descontração da sociedade. Ou seja, interpretando e levando o produto cultural à condição de mera mercadoria reificada e fetichizada, pela qual a sociedade não precisa refletir sobre os eventos culturais, mas simplesmente tê-los como produto onde seu prazo de validade se encerra junto com o espetáculo.

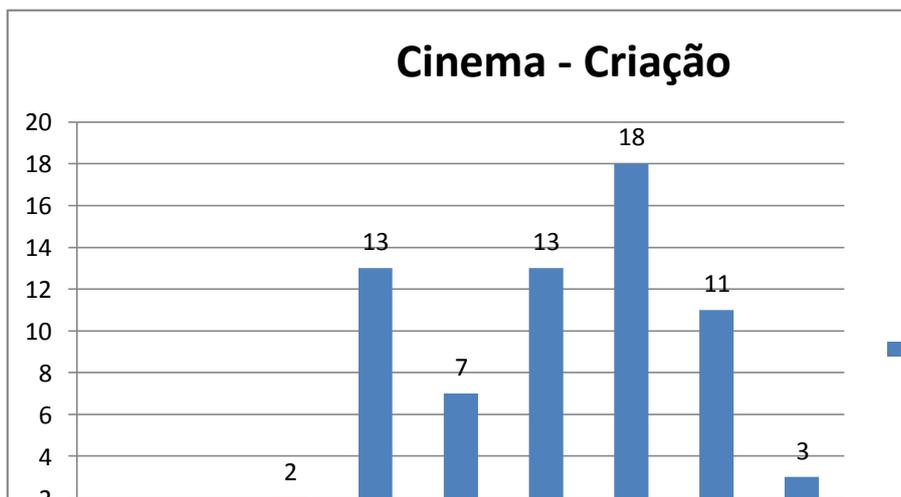
3.2.4 Cinema

Desde o século 20 o cinema vem conquistando espaço e cada vez mais público, principalmente nos novos moldes: salas amplas, climatizadas, boa acústica, as tecnologias que possibilitam parecer cada vez mais real os elementos do filme, e ainda com a possibilidade de atendimento *vip*. Nota-se que diante de tantas atrações, não a toa foi eleito “a arte do século 20” por ocupar largo espaço na imprensa, gerar uma grande quantia de recursos financeiros e conquistar cada vez mais adeptos.

Quando o cinema nasce, a imprensa passa a fazer cobertura para o que era desenvolvido. Segundo a pesquisa de Ballerini (2015) foi a imprensa que ajudou a concretizar as inovações técnicas que foram aprimorando o cinema do século 19 para o século 20.

Os cineclubes foram importantes para a propagação dos críticos e veículos especializados em cinema. Sendo esses fundamentais para o desenvolvimento do

cinema brasileiro, principalmente após o chamado Cinema Novo, devido o alinhamento entre críticos e cineastas, que por diversas vezes chegava a ser a mesma pessoa. E esse mesmo cinema, a partir de 1970, torna-se uma espécie de “guia de consulta rápida”, trazendo resenhas e classificações taxativas sobre a produção cinematográfica. Vejamos o quantitativo de matérias sobre Cinema no caderno Criação:



A matéria intitulada “Veja este filme antes que saia” (figura 25) traz desde o título uma chamada, ou quase um alerta, para o público.



Figura 25

Na realidade trata-se de uma crítica sobre a importância de alguns filmes nacionais, mas que não receberam a devida atenção do público. Um caso citado é o filme “Lamarca”, de Sérgio Rezende, o qual recebeu um baixo público nas salas de cinema local, como mostra o trecho da figura 26.

do que "Lamarca" conseguiu.
 Mas não deixa de ser cons-
 trangedor ver a sala tão bom,
 diante de um filme tão bom,
 com o conforto adicional de não
 ser preciso ler legendas ou ouvir
 dublagem mal feita. Com um
 trecho até agora obscuro da re-
 cente história do país — a luta
 armada contra a truculência do
 regime militar dos anos 60 e 70
 — Sérgio Rezende construiu
 uma pequena obra-prima.
 Sem entrar no mérito do fa-

Figura 26

Além de discorrer reflexão acerca desses filmes, o jornalista faz análise do panorama de divulgação e recepção dessas produções. Bem como aposta também na colocação dos cinéfilos, os quais ressaltam que a crítica tinha começado a elogiar as produções brasileiras, o que servia como incentivo para ser bem recepcionadas pelo público, tendo como principal argumento que “os filmes brasileiros promovem reflexão”. Em um trecho da matéria, destaca um pensamento crítico de seu entrevistado (figura 27). E fecha a matéria com a indicação de uma programação musical que tem como base o filme “Máquina do Tempo”.

“Após países” diz ele.
 Para Gerald Langbeck, o
 brasileiro em prestígio seu
 próprio cinema é mais preocu-
 pado. Peralmente incentivado
 pelo país de que filmes brasi-
 leiros e os encunhamentos, sin-
 chadas feitas nos anos 70
 “Mesmo assim Estados do sul
 do país ainda respitam mais
 do que o Norte”.

Figura 27

O segundo exemplo vem com o artigo de capa intitulado “A última (e triste) sessão de cinema” (figura 28 e 29).



Figura 28



Figura 29

O artigo é escrito pelo artista plástico de Itacoatiara, Thyrono Munhóz. O artista descreve a história do cinema em sua cidade, entre eles o Cine Alvorada, que aparece como gravura cunhada pelo próprio autor. Além disso, tece crítica que aquela cidade não conta com mais nenhum cinema e se tornou refém das emissoras de TV.

O artista se dedica a pesquisar a história dos cinemas do interior. Seu interesse pelo assunto vem de família, onde é filho de um ex-integrante do Grupo de Estudos Cinematográficos.

Em um terceiro exemplo de cobertura jornalística encontramos na matéria de capa “A Selva – filme se submete ao teste do tempo” (figura 30).



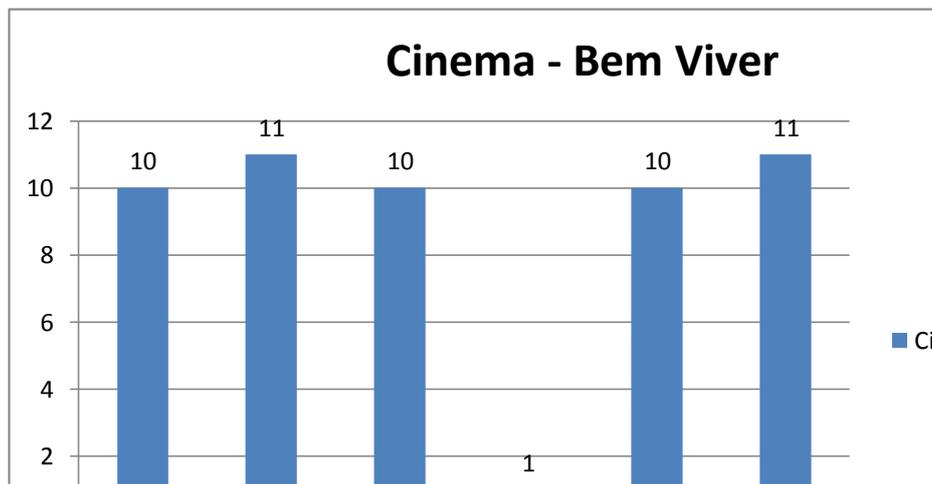
Figura 30



Figura 31

A matéria traz à tona as nuances acerca do filme, dirigido por Márcio Souza. O filme foi baseado em um livro escrito por Ferreira de Castro durante viagem ao Amazonas. Posto sob avaliação dos mais conceituados intelectuais, como Renan Freitas Pinto, Ednei Azancóth, e Joaquim Marinho, os três se mostram grandes defensores do filme “A Selva”, os quais afirmam o filme ter mais qualidades que defeitos, como mostra a matéria na figura 31.

Por conseguinte, vejamos o gráfico que demonstra o quantitativo do caderno Bem Viver ainda sobre cinema.



Começaremos com a matéria “Além do octógono – desafio pessoal conduz enredo” (figuras 32, 33, 34).



Figura 32

LÉIA FERREIRA
lfa@zicm.com

Os holofotes estão em cima do José Aldo, não só pela proximidade da luta para recuperar o cinturão no próximo dia 9 de julho, mas também pela estreia de “Mais forte que o mundo – a história de José Aldo”, em cartaz em todos os cinemas de Manaus. Drama, romance e excelentes cenas de luta marcam a cinebiografia produzida e dirigida por Afonso Poyart.

O início da trama retrata a adolescência de José Aldo em Manaus, com poucas imagens da cidade e vocabulário distante do “amazônês”, como gírias como “minha mina”, por exemplo, mas compensada pela brilhante atuação de Jackson Antunes como pai de José Aldo e do próprio protagonista José Loreto. Mesmo com perfil físico diferente do lutador, Loreto conseguiu imprimir o jeito ora tímido, ora agressivo de Aldo, sua forma de falar, além da linguagem corporal do atleta nas lutas. *As cenas do holofote são...*

blog
Josi Oliveira
IRMÃ DE JOSÉ ALDO

“Passa um filme na minha mente, por eu ser mais velha que ele. Quando ele era menino, ele dizia que o sonho dele era viajar e ver o mar, e eu achava que isso era impossível de acontecer. A primeira vez que ele foi ao Rio ele trouxe as conchinhas do mar e a água na garrafinha PET para mostrar que ele foi lá, quando ele tinha uns 15 anos, mais ou menos. Eu estou emocionada com esse filme e é gratificante, principalmente porque este mês faz seis anos que o nosso pai faleceu, no dia 30 de junho. Além disso, ele já vai lutar em breve. Então, é um mix de emoções”.

Recado
José Aldo mandou um recado para quem foi à sessão especial

ESTREIA
Em Manaus, a estrela contou com uma sessão exclusiva para os familiares e amigos no Cine Araújo, no shopping Via Norte. A mãe Rocilene, as irmãs e o primeiro treinador, Márcio Pontes, estiveram presentes. “Nós vimos na pré-estrela juntos. Foi muito emocionante, nós choramos muito juntos no final. Todas as cenas são muito importantes para mim. É difícil até falar de uma. Mas quando ele luta com a consciência dele me marcou muito. Ele extravasava os sentimentos dele nos treinos, o sofrimento dele que ele não fala para ninguém, sempre foi assim”, comenta a mãe.

Figura 33

físico diferente do lutador, Loreto conseguiu imprimir o jeito ora tímido, ora agressivo de Aldo, sua forma de falar, além da linguagem corporal do atleta nas lutas. As cenas de briga são para surpreender qualquer espectador de filme de ação brasileiro.

Outro ponto forte é a dosagem emocional na melida que Loreto e Antunes colocaram nos conflitos entre pai e filho, um misto de revolta, mágoa e amor. É fácil identificar um caboclo amazônico na interpretação de Jackson Antunes, um pai de família marcado pelo alcoolismo e pela violência doméstica, mas que, ainda sim, ama seus filhos e tenta apoiá-los. Entre momentos marcantes está a morte do pai e quando Aldo sofre o acidente que causou a cicatriz no rosto dele.

A maior parte do filme se passa já no Rio de Janeiro, fase em que Aldo começou a treinar profissionalmente, conhece seu treinador e a esposa Vivi (Cléo Pires). As primeiras vitórias e a primeira derrota são retratadas no filme que foca no garoto de vida humilde que superou de tudo um pouco em busca de um sonho.

Então, é um mix de emoções”.

Figura 34

Uma matéria que podemos chamar de “clássica” da cobertura jornalística contemporânea. Trata sobre o filme de um lutador amazonense que ganhou os holofotes nos últimos anos devido ser bom no ringue. E agora ganha uma homenagem com a produção de um filme sobre sua vida.

Diante dessa amostragem, verifica-se que houve uma transformação/ruptura nos modos ao que tange a cobertura cultural sobre o cinema do caderno Criação para o Bem Viver. Isso porque quando no Criação ainda era realizada uma construção reflexiva acerca de determinado filme, como é o caso do “A Selva”, onde aparecem intelectuais que avaliam o produto; há contextualização sobre o tema trabalhado nos filmes; o cinema aparece no tempo e espaço da história; a crítica reflexiva sobre as produções de filmes nacionais à época; assim como a participação de artistas por meio de artigos que não permitem a morte da história do cinema local.

Essa prática, em especial na matéria sobre o filme “A Selva”, nos remete ao que Jean-Claude Bernardet (1978) defende de que uma boa crítica explora as tensões de uma obra, onde o jornalista cultural desenvolve o papel de observador de uma obra e a analisa mostrando os diversos pontos que a interferem, juntamente com a época a que está ligada e as transformações em que nela implicam.

Cinema era um dos assuntos de nossas pautas. Fazíamos matérias sobre estreias de filmes, mas não apenas isso. Produzíamos reportagens sobre fatos curiosos que envolviam a história do cinema, dos atores/atrizes e dos diretores. Era uma forma de atrair o interesse do leitor para uma matéria que fugia do senso comum e de passar informação complementar. Cinema sempre foi um dos meus temas prediletos (eu tinha/tenho muitos livros sobre o assunto e era uma cinéfila) (Entrevista cedida por Elaíze Farias 2017).

O que resgata claramente como foi conduzida a reportagem sobre o filme “A Selva”, onde o jornalista a construiu com embasamento histórico e se apropriou de intelectuais para debater sobre a qualidade do filme como um produto cultural importante para a história da Amazônia.

Por outro lado, no Bem Viver o que prevalece é a divulgação de filmes nos chamados cinemas convencionais, os locados nos grandes centros de compras; os grandes eventos de cinema no mundo, como o Oscar, Festival de Cannes, etc.; a estreia de grandes filmes (diga-se em sua maioria de Hollywood); a vida e trabalho dos artistas que atuam nos cinemas; e assim segue.

Como visto durante a explanação das matérias, o Bem Viver investe em uma cobertura cultural sobre o cinema de uma maneira mais contemporânea, o que significa divulgar o que ocorre no mundo do cinema sem precisar refletir sobre o que está sendo tratado na conjuntura daquele produto, ou seja, importando apenas as informações básicas sobre o mais novo entretenimento que está sendo lançado no mercado.

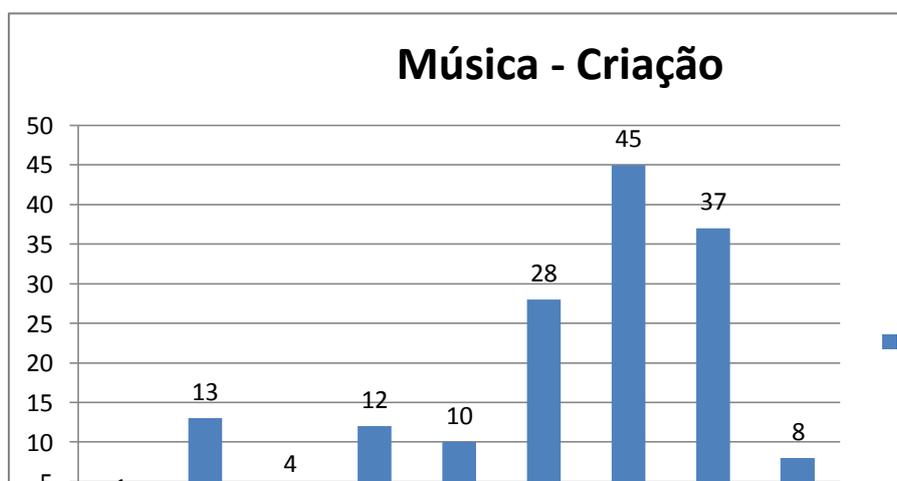
Afinal, na perspectiva da esteira mercadológica vale tudo para atrair o público e ‘vender’ a ideia do novo produto. Porém, apesar de o jornalista que escreveu a matéria “‘Pequeno segredo’ é a escolha do Brasil para o Oscar” buscou fazer uma abordagem sob perspectiva mais contextualizada, ainda assim não passou da simples análise.

Nesse caso, é relevante a colocação de Matinas Suzuki Jr. (1986) sobre a importância dos cadernos culturais enquanto forma ativa de interferência nas direções das produções culturais, pois ele afirma que este deve se inserir não apenas como um assimilador passivo da produção que divulga, mas deve agir como um espaço que instaure novas questões culturais, pensamentos, debates acerca dessas produções.

Além disso, concordamos com Maria Hirszman (2007) sobre a relevância da crítica, onde afirma que uma sociedade ou época sem crítica de arte é como se estivesse fora do mundo, pois é através dela que é possível entender os ideais de cada tempo e saber o que se projeta para o futuro.

3.2.5 Música

Assim como as demais artes, não só, mas principalmente com o advento da internet, a música também tem sofrido impacto em suas produções. Atualmente, com essas metamorfoses do mundo globalizado e com acesso facilitado por meio da internet, o mundo da música também se modificou tanto no segmento da produção quanto da cobertura jornalística, a qual precisa acompanhar a dinâmica desse mercado e as inovações tecnológicas. Vejamos então essa cobertura no caderno Criação de 1991 a 1999.



Com base no gráfico, veremos uma amostra de como se davam essas produções no caderno Criação. A primeira matéria analisada aparece na capa com a chamada “Cássia Eller – Veneno Vivo”.



Figura 37

Trata-se de uma matéria sobre o lançamento do novo disco de Cássia Eller, Veneno Vivo. A jornalista divulga o lançamento sob uma perspectiva em que consegue informar e ao mesmo tempo estar inserida no texto, sem parecer, tal como no trecho “mas o legal mesmo fica por conta dos instrumentos de percussão [...]”.

Apesar de se tratar de um material produzido por telefone, percebe-se que a jornalista conseguiu extrair muito ao que tange o lado pessoal, lê-se modo tímido, da cantora Cássia Eller. Além disso, também consegue contextualizar essa produção com as demais e fazer paralelos sem minimizar nenhuma obra da cantora, como mostra a matéria nas figuras 38 e 39.

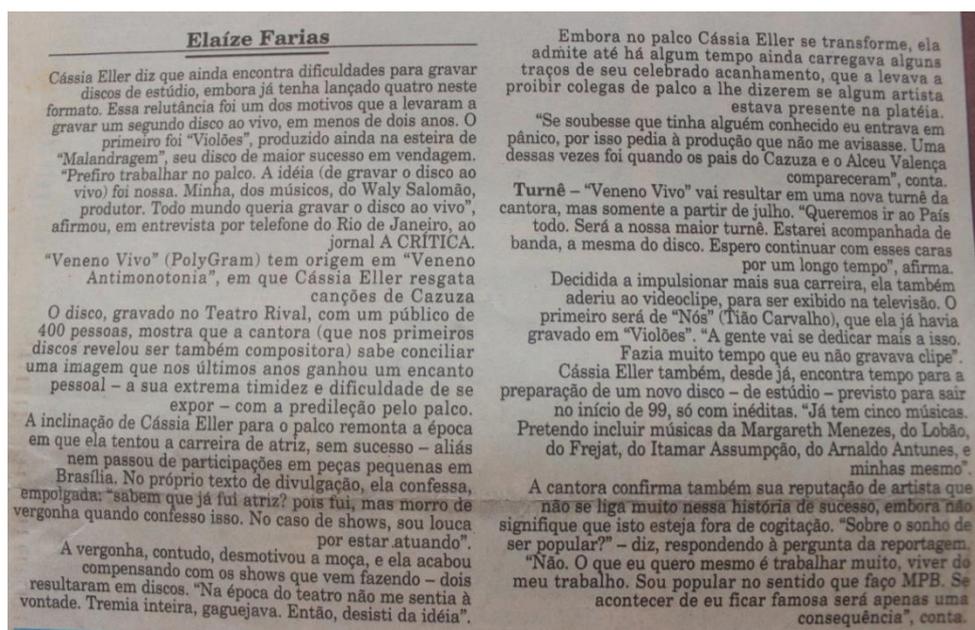


Figura 38

Disco contém 'batuque' e lamento cigano

"Veneno Vivo" foi gravado em um teatro pequeno, mas a presença da banda foi capaz de dar grandiosidade ao trabalho. Ao contrário do disco ao vivo anterior, onde Cássia Eller (no violão), era acompanhada apenas de mais dois músicos, neste novo trabalho ela arregimentou uma banda com sete instrumentistas, entre eles, os dois que a acompanhavam nos trabalhos anteriores e outros como convidados especiais.

Alguns músicos se encarregam de dar o lado "batuque" ao repertório, a maioria composta por rock - cinco, de Cazusa. A própria Cássia toca cavaquinho e violão nas faixas. Mas o legal mesmo fica por conta dos instrumentos de percussão, a cargo de LanLan, co-autora da faixa inédita "Amor Destramelhado".

Em "Veneno Vivo", Cássia não limitou-se ao repertório de Cazusa, a quem dedicou o disco anterior, "Veneno Antimonotonia". Do disco-homenagem ela trouxe apenas "Brasil", "Obrigado (Por Ter se Mandado)", "Billy Negão", "Todo Amor Que Houver Nessa Vida" e

"Faça o Que Quiser", escritas em parceria.

Das "novatas", ela selecionou "Vida Bandida", de Lobão e Bernardo Vilhena, a linda "Farrapo Humano", de Luiz Melodia, "Nós", de Tião Carvalho, "Geração Coca-Cola", de Renato Russo, e "Todas as Mulheres do Mundo", de Rita Lee.

Das três inéditas, a mais sintomática na carreira da cantora é "Eu Queria Ser Cássia Eller", de Péricles Cavalcante, escrita logo após o compositor conhecê-la pessoalmente após um show. "Ele nunca havia assistido um show meu. Uma vez ele foi me ver e depois me visitou no camarim. Assim que me conheceu viu que eu era muito diferente daquela moça no palco. Viu que eu era tímida, insegura. E foi assim que ele resolveu fazer uma música sobre mim".

A outra inédita é "Faça o Que Quiser Fazer", de Felipe Cambraia, Lúcio Kropp e Fábio Allman, do grupo carioca A Bruxa.

Por fim, apaixonada pelo cantor e compositor espanhol, Camarón de la Isla, ela decidiu homenagear o

moço, cantando trechos de duas músicas dele: "Mis Penas Lloraba Yo" e "Soy Gitano", com ela interpretando à maneira cigana, com a voz rouca e tudo. Camarón é contemporâneo dos Rolling Stones, Jimi Hendrix e Pink Floyd.

A capa do CD merece comentário à parte. Mas a coisa é simples, apesar dos comentários que já surgiram sobre a concepção visual. "Cara, todo mundo está tendo uma interpretação diferente. Uns disseram que parece uma capa de um disco do Lou Reed. Parece mesmo, mas a história é outra", conta.

Segundo Cássia, a ideia nasceu durante um dos shows de "Veneno Antimonotonia", onde ela aparecia maquiada da mesma maneira que saiu em "Veneno Vivo". Algumas fotografias de produção saíram desfocadas e acabaram caindo nas graças de Waly Salomão, que sugeriu que algumas fotos fossem produzidas da mesma maneira. "Fizemos umas fotos parecidas e surgiu daí a capa". O estojo do CD traz também uma reprodução do quadro "Urutu", de Tarsila do Amaral.(EF)

Figura 39

A segunda edição analisada traz duas matérias na capa como secundárias. Uma é intitulada "Carnaval nordestino no sambódromo", conforme a figura 40 abaixo.

Elza Farias

O show "O Grande Encontro", que reúne quatro velhos companheiros de estrada, levou mais de 10 mil pessoas ao Centro de Convenções, o Sambódromo, no último sábado, dia 3.

A apresentação de Elba Ramalho, Alceu Valença, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo aconteceu na "Terradora" do Sambódromo, que abrange duas arquibancadas, os camarotes e o terreiro. O palco foi instalado no meio da pista.

"O Grande Encontro" é um projeto que começou no início do ano passado, quando Elba, Alceu, Geraldo e Zé decidiram trabalhar juntos, cantando ao vivo. Até aquele momento, os quatro jamais haviam se apresentado juntos. Da primeira fase da turnê, nasceu o disco "O Grande Encontro", que leva 16 faixas.

Muitas das canções interpretadas no show em Manaus não estão no disco, principalmente as inéditas que os artistas reservam para seus próximos trabalhos solos.

Música inédita, por razões óbvias, é a menos apreciada num show para grande plateia. Mas os quatro souberam encaixá-las em meio aos hits, sem deixar a público perder o entusiasmo.

Vestida com um top e uma calça preta esvoaçante, Elba Ramalho abriu o show, com uma música pouco conhecida do público, mas se impôs com sua forte presença no palco. Sua voz espectacular levantou os ânimos da plateia, que já estava impaciente com o atraso de meia hora.

Cada artista serviu de mestre de cerimônia para os que vinham em seguida: Elba apresentou Alceu, que entrou cantando "Asa Branca"; depois veio Zé Ramalho, surpreendendo com a panelleira "Cidadão". Por último entrou Geraldo Azevedo.

O espetáculo alternou apresentações solo, duo e quarteto.

"Sabá", de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, foi a primeira, para em seguida cada um cantar entre quatro a cinco canções.

Em plena forma, Alceu Valença foi o que mais mexeu com a plateia, interpretando seus maiores hits, como "Morena Tropicana", "Como Dois Animais", "La Belle De Jour" e "Pelas Ruas Onde Andei".

Outro ponto a favor de Alceu foi sua simpatia conquistando o público, quando, por exemplo, num duo com Elba, a corda de seu violão se soltou. O incidente não foi suficiente para Alceu deixar de cantar, improvisando um repente com Elba, enquanto a corda era consertada rapidamente.



Elba Ramalho

Alceu deve vir a Manaus novamente em julho ou agosto, no lançamento do novo disco, previsto para sair em junho, segundo um dos promotores do show em Manaus, Reinaldo Ossami.

Zé Ramalho veio em seguida, abrindo com "Vila Sossogo" e pedindo colaboração do público na hora do coro. O plateia fez o que pôde, mas não conseguiu interpretar o difícil refrão.

A coisa engrenou com "Avohã" e "Admirável Gado Novo", e também com a bela "Trem das Sete", de Raul Seixas. O único deslize foi a versão meio brega em português de "Knockin at the Heaven's Door", de Bob Dylan, com Zé Ramalho cantando "Bate, Bate, Bate...".

Anunciada como "a nossa rainha", Elba Ramalho mostrou que sua performance é muito melhor ao vivo que em gravação. Sua voz grave se encarregou de promover o lado sentimental do show, cantando músicas como "Veja Você (Margarida)", balada de Vital Farias.

Geraldo Azevedo, dos quatro o mais frequente a se apresentar nos palcos de Manaus, preferiu não arriscar, tocando aquelas que ele sabe serem as preferidas do pessoal, como "Moça Bonita" e "Táxi Lunar".

Em mais de duas horas de show, os quatro não poderiam fechar de maneira mais empolgada. No bis, fizeram um carnaval nordestino com Elba Ramalho abrindo com "Banho de Chero" e encerrando com "Frevo Mulher".

David Assayag - A ideia de fazer um show de encerramento com artistas locais não foi tão boa. David Assayag não precisava mostrar que tem voz para qualquer estilo musical, selecionando um repertório que trazia somente baladas.

No momento em que entrou, quase metade do público já havia ido embora, e os que ficaram ouviram David cantar *standards* da MPB, como "Furça Estranha", de Caetano Veloso, mas famosa na voz de Roberto Carlos, e "Travessia", de Milton Nascimento.

Depois de mais de uma hora de show, David Assayag cedeu lugar para o grupo Canto da Mata, que não inovou, preferindo tocar músicas de hoi-bumbá para as cerca de três mil pessoas que permaneceram no sambódromo.

Figura 40

A primeira matéria vem numa seção denominada “Show/Opinião”. Nela, a jornalista relata sobre o show do grupo Grande Encontro que aconteceu em Manaus. Em linhas gerais, a jornalista retrata sobre os considerados pontos positivos e negativos dos artistas durante o show, o modo como se portavam diante do público, e a lista de música que fora cantada, bem como das músicas que eram desconhecidas, o que causava certo transtorno para o grande público.

A outra matéria é “Samba para gringo ‘atravessa’, mas não perde a cadência” (figura 41).



Figura 41

A matéria diz respeito ao grupo musical chamado de Atravessados, onde seus componentes são brasileiros, inclusive um é amazonense, que moram nos Estados Unidos e acabaram conquistando espaço a partir do samba tipicamente brasileiro. Nessa matéria a jornalista também consegue realizar uma avaliação, mesmo que tímida, sobre o disco que está sendo lançado.

E a terceira dessa série de análise tem como título “Raízes lança seu novo CD em programa no Studio 5”.



Figura 24

Numa primeira leitura percebe-se que se trata de uma matéria de serviço, onde está sendo divulgado o lançamento de um novo CD do grupo musical Raizes Caboclas. Porém, com um pouco mais de atenção podemos visualizar a presença da jornalista, onde realiza análise sobre o disco e descreve as transformações das características do grupo musical amazense (figura 43).

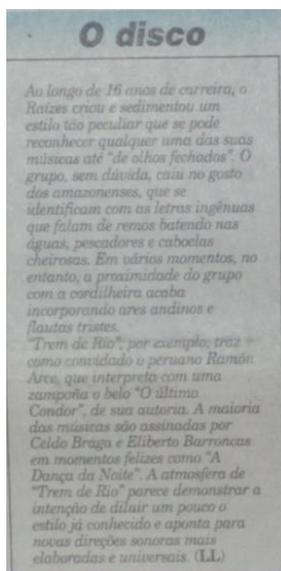
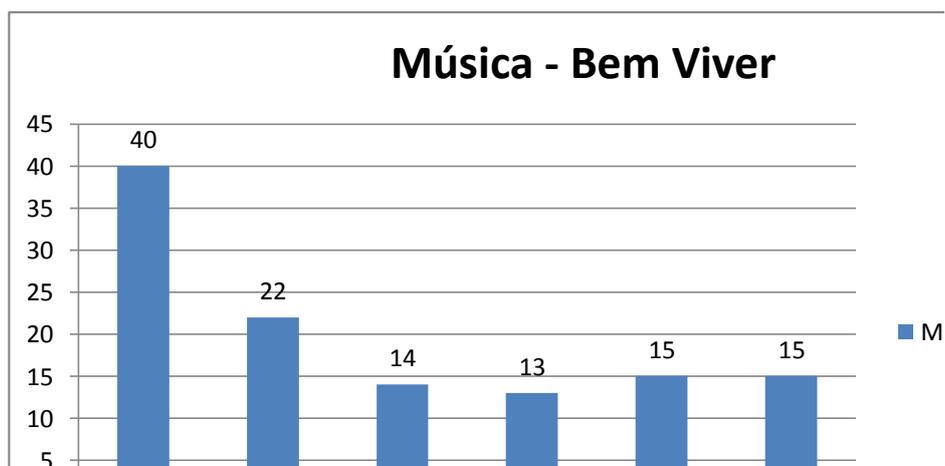


Figura 43

Assim, partimos para o caderno Bem Viver e vemos o gráfico com a representação do quantitativo sobre essa arte no caderno.



A primeira matéria “Anavítória – Da Amazônia para todo o Brasil”, relata sobre a dupla de cantoras do Estado de Tocantins que ‘estouraram’ na Internet, estão fazendo sucesso e irão se apresentar em Manaus. Conta um breve resumo da carreira das cantoras, o apadrinhamento por um cantor já com fama e faz também uma breve entrevista pingue-pongue com as artistas.



Figura 44

MARIA PAULA SANTOS
@maria_paula_santos

A dupla tocantinese de Anapuina "Anavítoria" é sucesso nas redes sociais e se destacou pelo estilo diferente, simples e suave de fazer música. Apadrinhadas por Tiago Lore elas estouraram rapidamente na internet com hits como "Singular" e "Chamego Meu", iniciando agora a divulgação de seu primeiro disco junto da turnê nacional.

O show na capital amazonense está marcado para o dia 21 de outubro no Teatro Manausara e, com ingressos já esgotados, promete ser um grande sucesso.

Os som das meninas é marcado pelo "pop rural", navegando entre estilos, detacando suas músicas autorais e covers atrativos de se ouvir. A dupla é formada por Ana Caetano, 21, e Vitória Facão, 20, que se completam musicalmente e se conhecem desde a colégio.

"É nossa primeira vez af. Pelo que ficamos sabendo, a recepção de Manaus é muito gostosa! Com certeza vai ser lindo. Estamos cheias de vontade de conhecer vocês!", disse Vitória.

"Comecei a escrever bem tarde, bem de nada, não é algo que tenho

minha primeira música para um festival de composições da escola e depois disso, virou parte minha, não parei mais", disse Ana ao relembrar que seus maiores sucessos se deram através de suas com posições autorais.

FAMA
"Quando comecei a compor, escrevia só sobre as coisas que eu vivia ou sentia. Sou libiana, sempre fui muito apaixonada e dramática (risos). Aumento mil vezes uma história. Hoje em dia estou experimentando escrever

sobre histórias aleatórias e tem dado certo", complementa Ana.

O sucesso das garotas é tanto que o destaque do CD é sua forma de produção, através de doações dos fãs no Catarse - rede de financiamento coletivo virtual. As meninas conseguiram o suficiente do Brasil inteiro para hoje realizar um show: "Através de uma pré-venda do disco, conseguimos o dinheiro. Foi bonito e bem surpreendente! Não esperávamos que as pessoas abraçassem tanto a nossa proposta! Os fãs-clubes fizeram uma campanha fantástica! Conseguimos arrecadar além da meta... Passou tão rápido! Quando percebemos, já estávamos dentro do estúdio gravando o disco", relatou Vitória.

CONSTRUIR CAMINHOS
A relação com Tiago Lore se deu quando tiveram a ideia de gravar um vídeo cantando uma das músicas do artista para sua equipe, e o que antes era apenas para Tiago achar "legal" se tornou em uma parceria e produção tão grande que Tiago inclusive toca e canta junto às meninas no álbum.

"Não tínhamos essa expectativa, era só para ele achar bonito", afirma Ana.

Saiba +
Sobre a dupla
Ana cursava Medicina e Vitória Teatro. Ambas cresceram cercadas de arte e música em suas casas. Se conheceram no colégio através de uma amiga em comum e passaram então a se reunir para cantar juntas, da amizade nasceu a dupla que começou a gravar e postar vídeos de covers e autorais no Youtube e estouraram rapidamente.

Seu público alvo era o da internet, com mais de oito milhões de visualizações no Youtube e 270 mil seguidores. Agora elas começam a sair das telas dos computadores e smartphones para os palcos e a ter a primeira experiência com o público cara a cara. E as meninas parecem estar curtindo essa experiência. "É muito massa! Fizemos alguns shows até agora e a resposta está tão linda! Não tem frio na barriga melhor do que a do público no palco." disseram.

três perguntas
Anavítoria
Qual música vocês mais gostam do CD?
Somos suspeltas, amamos todas as músicas do disco! Mas temos um carinho especial por "Agora Eu Quero Ir".

Como e trabalhar com Tiago Lore e serem apadrinhadas por ele?
Tiago é um bom. Colocou muito amor e vontade nesse projeto. Ele soma muito no nosso aprendizado e nossa sintonia é massa!

Qual a reação de vocês ao saber que ficaram entre os 50 melhores do Spotify?
A nossa reação é sempre não ter reação nenhuma e ficar igual bo-

O 'padrinho' famoso
integrou "Malhação" em 2007, e a releitura de "What A Wonderful World", na novela "Sete Vidas". Ele é cada vez mais reverenciado na cena musical brasileira.

Padrinho de Anavítoria participou do álbum, inclusive chegou a tocar em várias faixas e cantando em "Trevo/Tu".

A leveza da voz de Tiago Lore tem plateia cativa por todo o Brasil. Com show marcado para o dia 7 de outubro em Manaus é quase todos os ingressos esgotados, é conhecido inicialmente por músicas iniciadas nas trilhas sonoras de novelas como "Nothing But a Song", que

ba assistindo as coisas acontecendo. É muito lindo ver algo que fazemos com tanto amor fazendo sentido pra tanta gente.

ba assistindo as coisas acontecendo. É muito lindo ver algo que fazemos com tanto amor fazendo sentido pra tanta gente.

ba assistindo as coisas acontecendo. É muito lindo ver algo que fazemos com tanto amor fazendo sentido pra tanta gente.

Figura 45

A segunda matéria diz respeito ao show que cantores amazonenses realizarão como participação do projeto Tacacá na Bossa. Trata-se de um projeto idealizados pelo Governo do Amazonas com o intuito de levar acesso à cultura para a população de forma fácil e em um lugar tradicionalmente turístico, o Largo de São Sebastião.

Tradição >> 'Tacacá da Bossa' abre temporada de shows em setembro, com Cileno, Nicolas Júnior e grupo 'Eco do Sapupema'

Noites para desfrutar música e tacacá

NATÁLIA CAPLAN
nataliacaplan@scrisca.com

destaque
Com 11 anos de existência, o evento abre espaço para artistas autorais locais divulgarem seu trabalho e difundirem a música local. A programação costuma ser sempre nas noites de quarta-feira, no período de abril a dezembro, no Largo de São Sebastião, no Centro. Não há pagamento de entrada ou covert.

De casa
Cileno disse acreditar que já participou de sete edições do evento musical

serviço
o quê
"Tacacá na Bossa", com cantores regionais;

quando
Quartas-feiras de setembro: Cileno (14), Nicolas Júnior (21) e Márcia Novo (29) sempre às 19h;

onde
"Tacacá da Gisela", no Largo de São Sebastião, no Centro de Manaus. **entrada** gratuita.

Mais do que música local de qualidade, o "Tacacá na Bossa" já faz parte do Largo São Sebastião, nas noites de quarta-feira. Com programação de abril a dezembro, o evento volta a receber uma voz bem conhecida do Amazonas. Amanhã, às 19h, Cileno entra em cena com um show diferente. Basta chegar e escolher um lugar no "Tacacá da Gisela" para prestigiar a apresentação gratuita.

"Iniciou com o Paulinho Bossa Nova, que já perdemos. A coisa foi ganhando forma e virou um projeto. Foi brilhante, mesmo que não tenha sido intencional. É um espaço onde as pessoas podem respirar cultura, não há discriminação. É eclético e democrático, com vários tipos de música. Deu reforço enorme para as bandas autorais, que ganharam um espaço", disse Cileno.

A abertura da noite será feita por Júlia Carvalho, enquanto o cantor terá convidadas especiais: o parceiro musical Nicolas Júnior e os integrantes do "Eco do Sapupema", com ritmo nordestino. Desde a criação do projeto, em 2005, o compositor disse acreditar ter participado de,

uma data especial. Aliás, ontem mesmo, foi o aniversário dele. Entretanto, na correria dos ensaios para a apresentação no Largo de São Sebastião e outros eventos, o músico não teve tempo de pensar em festa.

"Para falar a verdade, vou comemorar mesmo no 'Tacacá da Bossa', com o público. Não tenho como parar. Hoje [ontem], temos ensaios e amanhã [hoje] também. Essa é a nossa correria diária", declarou aos risos.

PROGRAMAÇÃO
De acordo com o organizador do "Tacacá da Bossa", Joaquim Melo, toda a programação é fechada ainda no começo do ano. Na próxima semana, no dia 21, haverá o pré-show do violonista e professor de música Raimun-

do Nilton. Depois, Nicolas Júnior entrará em cena. Na última quarta-feira do mês (29), será a vez de Márcia Novo.

"É o 11º ano, sempre as quartas-feiras. Então, lá tem uma plateia cativa. É uma realização do Tacacá da Gisela, com apoio da Secretaria de Cultura do Estado (SEC), A Casa do Pensador, Tamboril de Banda, Magistral e Os Barés. Já agendamos para o ano todo", informou.

Ainda segundo ele, os meses da agenda foram escolhidos para se encaixar até mesmo no clima amazônico. "Evitamos o período de chuvas", finalizou.

Figura 46

E a terceira matéria diz respeito a divulgação do evento com o Coral da UEA. E logo embaixo dessa consta mais um evento musical: “Para lembrar os tempos do Carrapicho”, onde divulga sobre um show que será realizado pelo cantor.

local >> O 21º Festival Brasileiro de Trombonistas está marcado para acontecer na semana que vem na capital amazonense

Coral da UEA abrirá festival nacional

O Coral Tubones da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) vai abrir o 21º Festival Brasileiro de Trombonistas. A solenidade ocorre no dia 19 de setembro, às 20h, no Teatro Amazonas. O evento, considerado um dos maiores festivais da América Latina, contará com a presença de John Rojack, que já participou de apresentações da Orquestra Sinfônica de New York e Balé Bolshoi.

O evento reunirá em torno de 150 músicos de todo o País, como Ricardo Santos da Orquestra Sinfônica Brasileira, e Carlos Freitas da Orquestra Sinfônica de São Paulo.

PROGRAMAÇÃO
Na terça-feira (20), a partir das 20h, ocorrerá a apresentação do Concerto “Camerata Shofar”, na Primeira Igreja Batista do Amazonas, localizada na Avenida Joaquim Nabuco, Centro. Na quarta-feira (21), a partir das 20h, no Teatro Amazonas, ocorrerá a apresentação do Concerto “Amazonas Band e Solistas”. Na quinta-feira (22), também no Teatro Amazonas, a partir das 20h, ocorrerá a apresentação do “Concerto Amazonas Filarmônica e Solistas”. Na sexta-feira (23), o encerramento do festival será realizado a partir das 18h30, no Largo São Sebastião, e reunirá todos os músicos do festival.

CONFERÊNCIA PEDAGÓGICA
Além de apresentações culturais, a programação é composta pela 1ª Conferência Pedagógica dos Professores de Trombone do Brasil, que será realizada na Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT), localizada na Avenida Leonardo Malcher, 1728 - Praça 14 de Janeiro. O objetivo da Conferência é discutir o ensino do instrumento de forma ampla, didática e futurista. Programação é composta por masterclass, recitais, palestras, oficinas, workshops e atividades pedagógicas.

O evento tem o apoio da UEA em comemoração aos 15 anos, da Secretaria de Estado e Cultura do Estado do Amazonas em comemoração aos 120 anos do Teatro Amazonas e da Fundação Capes através do Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP).



A primeira apresentação do grupo ocorreu em junho de 2013 na Igreja Matriz de Manaus

programa >> No o show “100% Carrapicho”, Zezinho Corrêa volta aos palcos interpretando os maiores sucessos do grupo

Para lembrar os tempos do Carrapicho



Nessa sexta, 16, os fãs da banda Carrapicho terão, mais uma vez, a oportunidade de prestigiar a banda amazonense mais conhecida no mundo inteiro. Com o show “100% Carrapicho”, Zezinho Corrêa volta aos palcos com seus dançarinos e músicos, interpretando os maiores sucessos do grupo, a partir das 21h no Restaurante Fish Maria, na estrada do Aeroporto.

O Carrapicho foi criado em 1980, em Manaus. No início, trabalhavam com o estilo forró tradicional, assim sendo conhecido em toda região norte. Porém, no final da década de 1980, as toadas de boi bumbá eram frequentes em seus trabalhos, mas sem deixar o forró de lado.

Em 1996, eles tiveram não fôrte o tambor que foram ouvidos não só no Brasil como no exterior. Com a canção “Tic tic tac”, Zezinho Corrêa mostrou a força do Amazonas e hoje, 20 anos depois do sucesso, se orgulha de ainda ouvir o refrão da música na boca das pessoas.

Com uma banda formada por músicos da composição original do Carrapicho, como Carlinhos Bandeira, e dançarinos para animar a noite, a proposta do Show “100% Carrapicho” é fazer o público dançar ao som de seus sucessos do forró, como Fica Comigo, Ninfa do Mar e Será Sagrado dentre outros, e claro, também com toadas de boi bumbá, além da mundialmente conhecida Tic Tic Tac.

O Restaurante Fish Maria está com estrutura de palco e mesas confortáveis e espaço para dança, além de uma excelente gastronomia e decoração regional.

Figura 47

De acordo com as amostras dessa categoria, ao visualizarmos as edições do caderno Criação com suas respectivas matérias, é perceptível que os jornalistas não desenvolveram de fato uma crítica musical sobre as produções.

Porém, é possível constatar que se trata de matérias em que o jornalista ao divulgar o lançamento de um disco ou ao falar sobre o acontecimento de um show, consegue expressivamente emitir sua opinião sem censura, agregando qualidade contextual a construção do texto. Obviamente não faz grandes análises sobre o produto musical, talvez mesmo pela própria deficiência na formação do jornalista sobre esses campos, mas percebe-se um texto autoral, pois se mantém próximo ao objeto analisado/divulgado.

Havia também convites de produtoras de filmes ou livros para divulgar lançamento, embora com menos frequência com a qual se fez nas décadas seguintes. O Criação produzia muitas matérias sobre filmes, lançamentos de discos de artistas locais, nacionais e internacionais. Era comum fazermos entrevistas por telefone e, quando era possível, pessoalmente, com cantores, bandas, diretores de filme, diretores de teatro, atores, atrizes, coreógrafos, etc. (Entrevista cedida por Elaíze Farias, 2017).

Por outro lado, no caderno Bem Viver verificamos matérias puramente informativas, principalmente sobre eventos que iriam ocorrer na cidade, onde o jornalista meramente relata sobre o que se trata, de um modo com que o autor não se envolve nem opina sobre os eventos em que ele está cobrindo.

Isto é, novamente volta a prática de tratar como um produto mercadológico, onde o jornal agenda o público sobre o que vai acontecer de shows na cidade, cantores que estão fazendo sucesso, CDs e DVDs que estão sendo lançados, etc. Esse é o perfil de produção do caderno cultural de A Crítica. Mostrando mais uma vez que houve uma ruptura conceitual entre o seu primogênito e o sucessor.

Sobre essa prática, cabe lembrar Fátima Corti Basso (2008), a qual lembra que devido a grande quantidade dos produtos da indústria cultural com relação às notícias sobre o que é considerado imediato, e assim banalizar o jornalismo especializado, a produção contemporânea não mais entende a produção cultural como processo cultural, o que empobrece a essência desse jornalismo.

Essa relação de jornalismo cultural e o universo da música no Bem Viver se associa ao pensamento de Faro (2012) ao ressaltar que o jornalismo cultural é uma habilitação importante na imprensa atual, não só enquanto editorial, pois atua também na relação econômica que ele estabelece com os veículos de comunicação. O que confirma a premissa do jornalismo cultural desse caderno estar fortemente inclinado para a atuação com uma visão mercadológica em detrimento do investimento em produções que requerem um conhecimento mais aprofundado, demanda tempo, bem como a atenção de leitores mais dedicados.

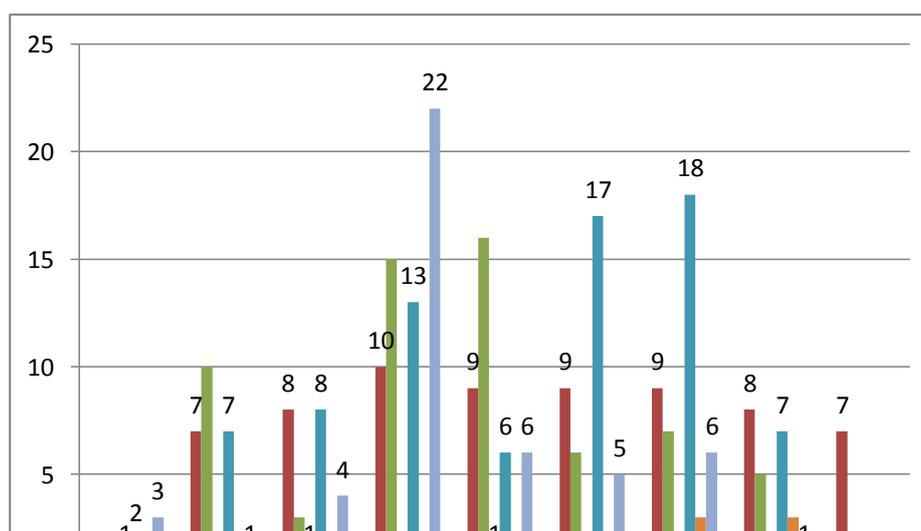
3.2.6 Outros universos

Com o avanço tecnológico e as conseqüentes necessidades do público em expandir os canais pelos quais precisa ter acesso a informação, a cobertura dos cadernos de cultura também tem se dinamizado, agregando outros temas e valores, tais como: Televisão, Informática e Games, Gastronomia e Moda (BALLERINNI, 2015).

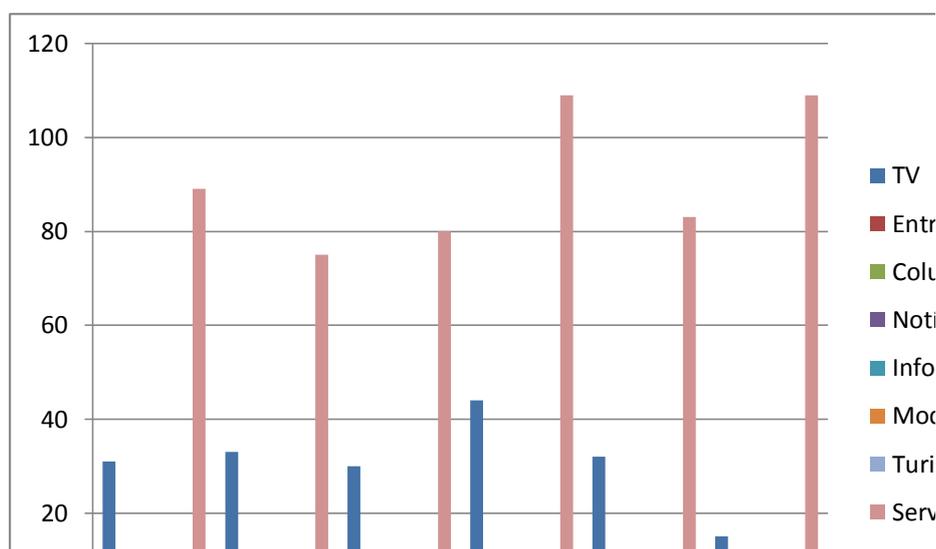
Daniel Piza (2013) resalta que no Brasil desde a década de 90 a tendência do jornalismo cultural tem se expandido para além da cobertura dos assuntos voltados as Belas Artes, passando a ter espaço e destaque assuntos como moda e gastronomia.

Além desses universos citados acima, acrescento ainda o Turismo e as Colunas Sociais, os quais tem sido crescente a presença desses universos nos cadernos culturais e, nesse caso em especial, no caderno Bem Viver. Vejamos nos gráficos a representação desses e outros conteúdos considerados nesta pesquisa, a fim de tecermos uma análise qualitativa desses universos.

Caderno Criação



Caderno Bem Viver



Nesse momento, partiremos para a análise dos itens contidos em ambos os gráficos. Aqueles que por ventura só estiver em um dos cadernos, serão comentados posteriormente. Desse modo, conforme pode ser analisado a partir dos dados dos gráficos, a cobertura sobre Televisão sempre espaço nesses cadernos. Porém, há que se

observar que eram de maneiras distintas. No Criação essa cobertura se dava, em sua maioria, por meio da programação da televisão, tais como filmes e o horário de cada programa a ser circulado diariamente, sempre na última página do jornal, denominada Conexão Manaus (figura 48).



Figura 48

Já no caderno Bem Viver a cobertura de televisão aparece de um modo ‘mais sofisticado’, onde existe uma seção chamada “Tudo TV”. Neste espaço o jornal trata sobre o universo da televisão: novelas, filmes, séries, programas de TV, etc., por um dos meios mais convencionais do jornalismo: a notícia (figura 49). Outras vezes com entrevistas de celebridades (figura 51), ou ainda por meio de notas quando atrelado à coluna “Controle Remoto” (figura 50).



Figura 49



Figura 50

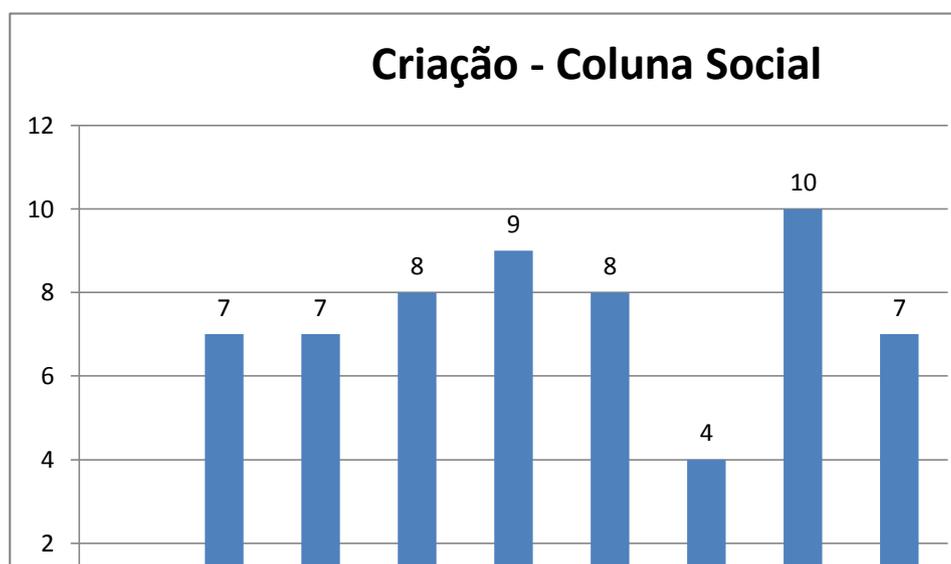


Figura 51

Nesse sentido, é perceptível que essa seção se restringe ao entretenimento, a foca sobre a vida das celebridades e programação. Para o jornalista Gabriel Priolli, entrevistado por Ballerinni (2015), a cobertura de TV se tornou excessivamente focada no entretenimento, visando somente programas voltados para diversão e esquecendo os dedicados à educação e cidadania, por exemplo.

Esse tipo de prática nos leva a concordar com a colocação de outro entrevistado do autor, Daniel Castro, o qual coloca que a cobertura de televisão é muito controlada pelas emissoras, neste caso podemos apontar o caso do jornal A Crítica que é atrelado a uma emissora de TV, a Record. Além disso, ele destaca que além de se submeter a essa agenda das emissoras e releases das agências, os jornalistas pecam pela ingenuidade, por não terem senso crítico e serem conduzidos pelo sucesso das celebridades. Assim, deixa a desejar quanto a uma análise mais crítica e aprofundada sobre os diversos aspectos que o universo televisivo oferta com sua carga genética multifacetada.

Outro universo encontrado em ambos os cadernos são as Colunas Sociais. No caderno Criação observa-se que esse tipo de produção cresce progressivamente com o passar dos anos. Vejamos o gráfico:



As colunas sociais desse caderno aparecem sempre nas páginas de dentro (2 e 3) e na Conexão Manaus (página 4). Os colunistas as intitulavam por vezes com seu nome ou com algo que chamasse atenção, tais como: Gil; Ibrahim Sued; Número 1; Xeque-Mate; Gente; Bazar; Tipo Soft; Ferreira Netto; Zózimo; Guia; Manaus meu amor; Aduana; Caleidoscópio.

Colunismo social sempre teve canal direto com a direção do jornal porque atende a interesses muito particulares. Embora trabalhássemos na mesma redação, não havia ingerência da nossa parte no conteúdo publicado pelos colunistas (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

Como segue o protocolo, essas colunas também eram dedicadas a falar das personalidades da elite social e com abundância em fotos, mesmo quando o caderno ainda era em preto e branco. Outras também se dedicavam a falar de assuntos sociais por meio de pequenas notas ou artigos. “[As colunas sociais] Eram com mais notas e fotos sociais, mas acredito que os colunistas também evoluíram rápido com uma linguagem mais moderna, envolvendo negócios e até política”, afirma Betsy Bell. As figuras 52 e 53 representam a edição de 19 de janeiro de 1994, um dos poucos cadernos completos, ilustram essa descrição.



Figura 52



Figura 53

Chegando a Era Bem Viver, percebe-se que há uma mudança de conteúdo, onde não há mais a presença de textos como havia no Criação, mas uma abundância de fotografias das personalidades que tem destaque social, principalmente da elite em seus momentos de glamour, a considerar parlamentares, empresários e celebridades, ou em participações em eventos, momento no relacionamento pessoal, etc., bem como os artistas de televisão. Há ainda os colunistas que abordam sobre moda, turismo, gastronomia, etc.

As colunas são: Júlio Ventilari; Red Carpet; Rogério Pina; Escape; Luppá Romano; Baby Rizzato; @Bemvindo; Patricia Kogut; É festa; Carol Heinrichs; SiS de Renata e Patricia Ruiz; 1ª Classe de Izahu Vilhena. Essas colunas aparecem diariamente

no caderno, algumas todos os dias, outras esporadicamente como SiS, É Festa e Escape. As figuras abaixo ilustram essas colunas.



Figura 54



Figura 55



Figura 56



Figura 57



Figura 58



Figura 59



Figura 60



Figura 61



Figura 62

Diante dessas ilustrações, percebe-se que o caderno Bem Viver dispõe de várias páginas dedicadas às colunas sociais, pelo menos nove delas como representa as figuras acima. De acordo com a editora do caderno, Lucy Rodrigues, o Bem Viver traz espaço diário para o jornalismo social, onde existem quatro colunistas sociais fixos da equipe, que contribuem para as edições diárias:

1. Júlio Ventilari – coluna publicada diariamente - exceto às quartas-feiras - com foco nas grandes festas e eventos da alta sociedade amazonense e na política;
2. Rogério Pina – coluna publicada quase todos os dias, exceto segundas e sextas, com foco no segmento cultural – artistas, produtores, músicos, turismo e variedades;
3. Lúppa Romano – Coluna publicada às segundas, quartas e sextas, com foco em eventos sociais.
4. Baby Rizatto – Coluna publicada aos sábados, com foco na sociedade tradicional amazonense, política e no universo feminino;
5. Além disso, há o caderno Bem Viver Gente de segunda-feira, exemplificado na figura 63, predominantemente voltado ao jornalismo social, que conta com outros colaboradores, que trazem informações sobre eventos, festas, viagens, etc.



Figura 63

Porém, analisamos que essa prática, ou seja, de investimento na abertura de diversas colunas sociais em um mesmo dia veiculadas se dá em detrimento de produções que teoricamente deveriam constar num caderno cultural, como artigos, crônicas, perfis, entrevistas, críticas, dentre a infinidade de gêneros possíveis para esse campo do jornalismo cultural.

Isso nos coloca diante de uma reflexão, pois se por um lado o financiamento dos jornais a partir da venda dos espaços publicitários possibilitou teoricamente se desvincular do seu caráter político, por outro influenciou para o crescente conflito entre interesse público e privado. O que significa dizer que a fixação do jornalismo no campo empresarial fez surgir um paradoxo, ou seja, trata-se de uma atividade com função prioritariamente pública, porém executada a partir de uma iniciativa privada.

Isso significa dizer que o jornal enquanto iniciativa privada seleciona a Coluna Social e a enquadra como de interesse público. E como diz o ditado: uma mentira quando contada por diversas vezes acaba se tornando verdade. É isso que acontece com esse tipo de produção no caderno Bem Viver, onde o jornal transveste o colunismo social como algo de interesse público, que o mesmo passou a ser consumido na mesma perspectiva que as notícias do jornal. Nesse caso cabe lembrar um dos valores-notícia fundamentais que é a notoriedade, ou seja, pessoas famosas, com algum destaque na sociedade, Vips, nobreza (JORGE, 2008), é o que chama atenção do público, logo vende jornal. Portanto, o caderno também está sempre se valendo desse valor-notícia.

A fala do Mario Freire logo acima quando deixa claro que a relação direta entre Colunismo Social e a direção do jornal, expressa esses interesses particulares da instituição, onde a redação não se envolve por se tratar de um negócio. Isso mostra o interesse do jornal pelo valor financeiro e quantitativo que irá circular com essas colunas como produto a ser consumido, ao invés da qualidade que poderia ser gerada a partir de sua produção e como um canal de comunicação que tem a capacidade para ser um formador de opinião.

Partindo do universo das colunas sociais e seu *glamour*, vamos em direção ao mundo virtual: Informática e Games. Esse universo somente encontramos no caderno Bem Viver, talvez pela razão óbvia de nascer numa Era Digital e o Criação não dispor desse aparato. No caderno a seção se chama “vida digital”. Ela não aparece todos os dias no caderno, porém, esse universo se apresenta no Bem Viver como uma forma de divulgação dos produtos e assuntos do que está sendo a ‘sensação do momento’, tais como os últimos lançamentos de um novo aplicativo, jogos, e tudo que possa compor esse universo (figuras 64, 65, 66).

fazendo com que seja um campo valorização crescente entre o público, principalmente os jovens, o que faz com que o jornal que se veste dessa roupagem contemporânea esteja atento a essas inovações do mercado.

Elaíze Farias tece considerações sobre essas mudanças no cenário do jornalismo especializado e pondera que os aspectos do jornalismo cultural mudaram em função da demanda mercadológica, mas também devido às novas referências e exigências midiáticas, influenciada pela internet e redes sociais, bem como acredita na exigência do público. O que significa também a adaptação do próprio jornal impresso na busca dessa interação que a internet impulsiona a todos os seres e objetos sociais.

Saindo do balcão do mundo virtual e chegando ao balcão do universo gastronômico, esse também passou a fazer parte do jornalismo cultural a partir do caderno Bem Viver, inclusive recebendo espaços generosos no jornal. Vejamos como essas matérias aparecem em algumas edições.



Figura 67



Figura 68



Figura 69

BALLERINNI (2015) afirma que a presença da gastronomia nos cadernos culturais tem sido cada vez mais expandida, a ponto de alguns jornais e revistas criarem um caderno específico, como é o caso de Paladar, de O Estado de São Paulo, Comida, da Folha de São Paulo.

No caso do Bem Viver, o que podemos inferir é que sua cobertura de gastronomia ainda não é a de analisar a qualidade das comidas, vinhos, bebidas, os chefs, os menus, os restaurantes, etc., bem como de fazer comparações, mas sim a perspectiva de noticiar os eventos que envolvem esse universo, mais uma vez sob uma orientação mercadológica, como alguém que anuncia um produto à venda. Apesar de

divulgar diversas matérias voltadas à Gastronomia na região, o público fica sem opções acerca do entendimento crítico sobre restaurantes, botecos, comidas e bebidas agradáveis a todos os gostos e sabores, levando em consideração que ninguém melhor para fazer essa análise que um especialista na área ou um jornalista crítico de gastronomia.

E como tudo que é tendência do século 21 não pode passar em branco no caderno Bem Viver, mais um nicho que vem conquistando espaço é a moda. Lembrando que Moda é considerada um valor-notícia. Moda: indústria do vestuário, desfiles, vitrines e butikues, o mundo da alta-costura e do prêt-à-porter, modelos e costureiros, tecidos e confecções (JORGE, 2008). Vejamos alguns exemplos de como é sua cobertura no Bem Viver.



Figura 70



Figura 71



Figura 72

Esse é o perfil da cobertura sobre moda no Bem Viver. Matérias que tratam sobre os desfiles da categoria, exposições, tendências e tudo que possa haver de novidade nesse campo. Porém, de uma forma informativa sobre o que aconteceu ou vai acontecer nesses eventos e não na perspectiva de análise, tal como falar das costuras, tecidos e cores.

De fato o jornalista muitas vezes não tem a formação técnica sobre cada campo que precisa cobrir, porém nada lhe impede de entrevistar um estilista ou um crítico de moda, que possa contribuir com a construção de seu texto, havendo assim um valor agregador em suas produções.

Isto é, a moda também aparece como um gênero que atualiza e agenda, principalmente o público feminino, sobre o que é tendência no mundo da moda, onde vale ressaltar esses desfiles que acontecem em sua maioria no sudeste do país em nenhum momento contempla a realidade da região amazônica, o que se torna inviável o uso de determinadas peças de roupas de lá para a região norte.

Outras seções que só aparecem no Bem Viver são: Turismo, denominado de Viagem (figura 75), onde apresenta destinos muitas vezes longínquos e até mesmo inviável para o grande público, mas vende o lugar como um sonho de consumo dessa mesma classe. A outra seção chama-se Holofote, onde é divulgado sobre a vida das celebridades da TV, música, filmes, séries, etc., tal como se estima o que interessa à população (figura 73).

Além disso, outra prática que chama atenção nesse caderno é a presença da infinidade de serviços. Como serviços consideramos principalmente a página onde o próprio jornal denominava como “agenda”, quase sempre do final de semana, bem como outras notas que surgiam ao longo do caderno servindo na divulgação de diversos eventos pela cidade (figuras 76).



Figura 73



Figura 74



Figura 75



Figura 76

Ainda falando sobre esses “serviços”, entre matérias e notas, podemos descrevê-los com os seguintes quantitativos: Abril: 89; Maio: 75; Junho: 80; Julho: 109; Agosto: 83; Setembro: 109. Números que podemos considerar elevados, tendo em vista que em um mês se contabilizou 109 desse tipo de produção, o que podemos inferir este caderno de cultura ser fortemente pautado em eventos de diversa natureza, seja de música, teatro, artes visuais, cinema, gastronomia, turismo, moda, decoração, entre outros, o que está em foco é o evento enquanto entretenimento, a fim de que o público possa ser mantido “culturalmente” pelas atrações culturais enquanto produto a ser consumido, seja de forma gratuita ou paga.

3.3 Resultados e Discussões

Diante da análise desses universos do jornalismo cultural, feitos com embasamento teórico e a partir do depoimento de jornalistas de ambos os cadernos, podemos tecer as seguintes considerações. A iniciar pela qualidade de ambos, é perceptível que os mesmos, ainda durante o seu tempo de vida, chegaram a passar por transformações tanto editoriais quanto gráfica.

Quanto ao conteúdo, o caderno Criação tem uma forma mais expressiva e próxima do idealizado para o jornalismo cultural, pois por diversas vezes o jornal abriu largos espaços para a explanação mais aprofundada sobre determinado assunto, como resenhas, artigos, reportagens. Enquanto que no caderno Bem Viver, percebe-se certa deficiência quanto à presença de intelectuais e artistas com participação ativa, tal como escrever artigos ou crônicas nesse espaço, os quais atuam nos bastidores somente como fontes entrevistadas.

Isso nos remete ao pensamento de Cremilda Medina no livro *Notícia, um produto à venda*, onde destaca que a reportagem tem esse caráter de ser mais aprofundada, detalhada, ter a presença do jornalista na narração dos fatos com presteza e cautela, o uso do recurso literário no texto jornalístico. A reportagem relaciona-se com a Antropologia, Sociologia, Psicologia, e outras ciências, pois estuda os fenômenos sociais, seus agentes, suas representações, bem como tem a possibilidade de aproximação com a Literatura. Enquanto isso, quando passa ao formato de notícia, pelo mero fato de mostrar, informar, se torna realmente um produto à venda. E isso é perceptível na transição do caderno Criação, onde se tinha um espaço para debates, explanações mais aprofundadas, e atualmente no Bem Viver, onde a presença desse tipo de produção jornalística se tornou limitada e imperceptível, deixando prevalecer o factual, momentâneo, efêmero e por fim raso.

Nesse sentido mais trabalhado das produções do Criação, Elaíze Farias destaca que o jornalismo cultural exigia mais leitura e informação especializada para a maioria das matérias. Embora os repórteres não fossem especializados em cada área, havia a certeza de que precisavam de conhecimento prévio para ajudar nas apurações, o que exigia maior interesse de cada jornalista.

Em linhas gerais, se tratando dos universos Literatura, Artes Visuais, Teatro, Cinema, Música, dentre outros, é possível igualmente inferir que são temas que se destacam claramente no Criação a partir de reflexões, resenhas, críticas, debate em torno deles, tal que podemos sinalizar como uma forma social de conhecimento, onde tinha a importância de ser uma fonte de informação esclarecedora. Já no Bem Viver, percebe-se uma ruptura nesse modo de fazer jornalismo, passando a atender demandas de massa, onde o caderno deixa de ser a fonte de informação como conhecimento e passa a ser uma agenda cultural ou mesmo bilheteria dos eventos de diversas naturezas que ocorrem em Manaus ou no Amazonas.

Por fim, para finalizar a entrevista, pergunto aos jornalistas do Criação o que consideram qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver. Somente Betsy Bell e Mario Freire responderam, pois Elaíze destaca que nos últimos anos não tem acompanhado o trabalho desenvolvido pelo Bem Viver e por isso prefere não opinar. Sendo assim, segue o posicionamento de ambos: “Identifico o Criação como um caderno cultural realmente; o Bem Viver é um caderno de lazer e entretenimento”, ressalta Betsy Bell.

Sinceramente, tenho dúvidas de que o que fizemos era jornalismo cultural de verdade. Havia um interesse cultural, um envolvimento com a cultura nos profissionais que faziam o caderno, e isso foi fundamental para dar um aspecto diferenciado ao que escrevemos e editamos. Eu, a Leyla Leong, Elaíze Farias e Betsy Bell, que formamos a equipe mais duradoura – estávamos inteiramente focados, com o olhar voltado para essa realidade (Entrevista cedida por Mario Freire, 2017).

E para os jornalistas do Bem Viver, pergunto se consideram que ainda seja desenvolvido jornalismo cultural no Amazonas ou está se tornando cada vez mais entretenimento. Assim, os mesmos tecem suas considerações.

Sim, acredito que é feito jornalismo cultural no Amazonas. O jornalismo cultural é muito amplo, como já disse anteriormente e volto a dizer. Moda, gastronomia, design e tantos outros assuntos podem ser bem trabalhados jornalisticamente como formas de expressões da cultura. Mas para além dessa discussão, o jornalismo engloba muitos outros gêneros além da reportagem. A opinião também é jornalismo. O perfil também é jornalismo, a crônica... são gêneros jornalísticos diferentes. Infelizmente o espaço na maioria dos jornais realmente diminuiu, mas há bons profissionais que ainda conseguem, mesmo com a correria do dia a dia, fazer diferença (Entrevista cedida por Lucy Rodrigues, 2017).

Como veículos de massa, jornais precisam se comunicar com diferentes públicos. Diante disso, entendo que o jornal A Crítica está atento a essa necessidade e tem acompanhado as mudanças de paradigma na área, evidentemente exposto às contradições próprias do ofício, como toda a imprensa contemporânea (Entrevista cedida por Rosiel Mendonça, 2017).

Diante desses depoimentos e análises, também é possível inferir que o próprio pensamento dos jornalistas culturais vem se metamorfoseando com base na trajetória dinâmica que o jornalismo cultural como um todo tem adotado para os diversos universos em que atua. De mesmo modo esse pensamento e a conceituação desses conceitos vão se transformando, ao ponto que podem chegar a ser ou já são defendidos por alguns intelectuais contemporâneos, o que de alguma forma traz novas reflexões para o que consideramos ser o jornalismo cultural enquanto uma atividade prática e intelectual, podendo passar a ser considerada somente uma prática em que se pode ser traduzida em meras informações condensadas por meio de notícias e/ou agenda cultural.

Na continuação desse pensamento, podemos refletir que se o papel da imprensa nos mostra e guia na visualização do sistema cultural de determinado período, de forma óbvia não temos acesso àquilo que foi *excluído* (Rothberg, 2010), mas tão somente o

que foi *selecionado* e dado *ênfase* em suas produções. Isso porque, concordando com (TRAQUINA, 2005), o discurso jornalístico responde às rotinas industriais das organizações, às práticas culturais de enquadramento narrativo do acontecimento, assim como a determinados valores-notícia expressos em critérios como notoriedade dos sujeitos, proximidade, relevância, novidades, temporalidade, notabilidade, entre outros.

De um modo geral, percebe-se que a ideia de cultura trabalhada pela mídia contemporânea generaliza e fragmenta essa percepção entre cotidiano e obras artísticas, estéticas, enfim culturais. Faz parte da lógica das indústrias culturais, da circulação de objetos e da produção de necessidades desses próprios objetos. Prioriza a orientação para o uso do tempo livre, compartilhando tal segmento no espaço do lazer (GOLIN, 2009).

Essa colocação se confirma com a prática do caderno Bem Viver, pois o que encontramos em sua maioria são produções que priorizam eventos musicais, teatrais, de cinema, entre outros, atendendo e estimulando o mercado do consumo, ao invés de proporcionar o entendimento e reflexão sobre produções culturais que acrescentem o público de modo intelectual e não somente material. Isto é, o que anteriormente o jornalismo cultural dava espaço para pautas com matérias atemporais (frias), atualmente o jornalismo cultural visa prioritariamente pautas com matérias quentes, ou seja, que tenham veiculação e consumo dentro do período do prazo de validade do jornal impresso, a contar as suas 24 horas, pois se tornou também vitrine onde o público tem acesso a diversos produtos para todos os gostos das diversas faixas etárias.

Entende-se, portanto, que isso é decorrente do modelo empresarial adotado pelas organizações jornalísticas, a qual utiliza o jornalismo apenas como um instrumento para a geração de lucro e dominação política, o que conseqüentemente desconsidera o papel social do jornalismo. Mas, em nosso entendimento, restringir o jornalismo à manipulação e ao interesse econômico é um equívoco, pois ele é mais do que isso, como afirma Genro Filho (1987), o qual afirma que, apesar da profunda relação entre o capital e o nascimento do jornalismo, este possui características que ultrapassam a mera funcionalidade ao sistema capitalista.

Para o autor, o jornalismo é um fenômeno histórico que surge da necessidade gerada pelo capitalismo de circulação de informações de forma organizada e dinâmica; mas, também surge de uma carência de integração da sociedade, de caráter ontológico. Assim, as abordagens teóricas que deduzem a totalidade do fenômeno jornalístico a partir do seu valor de troca e nada dizem do seu valor de uso específico acabam

eliminando o objeto que pretendem explicar. Porém, segundo o autor, isso não significa que o jornalismo esteja isento de sofrer interferências de cunho privado, político e econômico, sendo ele transpassado por essas esferas, mas sendo capaz de ser maior que todas elas e transpor as barreiras burocráticas e de interesses privados camuflados de interesse público.

Considerações Finais

O jornalismo cultural apresenta-se como um campo vasto desde suas definições conceituais aos universos em que agrega, a considerar as esferas tradicionais, tais como a Literatura, as Artes Visuais, a Música, o Teatro e o Cinema, bem como as contemporâneas como a TV, Games, Informática, Gastronomia, Moda, Turismo, etc. Ele também tem apresentado transformações consideráveis durante sua trajetória, a citar pelo seu modo de produção, formação, reflexão, crítica, complexidade, até se reinventar enquanto um jornalismo voltado para o entretenimento, notas, serviços, notícias quentes, etc.

Quanto aos cadernos culturais analisados, podemos tecer as seguintes considerações: trata-se de duas produções jornalísticas de acordo com seu tempo, pois em ambos os cadernos é possível perceber o esforço de cada um de trazer o que está sendo produzido em cada época, o que atende aos padrões jornalísticos.

No entanto, ao que diz respeito ao jornalismo cultural há distinções. Isso porque quando se trata do caderno Criação, é perceptível que o jornal segue uma linha editorial mais próxima ao que entendemos ser essa prática – uma atividade prática e intelectual – que busca uma leitura reflexiva e crítica sobre as diversas formas de produção cultural. Isto é, os jornalistas, artistas e intelectuais da época dispunham de espaço para expor por meio de artigos, resenhas, reportagens, um pensamento crítico sobre determinada obra em questão, lançamentos de discos e livros, espetáculos teatrais e musicais, temas sociais, históricos, econômicos, enfim, tudo que envolvia as produções culturais.

Por outro lado, o caderno Bem Viver traz a reformulação de todo esse processo que acontecia no Criação, ou seja, o que antes era essencial, a começar pela reflexão sobre as produções, os espaços abertos aos artistas e intelectuais, não cabe mais neste novo formato. Atualmente o que temos são notícias, notas, agenda cultural, uma exacerbação de colunismo social e serviços, muitos serviços. Com isso, percebe-se que a essência dessa produção contemporânea é prioritariamente entreter o público e assim atender o mercado do consumo.

De fato, muitas vezes, essa reflexão do ponto de vista crítico ocorria no caderno Criação de forma tímida, principalmente quando aparecia por meio de uma matéria ou entrevista, porém quando era por meio de reportagens, artigos e resenhas, essa prática se mostrava nítida. Porém, no caderno Bem Viver, se percebe certa perda de autonomia quanto a esses tipos de produções, principalmente ao que tange a presença de artistas e intelectuais, a contar que não encontramos nenhum durante o período analisado.

Além disso, é possível considerar ainda que o Criação mesmo com menos páginas, a contar com apenas quatro, tinha mais qualidade em conteúdo, enquanto que o Bem Viver pré-dispõe de 12 páginas e muitas das vezes as utiliza para divulgação de colunas sociais, publicidades, etc. Vale lembrar ainda que podemos considerar que a essência do jornalismo cultural do caderno Criação encontra-se na primeira página, enquanto que no Bem Viver não existe um local definido.

Quando do fim do Criação para o Bem Viver, percebe-se que se modifica a linha editorial, o projeto gráfico, bem como a equipe de jornalistas. Durante as entrevistas os jornalistas do Criação comentavam que a chefia superior do jornal à época dizia a necessidade do caderno se modificar para atender a demanda do público, no qual percebemos ser o que o caderno apresenta cada vez mais, ou seja, informações curtas que condensem o máximo do que é tendência da moda, do cinema, da gastronomia, os shows musicais, etc. Isso tudo forma um pacote como forma de entretenimento e não mais reflexão acerca do que se trata cada universo, seguindo assim a lógica mercantil, o chamado jornalismo de serviço.

Isto é, trata-se de dois jornalismo culturais distintos, em que o Criação ainda conseguia desenvolver um texto crítico, o que lhe permitia alcançar algumas vezes o formato do jornalismo como forma social de conhecimento; enquanto que o Bem Viver se modificou radicalmente e passou a fazer um jornalismo raso, em que somente importa o factual e tê-lo como ponto de partida principal para acompanhar e divulgar o que é considerado as tendências da sociedade atual. Porém, ainda assim, nos resta uma dúvida: se o jornal também é um formador de opinião, consegue apontar o que pode ser tendência, por que ele não investe no segmento de um jornalismo cultural comprometido e que seja ‘de mãos dadas com o povo’? Será que é exigir muito do intelectual de seus profissionais? Ou será apenas o caminho mais fácil?

Por outro lado, é importante levar em consideração as demais questões ao que concerne sobre outras abordagens em que o trabalho tem potencial para se aprofundar em futuros estudos, a saber: analisar outros jornais com a temática sobre jornalismo cultural, a fim de verificar como este vem se metamorfoseando no contexto local; e realizar crítica mais específica a cada um dos universos analisados.

Portanto, essas são sugestões em que esta temática possa ser aprofundada com futuras pesquisas, considerando que este trabalho alcançou seus objetivos almejados, porém entendendo que o conhecimento acerca do assunto ainda é um vasto leque a ser explorado.

REFERÊNCIAS

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática / Frantjesco Ballerini. – São Paulo: Summus, 2015.

BARRETO, Ivana. **A importância da literatura e dos cadernos culturais para a história do jornalismo brasileiro**. Artigo apresentado no ALCEU - v. 10 - n.19 - p. 101 a 108 - jul./dez. 2009.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Para entender o jornalismo cultural**. Revista Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 9, n. 16: (1) jan-jun 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARVALHO, Yara Montenegro Bittencourt. **A cultura nos cadernos de cultura**: um estudo comparativo entre quatro cadernos de cultura de circulação nacional e três cadernos de cultura de Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 1997.

COELHO, Teixeira. **Outros Olhares**. In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáú Cultural, 2007.

------. **Discutindo o gosto**. Por Duda Fonseca. In: Suplemento Nave Errante: reflexões sobre o jornalismo cultural. Fabrício Marques (org.). Belo Horizonte, 2012. Edição Especial. Secretaria de Estado de Cultura.

DANTAS, Marcelo. **Aço, Café e Cultura**. In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáú Cultural, 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Temas e Debates — Atividades Editoriais, Ltda., 2003.

Fabíola Corrêa, Lorena Claudino, Suanny Costa (orgs.). **História do Jornalismo no Brasil e no Pará, da Colônia à República Velha**. Artigo apresentado no VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte – Belém – PA.

FARO, J. S. **Dimensão e prática do jornalismo cultural**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Janeiro/Abril de 2009.

------. Território em transformação. **Jornalismo cultural: uma reflexão sobre sua importância e seus desafios**. In: Suplemento Nave Errante: reflexões sobre o jornalismo cultural. Fabrício Marques (org.). Belo Horizonte, 2012. Edição Especial. Secretaria de Estado de Cultura.

------. **Nem tudo que reluz é ouro**: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. (s/d)

FERREIRA, Vilma Moreira. **A contribuição do Caderno B do Jornal do Brasil durante o período de repressão política do regime militar.** (s/d)

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. **Tramas Comunicativas da Cultura.** A dança no jornalismo impresso em Manaus (1980 – 2000). Tese defendida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

GARCÍA, Angeles. **O espaço da cultura.** In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáu Cultural, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Porto alegre: Tchê, 1987.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências. Adriana Pessate Azzolino (org.). São Paulo: Miró Editorial, 2009.

HIRSZMAN, Maria. **O aprendizado da crítica.** In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáu Cultural, 2007.

IANNI, Octávio. **Ensaio de sociologia da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JORGE, Thais de Mendonça. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas / Thais Mendonça Jorge – São Paulo: Contexto, 2008.

LINDOSO, Felipe. **Geopolítica Cultural.** In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáu Cultural, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica** – uma poética do imaginário. João de Jesus Paes Loureiro. 5ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2015.

MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.L.; FILHO, O. A. (orgs.). **Comunicação Mídiatizada na e da Amazônia.** Belém: Fadesp, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação:** contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo : Paulus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Leitura Crítica.** In: Rumos [do] Jornalismo Cultural. / Felipe Lindoso (organizador) – São Paulo : Summus : Itáu Cultural, 2007.

MONTEIRO, G; ABBUD, M.E de O.P; PEREIRA, M.F (orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação.** Manaus: Ufam, 2012.

MOREIRA, Sonia. **Análise Documental.** In: Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação. Jorge Duarte, Antonio Barros – organizadores. 2ª ed. – 3. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo : Contexto, 2006.

PINTO, E.R.M.F. Viagem das ideias. 2º edição. Manaus: Editora Valer, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **Cultura e alienação**. In: Teoria Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ROTHBERG, Danilo. **O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia** In Vitrine e Vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Rogério Christofolletti (Org.). 2010.

SILVA, Marilene Corrêa da. Metamorfoses da Amazônia. 2013.

TAVEIRA, Eula Dantas. **A história do jornal de maior circulação do Amazonas**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2001.

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada** – Presença modernista no Amazonas. Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 2014.

WILLIAMS, Raymond. Proposta de uma sociologia da cultura. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

----- **Literatura e Marxismo**. Tradução de Waltensir Dutra Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979.

Sites consultados:

www.culturaemercado.com.br/site/noticias/conheca-a-historia-do-incentivo-a-cultura-no-brasil

www.nexojornal.com.br/explicado/2016/10/06/Lei-Rouanet-os-acertos-e-os-erros-do-incentivo-%C3%A0-cultura-no-Brasil

<http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/aniversario-de-87-anos-de-umberto-calderaro-filho-e-lebrado-no-senado>

APÊNDICES

Apêndice 1: Entrevista com Artur Cesar

Nome: Artur Cesar Cunha dos Santos Junior

Idade: 37 anos

Formação: Jornalismo – Universidade Federal do Amazonas

Ocupação atual: Subeditor do BEM VIVER e suplementos

1) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era sua função?

Em 2004. Repórter

2) O jornalista de cultura trabalha apenas nas pautas de cultura ou atende outras editorias?

Apenas nas pautas de cultura e dos suplementos de domingo

3) Com o acesso a internet, o que facilita e/ou dificulta pra você enquanto jornalista de cultura?

Vejo apenas facilidades. Com a internet temos acesso mais fácil ao que está acontecendo no Brasil e no mundo na área da cultura

4) O que caracteriza o jornalismo cultural do Bem Viver?

Serviço e entretenimento

5) Qual é a linha editorial do Bem Viver?

Serviço e entretenimento

6) Sabe por que tem esse nome “Bem Viver”? Tem a intenção de ser mais próximo do bem-estar social ou é outra finalidade?

Desconheço a origem do nome, mas a escolha passa pela direção do jornal A CRÍTICA

7) Você considera que as matérias de jornalismo cultural são mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

Com certeza são 99% voltadas para a cultura local.

8) Sobre a cultura local, o que é mais abordado pelo jornal?

Eventos em geral realizados na cidade

9) Como repórter, você pode sugerir pautas? Como se dá essa relação com o editor e a equipe?

Eu, como subeditor, sugiro pautas para os repórteres fazerem, assim como me pauto também. Apesar da função, além de editar, vez por outra eu também faço matéria.

10) Como funciona a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Quando estão no centro dos eventos, são procurados e entrevistados pela reportagem

11) Como é a dinâmica de produção de matérias? Tem carro, telefone, máquina fotográfica sempre disponível? Quais as principais facilidades e dificuldades?

Nós pautamos os repórteres, eles fazem as entrevistas por telefone e também saem para cumprir algumas pautas externas. Saem com em um carro do jornal, com motorista, e fotógrafo. Atualmente, eles também fazem vídeos para o Portal A Crítica.

12) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como é feito? Acessa só a internet? Entrevista especialista? Dá tempo?

Eles têm acesso à Internet, telefone. São orientados para entrevistar as pessoas que estão nas pautas repassadas pelos editores. Se for sobre uma pauta de saúde, por exemplo, vai entrevistar os especialistas da área. Sempre dá tempo. Tem que dar tempo, o jornal é diário. Eles normalmente ficam com uma matéria para o dia e outra (ou duas) pra domingo.

13) E quanto ao tempo, tendo em vista que é um caderno diário, como é feito para produzir as matérias?

14) E o colunismo social? Como é feito? Quem são os colunistas? Fazem parte da equipe? Qual é o foco?

Os colunistas diários são Julio Ventilari, Luppia Romano e Rogério Pina. Colunas voltadas para o social da cidade, com notas e fotos. Todos eles vão até a redação para produzirem suas colunas.

15) Em sua concepção, qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver? (Se chegou a conhecer o Criação)

Não cheguei a conhecer o Criação

Apêndice 2: Entrevista com Rosiel Mendonça

Nome: Rosiel Mendonça

Idade: 26 anos

Formação: Comunicação Social/Jornalismo

Ocupação atual: Repórter

01) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era sua função?

Entrei em 2012 como repórter.

02) O jornalista de cultura trabalha apenas nas pautas de cultura ou atende outras editorias?

Somente cultura.

03) Com o acesso a internet, o que facilita e/ou dificulta pra você enquanto jornalista de cultura?

Facilita na busca de informações, imagens e até na realização de entrevistas (via e-mail ou redes sociais), conforme a disponibilidade da fonte ou da conveniência em utilizarmos esse meio.

04) O que caracteriza o jornalismo cultural do Bem Viver?

05) Qual é a linha editorial do Bem Viver?

06) Sabe por que tem esse nome “Bem Viver”? Tem a intenção de ser mais próximo do bem-estar social ou é outra finalidade?

07) Você considera que as matérias de jornalismo cultural são mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

Há um forte apelo pelo nacional/internacional, mas o local não fica de lado, afinal, todos querem saber o que está acontecendo na sua cidade.

08) Sobre a cultura local, o que é mais abordado pelo jornal?

Acho que a música (lançamentos, shows, festas) acaba sobressaindo por conta da oferta maior mesmo.

09) Como repórter, você pode sugerir pautas? Como se dá essa relação com o editor e a equipe?

Posso sugerir sim, a qualquer momento. Aí cabe ao editor programar a publicação da matéria de acordo com diferentes fatores.

10) Como funciona a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Eles são as fontes mais importantes e mais comuns. No caso dos artistas, vêm deles muitas sugestões de pauta. No caso dos intelectuais, eles geralmente são procurados para comentar casos específicos, de acordo com suas áreas de atuação e envolvimento com o assunto.

11) Como é a dinâmica de produção de matérias? Tem carro, telefone, máquina fotográfica sempre disponível? Quais as principais facilidades e dificuldades?

Temos carros, telefones e fotógrafos à disposição, mas as saídas da redação devem ser agendadas com antecedência para não gerar conflitos na disponibilidade de fotógrafos/carros. Há também celulares para as pautas externas que precisem de Internet.

12) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como é feito? Acessa só a internet? Entrevista especialista? Dá tempo?

Basicamente internet e entrevista com especialista. A questão do tempo é relativa, mas nem sempre é possível falar com todas as pessoas que precisamos.

13) E quanto ao tempo, tendo em vista que é um caderno diário, como é feito para produzir matérias?

Depende muito. Acho que em média leva umas 3h-4h entre entrevista, escrita e diagramação da matéria.

Apêndice 3: Entrevista com Mario Freire

Nome: Mario Freire

Idade: 60

Formação: Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo

Ocupação atual: assessor de imprensa

01) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era seu papel?

Entrei no jornal em 1991. Fui contratado para ser editor de um caderno cultural.

02) Durante esse período já existia um caderno dedicado à cultura? O Criação é o pioneiro?

Nesse momento, o material de entretenimento, incluindo a programação cultural e de TV, saía em uma ou duas páginas, mas não havia uma editoria específica. Na trajetória de A Crítica, o Criação foi um dos cadernos dedicados aos assuntos de cultura, entretenimento ou variedades. É possível que tenha havido pelo menos dois cadernos editados anteriormente. O Criação foi apenas o mais longo e talvez mais consistente até então.

03) Participou do processo de implantação do caderno Criação?

Sim, fui convidado pelo diretor de redação, na época, Frânio Lima, e pelo secretário de redação, Wilson Nogueira, para editar um caderno cultural que ainda não tinha nem projeto editorial, nem mesmo nome. Começamos o caderno do zero, com total liberdade da alta direção do jornal, leia-se o próprio dono, Umberto Calderaro Filho.

04) Em que mês e ano nasce o caderno Criação? E vai até que mês e ano?

Começou em setembro de 1991 e foi até abril ou maio de 1999.

05) O jornalista de cultura trabalhava apenas nas pautas de cultura ou ele atendia outras editorias?

O pessoal contratado para o caderno atuava só para o caderno. Tínhamos até um diagramador exclusivo. Eventualmente, nós, editor e repórteres, poderíamos trabalhar para outra editoria.

06) Você considera o jornalismo cultural feito à época mais forte que o atual?

O jornalismo, de modo geral, passou por uma grande mudança de foco na segunda metade dos anos 1990, e devemos creditar o fato, não só, mas principalmente, ao advento da internet e do incipiente jornalismo on-line. Os grandes jornais brasileiros e até estrangeiros atenuaram a forma de se relacionar com o jornalismo cultural, passando a dar mais importância aos apelos da variedade. O jornal A Crítica também passou por essa mudança de paradigma. Talvez a cobertura que fazíamos no Criação hoje pareça mais forte porque nós misturamos tudo, fomos “eccléticos”, mas sem deixar de aprofundar os temas com os quais trabalhamos.

07) Qual era linha editorial do Criação?

No início, a nossa pretensão era cobrir o máximo possível de assuntos ligados à vida cultural de Manaus, e, na medida do possível, dar uma cara regional a essa cobertura, mas sem nos fechar para os temas de repercussão nacional e internacional.

08) O que caracterizava o jornalismo cultural na época do Criação?

O jornalismo cultural no Amazonas sempre esteve muito próximo do clientelismo e isso porque o Estado sempre teve uma mão muito forte no meio cultural, na produção de cultura. A “cultura do release” era muito forte (não sei como é hoje), mas, em geral, os jornais procuravam “agradar”.

09) Sabe por que tinha esse nome “Criação”? Tinha a intenção de ser mais próximo da criatividade, dos artistas, etc.?

No início, a orientação do jornal era que o nome do caderno tivesse alguma relação com o nome A Crítica, tanto que à revelia do próprio Frânio Lima, o setor gráfico manteve um nome que havia sido rejeitado pela direção: o primeiro número do caderno saiu “A CriAção”. Mas, sim, o nome tem a ver com a criação artística.

10) As matérias de jornalismo cultural eram mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

Na medida do possível, procurávamos dar em maior quantidade a nossa cobertura dos assuntos locais, mas nem sempre isso era possível.

11) Sobre a cultura local, o que era abordado pelo jornal?

A nossa gama de assuntos era a mais ampla e diversificada possível. Havia espaço inclusive para publicação de artigos e resenhas de livros e filmes.

12) Como era a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Durante os quase oito anos do Criação tivemos uma razoável participação de intelectuais e artistas como colaboradores do caderno. Publicamos séries inteiras de alguns professores da Ufam, por exemplo.

13) Via e-mail você relata o seguinte: “chegou um momento em que achávamos que o caderno podia de fato contribuir - e de fato contribuiu, mas só descobrimos isso depois de encerrado - para a discussão de uma política cultural em Manaus”. Qual foi essa política cultural? O que ocorreu que modificou esse cenário cultural de Manaus?

Nós contribuímos com a discussão, demos voz aos artistas, na medida do possível, para que essa crítica à política cultural fosse feita, já que os canais para isso estavam naquela ocasião fechados.

14) Na posição de editor, como se dava esse processo de elaboração do caderno? Relate um pouco como era essa rotina de produção do seu papel de editor juntamente com a equipe.

A editoria do Criação sempre foi diferenciada porque tínhamos a nossa redação, que funcionava numa sala independente, com telefone, arquivo (fotográfico, biblioteca e cadernos culturais de outros jornais). Reunião de pauta era na conversa do dia a dia. Mas havia a pauta elaborada que era passada individualmente, muitas vezes de acordo com a área com a qual o repórter tinha mais afinidade.

15) Quanto à dinâmica de produção de matérias. Tinha carro, telefone, máquina fotográfica? Quais as principais facilidades e dificuldades?

Em termos gerais, tínhamos as mesmas condições de trabalho das outras editorias, as mesmas facilidades e dificuldades.

16) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como era feito? Comprava livros? Ia às bibliotecas? Dava tempo?

Quando o material exigia pesquisa era inevitável ir à biblioteca. Mas, a maior parte do tempo recorriamos ao arquivo da memória.

17) E quanto ao tempo, tendo em vista que era um caderno diário, como era feito para produzir as matérias com a realidade analógica da época?

Nós já pegamos algumas facilidades da era dos computadores, embora eu tenha trabalhado, pelo menos nos dois primeiros anos, numa máquina de datilografar, onde

eu escrevia os títulos, as legendas, os sutians, que iam para a composição, mas os repórteres sempre trabalharam no computador.

18) Com a chegada da internet, o que mudou?

Nos últimos meses do caderno ainda pudemos trabalhar com alguma facilidade oferecida pela internet, mas no geral usufruímos muito pouco dessa tecnologia, o que hoje parece improvável.

19) E o columnismo social? Como era feito? Qual era o foco de uma coluna social no Criação? Era diferente do que é feito hoje no Bem Viver?

Columnismo social sempre teve canal direto com a direção do jornal porque atende a interesses muito particulares. Embora trabalhássemos na mesma redação, não havia ingerência da nossa parte no conteúdo publicado pelos columnistas.

20) Participou do processo de criação do Bem Viver?

Sim, participei. Elaborei um novo projeto editorial, mantendo algumas seções do Criação. O projeto gráfico veio no processo de mudança que o jornal inteiro passou em abril de 1999.

21) Chegou a trabalhar no Bem Viver? Como avalia o caderno?

A mudança da linha editorial foi brutal. O centro de interesse do jornal mudou e o caderno deixou de lado os principais aspectos que definiram o antecessor, da abordagem na cobertura, à inclusão de várias seções de serviços.

22) Todas essas editorias (gastronomia, turismo, cinema, TV, séries) já existiam no Criação? Como eram trabalhadas?

Não havia gastronomia nem turismo no Criação, mas sempre demos material sobre cinema e TV.

23) O que incentivou o fim do Criação e o início do Bem Viver?

A começar pelo projeto editorial e gráfico, o Criação não se encaixava mais no projeto que a direção tinha para o jornal.

24) Em sua concepção, qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver?

O principal aspecto dessa diferença reside no interesse que um jornal demonstra com relação a quaisquer de suas editorias. O que havia por trás do conceito cultural do Criação que hoje o Bem Viver não tem foi sustentado em parte pelo entusiasmo do jornalista Frânio Lima como diretor de redação em relação ao caderno que ele ajudou a criar. Quando o modelo se tornou insustentável a única maneira de mudar

drasticamente tinha que ser pela via da substituição do editor, o que é absolutamente normal.

25) Quanto ao jornalismo cultural de maneira geral. Você considera que ainda seja desenvolvido jornalismo cultural no Amazonas? Qual a sua leitura sobre esse cenário atual?

Sinceramente, tenho dúvidas de que o que fizemos era jornalismo cultural de verdade. Havia um interesse cultural, um envolvimento com a cultura nos profissionais que faziam o caderno, e isso foi fundamental para dar um aspecto diferenciado ao que escrevemos e editamos. Eu, a Leyla Leong, Elaíze Farias e Betsy Bell, que formamos a equipe mais duradoura – estávamos inteiramente focados, com o olhar voltado para essa realidade. E foi assim que aconteceu.

Apêndice 4: Entrevista com Lucy Rodrigues

Nome: Maria Lucy Pereira Rodrigues (Lucy Rodrigues)

Idade: 33

Formação: Jornalista formada pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), concluindo pós-graduação em Gestão de Conteúdo em Jornalismo pela Metodista-SP.

Ocupação atual: Editora do Bem Viver e Vida & Estilo do Jornal A Crítica

1) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era seu papel?

Iniciei em 2006 como estagiária dos suplementos – Revista da TV, Jornal da Família e Veículos. Comecei fazendo reportagens sobre comportamento, saúde e lançamentos do setor automotivo. Depois, fui promovida a repórter do Bem Viver e Suplementos, cobrindo, além de variedades, eventos culturais, produzindo resenhas, entrevistas, etc.

2) Participou do processo de implantação do caderno Bem Viver?

Não. Isso aconteceu em 1998. Porém participei de uma reforma de projeto gráfico em 2007 e da última reforma editorial em 2014, quando surgiram novos produtos como o Bem Viver Gente (caderno social de segunda-feira), Bem Viver TV (domingo) e o Bemviverblog (web).

3) Em que mês e ano nasce o caderno Bem Viver?

O caderno de cultura e entretenimento do jornal A Crítica passou a se chamar Bem Viver na reforma gráfica de 1998. Antes era chamado de Criação.

- 4) O jornalista de cultura trabalha apenas nas pautas de cultura ou ele atende outras editorias?

Os jornalistas do Bem Viver atendem às pautas do caderno diário de cultura e entretenimento e também às pautas especiais do suplemento de variedades Vida&Estilo, que é publicado aos domingos. Este último engloba pautas de comportamento, moda, saúde, beleza, gastronomia, bem-estar, entre outros assuntos. Além disso, contribuem com posts e conteúdo multimídia (vídeos) para o Bemviverblog e o portal Acritica.com

- 5) Você considera o jornalismo cultural feito atualmente mais forte que antigamente ou se torna mais entretenimento?

*Antigamente quando? Há uma década, há 50 anos ou há um século? Em Manaus, no Brasil ou no mundo? É necessário um parâmetro para comparar. Geralmente a gente tende a levantar sempre essa discussão de que o jornalismo cultural está enfraquecido, entretanto como afirma o jornalista Daniel Piza no livro *Jornalismo Cultural*, os chamados “segundos cadernos” figuram entre os mais queridos dos leitores. É fato que o jornalismo impresso mundial vem sofrendo uma crise internacional e a diminuição das páginas de jornal impactou diretamente nas seções de cultura e entretenimento de alguns veículos. Vivemos um período ainda de transição do fazer e da “forma”, mas um exemplo claro dessa importância do jornalismo cultural é o fato de todos os grandes portais da internet (dos grandes jornais ou não) manterem suas seções de arte e entretenimento sempre movimentadas e entre as mais lidas. Mais uma vez citando Piza, penso ser simplista reduzir a discussão a essas polarizações “cultura” versus “entretenimento”, “popular” versus “erudito”. O jornalismo cultural é amplo e perpassa por muitos outros assuntos que são manifestações culturais da sociedade e merecem destaque e tratamento de qualidade, a exemplo de moda, gastronomia e design. “Há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado, afinal a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos, atravessar linguagens(...)” (PIZA, Daniel, p.7 *Jornalismo Cultural*)*

- 6) Qual é a linha editorial do Bem Viver?

O jornal A CRÍTICA estabelece como premissas um jornalismo crítico e plural. Da mesma forma, o Bem Viver busca, com base nessas premissas, prestar aos seus leitores

informações de qualidade, com credibilidade, suscitando o debate, além de prestar serviços, por meio da divulgação de novas opções culturais e de lazer na Região.

7) O que caracteriza o jornalismo cultural do Bem Viver?

É um jornalismo plural, que visa tratar e abarcar o máximo da riqueza de temas do jornalismo cultural, buscando sempre, independente do tema, a abordagem mais jornalística possível, por meio da novidade e da análise.

8) Sabe por que tem esse nome “Bem Viver”? Tem a intenção de ser mais bem-estar social ou tem outra finalidade?

Como expliquei antes, esse nome surgiu após a mudança de projeto gráfico de 1998 e eu não estava na equipe. Consultando outros colegas de redação, a mudança veio seguindo uma tendência atual, especialmente a partir dos anos 90, quando alguns assuntos que pertencem ao universo cultural, embora não sejam exatamente linguagens artísticas e intelectuais, foram ganhando mais espaço nos cadernos culturais. Moda, gastronomia e design, por exemplo, aumentaram seus públicos e por sua vez sua relevância simbólica.

9) As matérias de jornalismo cultural são mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

A maior parte das matérias produzidas pela nossa equipe é voltada para a produção local e nacional. Também temos espaço para o noticiário internacional, por meio de matérias de agências que compramos ou quando somos convidados para alguma cobertura. Buscamos dar aos nossos leitores um leque mais variado e interessante possível de informação e serviços.

10) Sobre a cultura local, o que é mais abordado pelo jornal?

O trabalho dos artistas e profissionais em atividade, shows, exposições, festas e eventos da agenda cultural, bem como alguns temas comportamentais que estejam em destaque na sociedade.

11) Como é a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Os artistas e intelectuais da sociedade são nossas principais fontes. Têm espaço aberto para a divulgação de seus trabalhos, lançamentos, atividades. E sempre que temos algum tema mais denso em evidência, seja de comportamento ou de cultura, buscamos sempre consultar especialistas, como professores, antropólogos, sociólogos da área para embasar a discussão.

12) Na posição de editora, como se dá esse processo de elaboração do caderno? Relate um pouco como é a rotina de produção do seu papel de editor juntamente com a equipe.

No Bem Viver, temos uma reunião geral de avaliação e de pautas todas as segundas-feiras, em que discutimos sugestões e pré-definimos as pautas especiais de domingo e a maior parte das capas da semana. Mas sempre temos em mente que o jornalismo é dinâmico e alguma coisa sempre pode mudar. No dia a dia, nosso trabalho começa bem antes de chegarmos à redação. De manhã cedo, pelo nosso grupo fechado do whatsapp eu e o subeditor Artur Cesar batemos o martelo junto aos repórteres sobre as pautas do dia, dizendo em que página vai cada uma e o que cada repórter deve fazer, assim cada um já adianta seu material. Quando chegamos, por volta das 13h-14h, o caderno já está pré-definido, todos os repórteres já pré-editam seu material e nós vamos ao fechamento da edição propriamente dita, escolhendo melhores fotos, títulos, chamadas e revisando tudo e enviando as páginas para o fechamento.

13) Quanto à dinâmica de produção das matérias. Tem carro, telefone, máquina fotográfica? Quais as principais facilidades e dificuldades?

Por conta da agilidade do fechamento, a maior parte das matérias da edição do dia é feita por telefone, whatsapp ou email e as fotos enviadas pelas próprias fontes e/ou assessorias. Só em matérias especiais e capas enviamos fotógrafo da redação. Cada repórter tem seu desktop e uma senha de telefone para fazer ligações. Alguns preferem adiantar e fazer por meio do aplicativo whatsapp de seus telefones pessoais. Em casos especiais, como coletivas de imprensa e lançamentos ou entrevistas, as matérias do dia são feitas pessoalmente e o repórter e o fotógrafo usam o carro da redação. Nesses casos, o repórter também geralmente leva o celular do jornal para fazer fotos para as redes sociais e enviar material para o portal. Já as pautas de domingo são mais elaboradas e geralmente feitas in loco, com fotos exclusivas produzidas por nossos fotojornalistas e conteúdo multimídia, como vídeo e galeria de imagens. O deadline apertado às vezes dificulta um pouco a ampliação de algum assunto do dia, mas nada que não possamos ampliar no domingo se realmente for uma pauta importante. Em dias mais críticos, como quartas-feiras, em que todas as editorias concorrem para fazer fotos de suas matérias de domingo, também há alguma dificuldade de fotógrafo, mas contornamos tentando sempre adiantar os pedidos de fotografia para os dias mais tranquilos. Ter uma equipe afinada e jogo de cintura ajuda a superar as dificuldades.

14) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como é feito? Consulta a internet? Entrevista especialista? Dá tempo?

Esse é o trabalho básico de todo jornalista. Pesquisar, seja na internet, em livros, com as fontes (oficiais e não oficiais) cruzar informações, checar. A diferença que não pode deixar de ser citada é que o jornalismo cultural tem um peso mais opinativo, principalmente no caso das resenhas de livros, filmes, álbuns, shows. Enfatizamos sempre que essa opinião não deve ser arbitrária e sempre muito bem embasada. Como editora sempre procuro colocar os repórteres que têm maior afinidade para cobrir determinadas pautas. Sempre dá tempo.

15) E o colunismo social? Como é feito? Quem são os colunistas? Fazem parte da equipe? Qual é o foco?

O Bem Viver traz espaço diário para o colunismo social. Temos quatro colunistas sociais fixos da equipe, que contribuem para as edições diárias:

1. *Júlio Ventilari – coluna publicada diariamente - exceto às quartas-feiras- com foco nas grandes festas e eventos da alta sociedade amazonense e na política;*

2. *Rogério Pina – coluna publicada quase todos os dias, exceto segundas e sextas, com foco no segmento cultural—artistas, produtores, músicos e em turismo e variedades;*

3. *Luppa Romano – Coluna publicada às segundas, quartas e sextas, com foco em eventos sociais.*

4. *Baby Rizatto – Coluna publicada aos sábados, com foco na sociedade tradicional amazonense, política e no universo feminino;*

5. *Além disso, temos o caderno Bem Viver Gente de segunda-feira que é predominantemente voltado ao colunismo social, que conta com outros colaboradores, que trazem informações sobre eventos, festas, viagens, etc.*

16) Em sua concepção, qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver? (Se chegou a conhecer o Criação)

Não cheguei a conhecer o Criação.

17) Quanto ao jornalismo cultural de maneira geral. Você considera que ainda seja desenvolvido jornalismo cultural no Amazonas ou está se tornando cada vez mais entretenimento? Qual a sua leitura sobre esse cenário atual?

Sim, acredito que é feito jornalismo cultural no Amazonas. O jornalismo cultural é muito amplo, como já disse anteriormente e volto a dizer. Moda, gastronomia, design e

tantos outros assuntos podem ser bem trabalhados jornalisticamente como formas de expressões da cultura. Mas para além dessa discussão, o jornalismo engloba muitos outros gêneros além da reportagem. A opinião também é jornalismo. O perfil também é jornalismo, a crônica... são gêneros jornalísticos diferentes. Infelizmente o espaço na maioria dos jornais realmente diminuiu, mas há bons profissionais que ainda conseguem, mesmo com a correria do dia a dia, fazer diferença.

Apêndice 5: Entrevista com Elaíze Farias

Nome: Elaíze Farias

Idade: 45

Formação: Comunicação Social (Jornalismo) e Ciências Sociais - Ufam. Especialização em Etnodesenvolvimento pelo departamento de Antropologia (Ufam).

Ocupação atual: Cofundadora, editora e repórter da agência de jornalismo independente Amazônia Real

01) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era sua função?

Entrei no Criação em agosto de 1992, quando fui chamada para trabalhar como repórter do caderno. Até então, eu era repórter de cultura do jornal Amazonas Em Tempo, onde trabalhei durante quase um ano. Na época, fazia o último ano da faculdade de comunicação social (Jornalismo). Fiquei no Criação até março de 1999.

02) Durante esse período já existia um caderno dedicado à cultura? O Criação é o pioneiro?

Acredito que o Criação tenha sido o primeiro com periodicidade diária com espaço dedicado exclusivamente à produção de reportagens sobre artes e espetáculos. Mas certamente quem pode informá-la com mais profundidade seja o editor da época, Mário Freire. O Criação fez parte de um processo de reformulação geral pelo qual passou o jornal A Crítica em 1991. E nisso incluiu mudanças na própria linha editorial e contratação de jornalistas. Portanto, o Criação não está desligado dessa mudança e acredito que quem pode lhe ajudar concretamente a resgatar este período é o diretor de redação que promoveu essa mudança na época, Frânio Lima (ele saiu do jornal, se não falha a memória, em 2000/2001).

03) Participou do processo de implantação do caderno Criação?

Não.

04) O jornalista de cultura trabalhava apenas nas pautas de cultura ou ele atendia a outras editorias?

No período em que atuei como repórter no caderno (agosto de 1992 a março de 1999) fui repórter exclusivamente do Criação, inclusive nos dias de plantão.

05) Você considera o jornalismo cultural feito à época mais forte que o atual?

Considero que são períodos distintos e daí a necessidade de um recorte temporal. Naquele momento, havia um investimento e um incentivo à produção de um conteúdo voltado exclusivamente às produções e manifestações culturais e suas diferentes linguagens – artes plásticas, música, teatro, produção de cinema, quadrinhos, literatura, dança, etc. Não posso afirmar que era mais “forte”, pois estaria cometendo uma injustiça com o que se faz hoje. Os princípios editoriais da época seguiam uma tendência de então, inclusive nacionalmente, que encorajavam a produção mais contextualizada das reportagens. Tínhamos liberdade editorial para definir e escolher as pautas e não havia discriminação de linguagens. Algumas matérias exigiam narrativas mais longas e, por este motivo, não era incomum a necessidade de página inteira para os textos. Fazíamos um jornalismo mais crítico e, de certa forma, tinha influência no que se produzia na agenda cultural. As matérias não eram exclusivamente noticiosas, mas também contextualizadas e reflexivas, e acredito que isto representou um marco no jornalismo de Manaus. Observo que se faz atualmente é um jornalismo cultural mais pontual, factual e diversificado. Escreve-se sobre música e dança, mas também sobre gastronomia, moda e festas, em textos curtos. Trata-se hoje de uma escolha editorial da imprensa tradicional [caso a pergunta seja um recorte apenas no jornalismo local, produzido em Manaus, e da chamada imprensa corporativa]. Os aspectos mudaram em função de uma demanda mercadológica, mas também devido às novas referências e exigências midiáticas, influenciada pela internet e pelas redes sociais e, acredito, também pela exigência do público. Mas não posso dar um panorama atualizado do que se faz hoje, pois por motivos profissionais e escolhas pessoais, acabei seguindo outras trajetórias no jornalismo nos últimos 15 anos, e me afastei do jornalismo cultural.

06) Qual era linha editorial do Criação?

Produção de conteúdo jornalístico sobre diferentes linguagens e manifestações artísticas e sua importância e representatividade na cultura local, regional e nacional.

07) Sabe por que tinha esse nome “Criação”? Tinha a intenção de ser mais próximo da criatividade, dos artistas, etc.?

Acredito que sim, mas o Mário Freire ou o Frânio Lima podem responder de forma mais segura.

08) As matérias de jornalismo cultural eram mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

As matérias eram sobre as produções artísticas locais, regionais e nacionais - no caso destas últimas, quando havia relação com Manaus ou o Amazonas. O jornal A Crítica não é um veículo nacional, mas regional. Sendo assim, o conteúdo jornalístico priorizava [e falo apenas no passado, pois hoje minha relação com este conteúdo é distanciado] a produção local e regional. Naturalmente, fazíamos reportagens sobre produções de outras regiões, tais como espetáculos de dança ou peça teatral que se apresentavam em Manaus [ou quando, para citar um exemplo, alguma companhia de teatro empreendia alguma temporada em outra região]. O jornal, eventualmente, também optava por investir na cobertura de grandes eventos, como bienais do livro [cheguei a cobrir uma Bienal do Livro, em 1998] ou quando havia estreia de filmes. Havia também convites de produtoras de filmes ou livros para divulgar lançamento, embora com menos frequência com a qual se fez nas décadas seguintes.

O Criação produzia muitas matérias sobre filmes, lançamentos de discos de artistas locais, nacionais e internacionais. Era comum fazermos entrevistas por telefone e, quando era possível, pessoalmente, com cantores, bandas, diretores de filme, diretores de teatro, atores, atrizes, coreógrafos, etc. Um tipo de cobertura, aliás, que se faz ainda hoje.

09) Sobre a cultura local, o que era abordado pelo jornal?

Todas as produções e manifestações culturais sobre as quais considerávamos relevantes para o leitor e para o próprio artista. Não fazíamos distinção da chamada cultura erudita ou da cultura popular. Fazíamos matérias sobre exposições de artes plásticas, estreias de filme, lançamento de livros, turnês de cantores, temporadas de peças teatrais, festivais de ópera, shows de bandas de rock, shows de cantores populares, apresentações de performances artísticas debates em universidades, etc.

Nesta produção de conteúdo, fazíamos entrevistas com os autores, com os produtores culturais e os artistas. Também escrevíamos resenhas e, dependendo da importância, uma cobertura mais extensiva dos espetáculos. Um destes espetáculos foi o Festival Amazonas de Ópera, cuja primeira edição ocorreu em 1996, ainda sem a participação do governo do Estado. Tratou-se de um evento promovido por um músico polonês, Michael Jelden, um visionário que se arriscou a produzir um festival de música lírica

no Teatro Amazonas sem apoio algum do governo. Demos plena cobertura para o evento. No ano seguinte, o festival foi incorporado à agenda cultural do Estado, já com patrocínio público, tendo em vista a receptividade que a primeira edição conquistou, apesar das dificuldades. Na mesma época, foi criada a Amazonas Filarmônica e, desde o princípio, o Criação deu total espaço e visibilidade para a orquestra e seus músicos, a maioria vindos do leste europeu.

10) Como repórter, você podia sugerir pautas? Como se dava essa relação com o editor e a equipe?

Sim, havia total abertura para sugerirmos reportagens. A relação com o editor era, naturalmente, hierárquica, mas inteiramente democrática e acessível.

11) Como era a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Havia muita proximidade. De certa forma, esta relação era favorecida pela própria atuação nossa dentro da universidade e do ambiente acadêmico. Tínhamos acesso e credibilidade junto aos intelectuais e pesquisadores e, quando achávamos relevante, recorriamos a seus conhecimentos e estudos nas nossas reportagens. Entrevistávamos historiadores, sociólogos, antropólogos, críticos de literatura, filósofos, dramaturgos, etc. Havia alguns que contribuía de forma mais direta. Posso citar o sociólogo e professor Renan Freitas Pinto (UFAM), que durante um longo período escreveu semanalmente em um espaço fixo do caderno. Muitos de seus artigos foram posteriormente republicados na coletânea “Viagens das Ideias”, da Valer Editora. O mesmo posso falar do professor de Filosofia da Ufam e teatrólogo Marcos José, que escrevia regularmente para o caderno.

12) Como era a dinâmica de produção de matérias? Tinha carro, telefone, máquina fotográfica? Quais as principais facilidades e dificuldades?

O Criação era o que se chamava de “segundo caderno”. Não era a editoria principal do jornal (espaço este comum em vários veículos brasileiros). Portanto, não era o carro-chefe, apesar de bastante lido. Durante um período, por razões estruturais do jornal, dividíamos telefone com outras editorias. Mas foi um breve período. O Criação conquistou um importante espaço, que consistiu em uma sala própria, com acesso a telefone para cada repórter. Aqui, parênteses. Durante um período (especialmente no início) o Criação teve uma certa rotatividade de repórteres (Wilsa Freire, Gilson Monteiro, César Wanderley, etc), mas a maior parte de sua existência a equipe fixa foi formada por três repórteres (eu, Leyla Leong e Betsy Bell) e mais o editor, Mário

Freire, além dos colunistas. A internet ainda estava começando e o acesso era bastante restrito. Quando precisávamos fazer entrevista pessoalmente e apurar informações em campo solicitávamos com antecedência carro e fotógrafo. Havia dificuldade, mas nada que não pudesse ser contornado.

13) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como era feito? Comprava livros? Ia às bibliotecas? Dava tempo?

O jornalismo cultural exigia mais leitura e informação especializada para a maioria das matérias. Embora os repórteres não fossem especializados (no sentido de ter uma formação acadêmica), havia a certeza de que necessitávamos de conhecimento prévio para ajudar nas apurações. No meu caso, sempre fui uma leitora compulsiva, isso independente de optar em fazer Jornalismo na faculdade e, posteriormente, me tornar uma repórter de cultura. De certa forma, embora bastante jovem, essa bagagem inicial me ajudou na produção das reportagens. Logicamente que, no trabalho da redação, sentia mais necessidade de leitura e de novas descobertas. Tinha curiosidade para conhecer autores, escritores, artistas plásticos, história, etc. O Criação tinha uma pequena biblioteca formada por publicações que recebíamos de editoras de livros em época de lançamento. Mas também era composta por livros de nosso próprio acervo pessoal que levávamos para a redação. Muitos eram livros sobre óperas, sobre a historiografia amazonense, obras literárias de autores locais, sobre cinema, etc. Eu, particularmente, era assinante das revistas especialistas em cinema e música mais lidas na época [Set, Cinemim, Bizz, etc] e de jornais nacionais [Folha de S. Paulo, que possuía um maravilhoso caderno de cultura, a Ilustrada, e o caderno semanal Mais]. O jornal também possuía um acervo de revistas de artistas nacionais que usávamos para ilustrar as seções de resumo de programas de televisão. Não havia internet e muito menos google e nossas fontes de leitura e pesquisas eram exclusivamente publicações impressas. No caso da biblioteca pública, recorriamos apenas quando havia necessidade de pesquisar sobre as edições de jornais já fora de circulação.

14) E quanto ao tempo, tendo em vista que era um caderno diário, como era feito para produzir as matérias com a realidade analógica da época?

Em geral levávamos um dia ou dois dias no máximo para a produção da matéria. Matérias mais trabalhadas poderiam ser feitas ao longo da semana, desde que fosse obedecido o tempo de conclusão. Tínhamos a pressão do prazo de fechamento da parte gráfica e industrial e precisávamos entregar a matéria escrita e editada em horário determinado. O Criação era o primeiro caderno que ia para a impressão.

15) Com a chegada da internet, o que mudou?

Durante o tempo em que trabalhei no Criação [e, praticamente, o tempo de existência do caderno], a internet não teve muita influência relevante na produção de conteúdo. O acesso era restrito a um número limitado de computadores e, em geral, aos editores.

16) E o colunismo social? Como era feito? Qual era o foco de uma coluna social no Criação? Era diferente do que é feito hoje no Bem Viver?

Prefiro não responder. Sugiro indagar do então editor e dos próprios colunistas.

17) Chegou a trabalhar no Bem Viver? Como avalia o caderno?

Saí do Criação em março de 1999, no período de transição para o Bem Viver. Este fez parte de um projeto da direção do jornal e já se acenava para mudanças editoriais. No entanto, não fiz parte do Bem Viver, por isso prefiro não comentar.

18) Todas essas editorias (gastronomia, turismo, cinema, TV, séries) já existiam no Criação? Como eram trabalhadas?

Como falei nas respostas anteriores, cinema era um dos assuntos de nossas pautas. Fazíamos matérias sobre estreias de filmes, mas não apenas isso. Produzíamos reportagens sobre fatos curiosos que envolviam a história do cinema, dos atores/atrizes e dos diretores. Era uma forma de atrair o interesse do leitor para uma matéria que fugia do senso comum e de passar informação complementar. Cinema sempre foi um dos meus temas prediletos (eu tinha/tenho muitos livros sobre o assunto e era uma cinéfila). Sobre os outros assuntos citados na pergunta raramente fazíamos matéria. Sinceramente, não lembro.

19) O que incentivou o fim do Criação e o início do Bem Viver?

Não tenho dados para responder essa pergunta. Apenas os editores da época ou mesmo a direção do jornal.

20) Participou do processo de criação do Bem Viver?

Não. Mas o Mário Freire sim.

21) Em sua concepção, qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver?

Nos últimos anos, não tenho acompanhado o trabalho desenvolvido no Bem Viver, por isso seria arriscado de minha parte fazer alguma análise.

Apêndice 6: Entrevista com Betsy Bell

Nome: Betsy Bell Praia Moraes

Idade: 46

Formação: Jornalista

Ocupação atual: Empresária

01) Quando começou a trabalhar no jornal A Crítica? Qual era sua função?

Em 1991. Era repórter do Caderno Criação

02) Durante esse período já existia um caderno dedicado à cultura? O Criação é o pioneiro?

Acredito que o Criação foi o primeiro caderno de cultura dos jornais de Manaus, mas já havia jornais de cultura no início do século XX, na época da Belle Époque Manauara.

03) Participou do processo de implantação do caderno Criação?

Não.

04) O jornalista de cultura trabalhava apenas nas pautas de cultura ou ele atendia a outras editorias?

Somente nas pautas culturais

05) Você considera o jornalismo cultural feito à época mais forte que o atual?

Era mais cultural. Hoje acho que concentra muito no lazer.

06) Qual era linha editorial do Criação?

Registrar o que acontecia na área cultural no Amazonas. Confesso que se pautava do que é considerado arte para os intelectuais. Na verdade, não era muito popular.

07) O que caracterizava o jornalismo cultural na época do Criação?

Como respondi acima, era esse registro do que é considerado “arte de bom gosto” estava realizando nas mais diversas áreas culturais como teatro, dança, literatura, principalmente do Amazonas. O objetivo era mapear o trabalho dessas pessoas e grupos.

08) Sabe por que tinha esse nome “Criação”? Tinha a intenção de ser mais próximo da criatividade, dos artistas, etc.?

Acredito que sim. Não sei dizer que inventou o nome.

09) As matérias de jornalismo cultural eram mais voltadas para a cultura local ou para a demonstração da cultura nacional e internacional?

Mais local, mas também recebíamos material nacional e até internacional.

10) Como repórter, você podia sugerir pautas? Como se dava essa relação com o editor e a equipe?

Era bem aberto e informal. Poderíamos sugerir, sim, pautas.

11) Como era a participação de intelectuais da sociedade (professores, artistas, etc.) no caderno?

Era intenso. Tínhamos ótimas fontes, com muito conhecimento. Vide o Professor Mário Ypiranga Monteiro, escritor Paulo Jacó, Joaquim Marinho, Márcio Souza, Milton Hatoum... nomes reconhecidos e renomados até nacionalmente e internacionalmente.

12) Como era a dinâmica de produção de matérias? Tinha carro, telefone, máquina fotográfica? Quais as principais facilidades e dificuldades?

Recebíamos pautas ou fazíamos sugestões, que eram discutidas em reunião diária. Caso precisasse, tínhamos carro à disposição, mas resolvíamos muito pelo telefone. Também tínhamos fotógrafo à disposição, mas não éramos prioridades diante dos demais assuntos da redação como um todo.

13) E para saber mais sobre determinado assunto para produzir a matéria, como era feito? Comprava livros? Ia às bibliotecas? Dava tempo?

Sim. Tínhamos livros à disposição dos mais variados assuntos. Sobre arte, pintura, ópera. Íamos também às bibliotecas quando necessário. O tempo era mais organizado. Já sabíamos desde o começo da semana quais nossas pautas especiais para o final de semana. Às vezes, tínhamos duas semanas para fazer a matéria.

14) E quanto ao tempo, tendo em vista que era um caderno diário, como era feito para produzir as matérias com a realidade analógica da época?

Como respondido, era mais organizado. Eram inúmeras pautas “frias” e com datas a acontecer que eram distribuídas. Deixávamos as mais factuais em prioridade no dia. A equipe era razoável. Éramos quatro. O editor também escrevia e fazia matérias.

15) Com a chegada da internet, o que mudou?

Facilitou muita coisa com relação à pesquisa. Mesmo assim, o arquivo da Internet ainda não era o que há hoje. A facilitação maior era na paginação, que passou a ser eletrônica.

16) E o colunismo social? Como era feito? Qual era o foco de uma coluna social no Criação? Era diferente do que é feito hoje no Bem Viver?

Sim. Eram com mais notas e fotos sociais, mas acredito que os colunistas também evoluíram rápido com uma linguagem mais moderna, envolvendo negócios e até política.

17) Chegou a trabalhar no Bem Viver? Como avalia o caderno?

Sim, trabalhei pouco tempo, mas a proposta do Bem Viver foi bem diferente. Era uma linguagem mais rápida, com textos que eram mais matérias do que reportagens e o conceito de “cultura” também mudou. Ao meu ver, foi deixado um pouco de lado a arte e ganhou espaço o entretenimento.

18) Todas essas editorias (gastronomia, turismo, cinema, TV, séries) já existiam no Criação? Como eram trabalhadas?

Gastronomia e turismo eram temas tratados como comportamento e eram raros os espaços dados. Para o cinema, chegou a existir uma página; assim como para a literatura. Séries eram pouco pautadas.

19) O que incentivou o fim do Criação e o início do Bem Viver?

Acredito que a mudança dos tempos. Hoje, as pessoas lêem pouco reportagens grandes. Seja por desinteresse ou falta de tempo. Foi informado que o público queria matérias com cultura mais popular e de entretenimento. Foi este o comunicado para o fim do caderno de cultura.

20) Participou do processo de criação do Bem Viver?

Não. Não de criação, mas fomos chamados a colaborar com ideias. Solicitamos muito que ficasse as páginas de literatura e de filmes e ficaram durante um tempo. Depois, mudaram bastante o conceito.

21) Em sua concepção, qual a principal diferença conceitual entre o Criação e o Bem Viver?

Identifico o Criação como um caderno cultural realmente; o Bem Viver é um caderno de lazer e entretenimento.